unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara - SP

GÉSSICA TREVIZAN PERA

MIGRAÇÃO, TRABALHO E REPRESENTAÇÃO: Um estudo de caso sobre a *Coalition of Immokalee Workers*, Flórida

ARARAQUARA – S.P.

2015

GÉSSICA TREVIZAN PERA

MIGRAÇÃO, TRABALHO E REPRESENTAÇÃO:

Um estudo de caso sobre a *Coalition of Immokalee Workers*, Flórida.

Tese de Doutorado apresentada ao Conselho de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara

Linha de pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais
Orientadora: Profa. Dra. Leila de Menezes Stein
Bolsista CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2015

Pera, Géssica Trevizan
Migração, trabalho e representação: Um estudo de caso sobre a Coalition of Immokalee Workers, Flórida / Géssica Trevizan Pera – 2015
159 f. ; 30 cm
Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)
Orientadora: Leila de Menezes Stein

l. Migração. 2. Trabalho rural. 3. Estados Unidos.
4. Representação. 5. Worker Centers. I. Título.

GÉSSICA TREVIZAN PERA

MIGRAÇÃO, TRABALHO E REPRESENTAÇÃO:

Um estudo de caso sobre a *Coalition of Immokalee Workers*, Flórida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisitopara obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais .

Linha de pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais
Orientadora: Profa. Dra. Leila de Menezes Stein
Bolsa: CAPES

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: **Profa. Dra. Leila de Menezes Stein**
Universidade Estadual Paulista / FCLAr

Membro Titular: Prof. Dr. Flavio Limoncic
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Membro Titular: Prof. Dr. Revalino Antonio de Freitas
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Membro Titular: Profa. Dra. Marcia Teixeira de Souza
Universidade Estadual Paulista/ FCLAr

Membro Titular: Prof. Dr. Rodrigo Toledo
Universidade Estadual Paulista/ FCLAr

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para Rogério,
Meuamado companheiro.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a concretização de um sonho.

Em primeiro lugar, agradeço aos trabalhadores imigrantes da cidade de Immokalee, Flórida, que juntos me mostraram queum futuro melhor é possível.

A todos os membros e aliados da *Coalition of Immokalee Workers*que lutam, diariamente, por melhores condições de vida no campo.

À amiga e orientadora,Profa. Dra. Leila de Menezes Stein e aos nossos dez anos de parceria.

Ao Grupo de Pesquisa Trabalho e Trabalhadores,espaço fundamental para minha formação intelectual e pessoal.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/FCLAr.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal (CAPES),sem a qual esta pesquisa não seria possível.

Aos Profs. Dr.Flavio Limoncic eDr. Rodrigo Toledo, pelas importantes contribuições em meu exame de qualificação e defesa, além da constante preocupação com o desenvolvimento deste trabalho.

Aos Profs. Dra. Marcia Teixeira e Dr. Revalino Freitas pelo empenho e generosidade em contribuir com este trabalho final.

Ao Prof. Dr. Philip Williams que além de me oferecer todo o suporte acadêmico, foi também muito paciente para que minha estada em Gainesville, Flórida, fosse possível.

À Margarita Gandia, sempre tão gentil e solícita nos momentos em que eu já me encontrava desesperada.

Aos pesquisadores, Antonio Tovar e Juan Concha pela companhia, pelas referências documentais, pelos contatos e pelas caronas que renderam boas conversas de Gainesville à Immokalee.

À amiga e professora Dra. Renata Medeiros, sempre tão amávelcom seus bons conselhos.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Martins Constante pela confiança e apoio em minha candidatura ao estágio de Doutorado Sanduíche.

À minha mãe, Maria Ignez, por me ensinar que o impossível não existe.

Às minhas irmãs, Daniele e Veridiana, tão complementares e essenciais a minha existência.

À minha amiga/irmã Érica Mendonça, quantos desafios!

Aos meus amados sobrinhos, João Guilherme, Paulo Victor e Bárbara e minha amada afilhada, Anna Beatriz: vocês são o frescor que me renova a cada dia.

Aos amigos, Rosemeire Salata, Juliana do Prado,Alberto Brunetta, Ana Luiza Fornazari, Camila Mainardi,Dulcelaine Nishikawa, Maria Luiza Zeraik, Mariana Milano, Claudio Vinicius Gonçalves (Vinny), Beatriz Coutinho, Henrique Junio Felipe (Galego), Naty Troia, Ana Paula Bueno, Zé Galinha, Vanessa Rodrigues, Binha, Luciana Montanari, Sandra

(Sandrita), Thelminha, Fabiana Klein, Áureo Moreira, Fawsia Borralho, Estela, Moacir e tantos e tantos outros sempre dispostos a ouvir e prontos para me ajudar. Muito obrigada.

À amiga, Elisabeth Alexandre, por tudo e mais um pouco. Gratidão.

Aos amigos e parceiros, Erick e Gisleine, pelas palavras certas na hora certa e pelos importantíssimos momentos de descontração, tão necessários ao processo reflexivo.

Aos meus sogros Romualdo e Nilza, pela confiança e incentivo.

Ao meu saudoso amigo Marco Perez, que sempre soube dessa conquista.

Por fim, agradeço ao meu companheiro de vida e também de pesquisa, Rogério P. Campos. Obrigada por me fazer uma pessoa melhor todos os dias.

Soy lo que dejaron

Soy toda la sobra de lo que se robaron

Un pueblo escondido en la cima

Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima

Soy una fábrica de humo

Mano de obra campesina para tu consumo

Frente de frío en el medio del verano

El amor en los tiempos del cólera, mi hermano!

Soy el sol que nace y el día que muere

Con los mejores atardeceres

Soy el desarrollo en carne viva

Un discurso político sin saliva

Las caras más bonitas que he conocido

Soy la fotografía de un desaparecido

La sangre dentro de tus venas

Soy un pedazo de tierra que vale la pena

Una canasta con frijoles, soy Maradona contra Inglaterra

Anotándote dos goles

Soy lo que sostiene mi bandera

La espina dorsal del planeta, es mi cordillera

Soy lo que me enseñó mi padre

El que no quiere a su patría, no quiere a su madre

Soy américa Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina

Tú no puedes comprar el viento

Tú no puedes comprar el sol

Tú no puedes comprar la lluvia

Tú no puedes comprar el calor

Latinoamérica (Calle 13)

RESUMO

Esta pesquisa analisa o surgimento e o desenvolvimento de novas formas de organização e representação de trabalhadores imigrantes rurais nos Estados Unidos. Extremamente necessários à economia do país, esses trabalhadores foram ao longo da história excluídos de benefícios sociais e impedidos de se organizarem legalmente. Contudo, apesar de ocuparem o degrau mais baixo da cadeia produtiva, onde os cidadãos norte-americanos se recusam a trabalhar, sujeitos de uma realidade precária, de invisibilidade social, estes trabalhadores não se caracterizam pela passividade. É neste contexto de enfrentamento que focamos nossos olhares com o objetivo de compreender como um grupo de imigrantes no sul do estado da Flórida, onde está localizada a região agrícola de Immokalee tem desenvolvido um movimento de resistência a essa condição. Caracterizada como importante centro de produção agrícola do país, anualmente esta região demanda milhares de trabalhadores para o trabalho nas lavouras de citros e vegetais. Cansados das frequentes irregularidades ocorridas nos campos e, movidos pelo interesse comum por melhores condições de vida e trabalho, um grupo de trabalhadores imigrantes fundou em1993, a*Coalition of Immokalee Workers* (CIW), uma organização de base comunitária, sem fins lucrativos que vem buscando ao longo destes vinte anos representar os catadores de tomate que não são cobertos pelos benefícios sociais no país. Nacionalmente reconhecida, a organização conta com o apoio de diversos seguimentos da sociedade e tem como princípio: Consciência + Comprometimento = Mudança.

Palavras-chave: Migração. Trabalho Rural. Estados Unidos. Representação. Worker Centers.

ABSTRACT

This research analyzes the emergence and development of new forms of organization and representation of migrants farmworkers in the United States. Extremely necessary for the country's economy, these workers were excluded throughout history of social benefits and prevented from organizing themselves legally. However, although they occupy the lowest rung of the production chain, where American citizens refuse to work, subject to a precarious reality of social invisibility, these workers are not characterized by passivity. It is in this context that we focus our eyes in order to understand how a group of immigrants in the southern of Florida, where is located the agricultural region of Immokalee has developed a resistance movement to this condition. Characterized as an important center of agricultural production in the country, annually this region demand thousands of workers to work in citrus and vegetable crops. Tired of frequent irregularities in the fields and, from common interest for better conditions of life and work, a group of immigrant workers founded in 1993, the Coalition of Immokalee Workers (CIW), an organization of community-based non-profit that comes looking over these twenty years represent the tomato pickers that are not covered by social benefits in the country. Nationally recognized, the organization has the support of various segments of society and that principlet: Consciousness + Commitment = Change.

.

Keywords:*Migration.Farmwork. United States. Representation. Worker Centers.*

LISTA DE FOTOS E ILUSTRAÇÕES

Foto 1	Sede da *Coalition of Immokalee Workers*	9
Foto 2	Cooperativa de alimentos da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee	13
Foto 3	Logotipo da rede de fast-food	24
Foto 4	Protesto em frente ao Wendy's em Naples, FL. 07 Set. 2014	24
Foto 5	Protesto realizado em frente a rede de fast-food Wendy's na cidade de Naples, FL (07 de setembro de 2014).	26
Foto 6	Cartão postal da CIW	27
Foto 7	Protesto "Boot the Braids!"	28
Foto 8	Protesto realizado em frente à rede varejusta Publix em setembro de 2014	29
Foto 9	Fax Símile do Holerite	44
Foto 10	Baldes de coleta com e sem copete	45
Foto 11	Cartazes que lembram ao trabalhador os seus direitos	46
Foto 12	Estacionamento onde os trabalhadores pegam os ônibus para o trabalho	65
Foto 13	Catadores de tomate em Immokalee, Flórida, sede da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee	67
Foto 14	Trabalhador da Coalizão dos trabalhadores de Immokalee apresentando o número de baldes necessários para que um colhedor consiga alcançar o salário mínimo diário na lavoura	68
Foto 15	*No se puede Encarcelar La inconformidad de un Pueblo* – Sede da CIW	111
Foto 16	Chegada a Immokalee, Flórida	114
Foto 17	Sede da CIW	116
Foto 18	*"No mas abusos"*– Sede da CIW	117
Foto 19	*Farmworker Freedom March* – Sede da CIW	117
Foto 20	Cartaz que apresenta codificação dos envolvidos na produção de tomate	118
Foto 21	Membros da CIW	122
Foto 22	Apresentação Teatral	123

Foto 23	Trailers de moradia dos trabalhadores rurais em Immokalee	130
Foto 24	Fotonovela ensina cuidado de saúde e prevenção a doenças	133
Foto 25	Imagens do protesto realizado pela CIW, SFA e organizações amigas, setembro/2014.	138
Ilustração 1	Esquema sobre a movimentação dos protestos	141

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Dados demográficos de Immokalee	33
Gráfico 2	Número de Worker Centers nos Estados Unidos	53
Gráfico 3	Emissões de Vistos H-2A – Anos 2007-2012	100
Gráfico 4	Emissões de Vistos H-2B – Anos 2007-2012	101

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Região de Immokalee – Sul da Flórida/EUA.	30
Mapa 2	Estados e fluxos de migração	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Acordos assinados entre as empresas e *farmers* por ano.	18
Tabela 2	Dados sobre a cidade de Immokalee, Flórida	32
Tabela 3	Fair Food Premium	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFL-CIO:American *Federal of Labor and Congress of Industrial Organizations*

AOW: *Alternative Organization of Workers*

DOL: *United States Department of Labor*

CIW: *Coalition of Immokalee Workers*

IA: *Interfaith Action of Southwest Florida*

IFAS: *University of Florida Institute of Food and Agricultural Sciences*

IRCA: *Immigration Reform and Control Act*

HUD/US: *United States Department of Housing and Urban Development*

H2A: *U.S. Department of Labor's temporary agricultural program to bring Nonimmigrant foreign workers to the United States*

SFA: *Student Farmworkers Alliance*

USDA: *United States Department of Agriculture*

NAWS: *National Agricultural Workers Survey*

NLRA: *National Labor Relations Act*

FFSC: *Fair Food Standard Council*

FFP: *Fair Food Program*

FLSA: *Fair Labor Standards Act*

NAFTA: *North American Free Trade Agreement*

UFW: *United Farm Workers*

U.S. : *United States of America*

USCB: *United States Census Bureau*

Sumário

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO 1 *¡ Si se puede! Coalition of Immokalee Workers* **9**

1.1 A política dentro da CIW **19**

1.2 O Papel das Ong's amigas: trabalhando com, e não para os trabalhadores rurais **19**

1.2.1 Campanha "Boot the Braids" 24

1.2.2 Publix, escucha, estamos en la lucha! 28

1.3 Conhecendo Immokalee, Flórida **30**

1.4 Estratégias de Representação e Metodologias de Ação **35**

1.4.1 Fair Food Program 39

1.4.2 *Fair Food Standard Council* 47

1.5 Worker Center e novas formas de representação **48**

1.5.1 Coalition of Immokalee Workers: organização trabalhista ou worker center? 58

CAPÍTULO 2 **61**

Estrutura Agrícola da Flórida **61**

2.1 Como máquinas nos campos: Immokalee, Florida. **63**

2.2.1 Rotina de trabalho e formas de assalariamento 65

2.2.2 Contratistas e Líderes de turma: interligando as partes 70

CAPÍTULO 3 **81**

Programas de Recrutamento de Trabalhadores nos Estados Unidos **81**

3.1 Estudos sobre migração nos Estados Unidos **82**

3.2 Imigração e Trabalho nos Estados Unidos **87**

3.1 Programa Bracero **90**

3.2 Cesar Chavez, um símbolo da resistência nos campos da California **96**

3.3 Guestworker Programs (H-2) **98**

3.3.1Agricultural Temporary Guestwork Program (H2A) 101

3.4 Leis do trabalho **105**

3.4.1 National Labor Relactions Act (NLRA) 106

3.4.2 Lei Alfredo Bahena 107

3.4.3 The Fair Labor Standards Act (FLSA) 107

3.4.4 Migrant and Seasonal Agricultural Worker Protection Act (AWPA) 108

3.4.5 Occupational Safety and Health Act (OSHA) 109

3.5 Taft-Hartley Act ou Labor–Management Relations Act (LMRA) de 1947 **110**

CAPÍTULO 4 **111**

Caderno de Campo **111**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **143**

BIBLIOGRAFIA **146**

ANEXOS **156**

INTRODUÇÃO

Nos Estados Unidos o desenvolvimento da agricultura moderna orientada para a produção em larga escala demanda além de investimento em tecnologias de plantio, insumos e maquinário, investimento em mão de obra. Na agricultura, um número expressivo de trabalhadores imigrantes e temporários cruzam as fronteiras do país para acompanhar as safras ao longo do ano, executando atividades que as máquinas ainda não são capazes de realizar.

Nestas regiões agrícolas, o estabelecimento de territórios migratórios surge através de uma população formada a partir de múltiplas identidades. Nestes espaços, indivíduos vindos de diferentes países, com diferentes culturas, etnias e comportamentos passam a desenvolver novas formas de sociabilidade através das redes sociais construídas pelo grupo.

Para este trabalho, focamos nossos olhares na região sul do estado da Flórida, porta de entrada dos imigrantes, em sua maioria, caribenhos e latino-americanos que buscam conseguir um, dos milhares de postos de trabalho oferecidos nas muitas lavouras de vegetais e citros da região. Considerado o degrau mais baixo da cadeia produtiva, o trabalho assalariado rural emprega tanto trabalhadores imigrantes, quanto trabalhadores temp-=´p09m norários, sendo um grande número destes, indocumentados.

Segundo o *National Center for Farmworker Health Inc.(NCFH)*[1],a agricultura no ano de 2012, contava comalgo em torno de 3 milhões de postos de trabalho, ocupados porimigrantes e trabalhadores temporários em todo o país, sendo os estados da Califórnia, Texas, Washington, Flórida, Oregon e Carolina do Norte, os principais destinos.

[1] Cf. O NCFH é uma organização privada, sem fins lucrativos, localizada na cidade de Buda, no estado do Texas, e desde 1975 vem se dedicando a melhorar as condições de saúde da população rural através do auxílio e acesso a saúde, informando as famílias sobre centros de assistência gratuita e oferecendo cursos e palestras de conscientização e prevenção. De grande relevância no país, esta organização conta com o apoio de pesquisadores de diversas universidades e sua produção científica é referência entre os pesquisadores de saúde, assistência médica e prevenção de doenças. *National Center for Farmworker Health Inc.*In: http://www.ncfh.org/docs/fs-Migrant%20Demographics.pdf > Acesso em : dez/2012.

Tendo em vista que em diversas fazendas estes imigrantes enfrentam condições sub-humanas de trabalho, sob um sol escaldante e recebendo baixíssima remuneração, esses trabalhadores rurais não se calam. É com o objetivo de compreenderque mesmo em condições precárias e por vezes de coação e medo, estes trabalhadores vêm desenvolvendo ao longo dos anos, organizações que buscamrepresentá-los nas esferas onde a não cidadania os excluiu.

A história destes grupos que vivem a margem da sociedade norte-americana vem sendo alterada pela formação de organizações reconhecidas no país como Worker Centers que buscam representar os trabalhadores que não podem participar dos sindicatos tradicionais. Os Worker Centers no país já contam mais de 230 unidades e atuam de forma independente, de acordo com a causa defendida. Apesar de encontrarem no trabalho seu foco, expandem seus serviços para toda a vida da comunidade em que estão instalados.

Buscando aliar luta e consciência coletiva, um grupo de imigrantes trabalhadores rurais fundou um Worker Center chamado C*oalition of Immokalee Workers*, uma organização de base que juntamente com aliados de diferentes classes sociais, etnias e religiões têm alterado o quadro de precariedade do trabalho em Immokalee, no sul da Flórida.

Desde 1995, através de diferentes abordagens, o grupo vem organizando ações coletivas e protestos que mobilizam a comunidade de Immokalee e congregam os aliados que ajudam a pressionar multinacionais de *fast-food*, corporações varejistas e produtores rurais a participarem da mudança na produção de alimentos no país, através da afiliação a um programa de responsabilidade social (*Fair Food Program*[2]) que tem como premissas, melhorar a vida dos trabalhadores rurais através da conquista de aumento de salários, condições seguras de trabalho e proteção contra qualquer forma de extorção e exploração do trabalho nos campos.

Ainda que a *Coalition of Immokalee Workers* não possa ser formalizada enquanto sindicato, por impedimento legal previsto na National Labor Relations Act de 1935 - que impede a sindicalização de trabalhadores estrangeiros -, o grupo que atua enquanto um *Worker Center* vem trabalhando de modo paralelo aos sindicatos e a grande central sindical

[2]http://www.fairfoodprogram.org/

dos Estados Unidos, a *American Federation of Labor and Congresso of Industrial Organizations* (AFL-CIO).

Nesse sentido, buscaremos analisar comoo surgimento destas organizações, que representam trabalhadores imigrantes excluídos de benefícios sociais e legais no país, vem ganhando força e notoriedade na sociedade e nas mídias sociais dos Estados Unidos.

A natureza sazonal e o emprego agrícola temporário combinado com baixos salários apresentam um quadro delicado de trabalho precário no país. Exemplo típico de uma parte real que reproduz a totalidade, a região de Immokalee, no sudoeste da Flórida, compreende tais características que revelam as péssimas condições habitacionais, sanitárias, alimentares e de trabalho em diversas fazendas produtoras de alimentos no país (STEIN e COUTINHO, 2013; TOVAR, 2013; CANO, 2014).

Neste cenário combinado de migração e o trabalho rural, o desenvolvimento de diversos modelos de resistência em busca de cidadania, de direitos sociais e econômicos são criados à medida que observamos uma inquietação expressa nas lutas e na organização da representação destes trabalhadores migrantes. Temos como hipótese que a formação da *Coalition of Immokalee Workers,* uma organização de trabalhadores imigrantes rurais no sul da Flórida, se apresenta como uma reação à ausência de benefícios e direitos sociais nos Estados Unidos através da resistência que teve início nas lavouras de tomate.

Além da conquista de direitos no local de trabalho, esses imigrantes buscam estender aluta para toda a vida social da comunidade, desenvolvendo metodologias de ação que tem como objetivo conscientizar tanto os trabalhadores, sujeitos desta condição quanto à sociedade em geral, que consome esses alimentos produzidos em condições inadequadas e muitas vezes desconhece a realidade das fazendas da Flórida.

A hipótese de que tais condições adversas, a saber, a condição de emprego, os baixos salários, o status de imigração (muitos estão irregulares), as dívidas com agenciadores e a exclusão da *National Labor Relations Act*, estimulou os trabalhadores a construírem uma organização que deu voz aos problemas enfrentados no campo.

Objeto de estudo e Metodologia

Anualmente, milhares de pessoas cruzam as fronteiras dos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida através da conquista de um trabalho, seja este no campo ou na cidade. Destes recém-chegados podemos encontrar tanto imigrantes que entram legalmente, através de vistos ou permissões temporárias, quanto os que arriscaram suas vidas atravessando o deserto ou navegando por mares e rios em embarcações improvisadas.

Muitos constroem seu capital social através de uma rede de sociabilidade, contando com um amigo ou familiar que percorreu trajetória parecida anos anteriores e que os auxilia na chegada(PORTES, 1995; BOURDIEU, 1986). Outros se vêem obrigados a contratar agenciadores, conhecidos como coiotes, e que transportam os imigrantes do país de origem até os Estados Unidos cobrando preços, muitas vezes, exorbitantes. Sem condição de pagar os altos custos da viagem, seja ela regular ou irregular, os imigrantes recorrem a empréstimos com agiotas a juros altos, sendo comum deixarem os familiaresna terra natal como seus fiadores.

O compromisso em sanar a dívida com o coiote, a necessidade de enviar dinheiro para subsistência da família e o sonho de conquistar uma vida melhor faz com que muitos destes imigrantes aceitem trabalhar sob péssimas condições.

Neste estudo, tivemos como objeto, um grupo de trabalhadores que sujeitos desta realidade supracitada, não aceitaram ficar calados e reagiram através da organização de um grupo que a mais de vinte anos vem construindo uma nova história nos campos da Flórida. É este grupo, sua história e conquistas, intitulado *Coalition of Immokalee Workers*(CIW) que buscamos tratar neste trabalho.

Com o objetivo de compreender como novas formas de organização de trabalhadores imigrantes rurais têm se dado num contexto pouco favorável, traçamos um breve histórico que antecede a chegada destes imigrantes, perpassando pelas condições de empregabilidade deles

no sul da Flórida e alcançando o heterogêneo campo de estratégias de resistência à precariedade das condições de vida, ou seja, o empenho em elaboração de alternativas e lutas que lhes possibilite uma vida digna e um trabalho decente.

Entendemos que a metodologia da pesquisa leva o leitor aos caminhos percorridos pelo pesquisador na investigação.Este estudo de caso, através da análise da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee (*Coalition of Immokalee Workers - CIW*), buscou sugerir linhas para um quadro teórico onde se compreenda a emergência e o desenvolvimento de novos movimentos sociais, motivados principalmente pela ausência de direitos.

Buscar contribuir com um tema de pesquisa pouco abordado no Brasil é uma das premissas destatese. Sabemos que as pesquisas que envolvem o trabalho do imigrante latino americano e caribenho nos Estados Unidos são muitas, no entanto, ao longo de nossos estudos, encontramos uma brecha face aos estudos sobre estes imigrantes que realizam atividades nas áreas rurais daquele país[3].

Não temos a pretensão de oferecer uma metodologia de pesquisa, mas acreditamos ser fundamental descrever os passos dados para a realização deste trabalho. Assim, esta pesquisa de cunho qualitativo buscoucompreender a totalidade dos sujeitos deste estudo, através de diferentes caminhos e métodos.

Com base em Yin (2005)[4], pudemos compreender que apesar de diferentes classificações, um estudo de caso pode transitar por diferentes caminhos. Segundo o pesquisador, que divide os estudos de caso em: 1) exploratório, 2) descritivo e 3) explanatório (ou explicativo), cada um desses caminhos responde a diferentes perguntas, sendo o primeiro o responsável por aprofundar questões pouco conhecidas, o segundo, aquele que procura descrever uma situação de forma detalhada e o terceiro que versa para as possíveis explicações das causas deste fenômeno.

[3]Importante contribuição para o tema da migração para o trabalho rural nos Estados Unidos: STEIN, L.M; COUTINHO, B.I. **Trabalhadores hóspedes: Herders, Borregueros ou peões nas montanhas rochosas dos Estados Unidos e Canadá**. REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, v. vol.6, p. 1, 2013

[4]Yin apud Maffezzolli e Boehs, 2008.op. cit.

Além disso, autilização do estudo de caso (YIN, 2003; STAKE, 2000; HARTLEY, 2004) foi compartilhada com outros métodos de pesquisa qualitativa, como a pesquisa de campo, a observação participante, o registro fotográfico e de áudioe a pesquisa documental, resultando em uma metodologia que, acreditamos ter conseguido responder algumas perguntas desta pesquisa e levantar outras.

Concordamos que a escolha do método para o desenvolvimento de uma pesquisa é sempre uma decisão difícil. Desenvolver uma metodologia apropriada requer paciência e esforço em diversas tentativas e erros ao longo do trabalho. No nosso caso, o esforço em lidar com três idiomas diferentes foi um fator de peso. Por vezes, a confusão mental de ler, pensar, traduzir e escrever em português, inglês e espanhol foi com certeza a superação de um grande desafio.

No primeiro momento, a levantamento bibliográfico e a pesquisa documental se deram, principalmente, através da consulta de livros e artigos relacionados ao tema. Muito da pesquisa documental foi feita em sites na internet, pois a organização estudada possui uma estratégia de alcance do público via redes sociais (*facebook*, *twitter*, *blogs*, *sites* de organizações aliadas que dão suporte ao grupo, etc).A participação em conferências e seminários foi essencial para aproximação com pesquisadores ede novas referências.

Uma segunda e importante fonte de conhecimento do tema foram as reuniões periódicas com o grupo de pesquisa Trabalho e Trabalhadores, sob a coordenação da Profa. Leila de Menezes Stein. Nestes dois momentos primordiais do trabalho, compartilhar as bibliografias e trocar conhecimentos deu um embasamento teórico à pesquisa.

Estas duas primeiras etapas foram complementadas pela pesquisa documental realizada na *University of Florida*, no *Center for Latin American Studies*, que disponibilizou um vasto acervo bibliográfico, além de contatos com o grupo de trabalhadores da *Coaltion of Immokalee Workers* e pesquisadores do tema tratado.

Foi a partir deste embasamento teórico que chegamos ao uso da metodologia do estudo de caso instrumental. Enquanto uma estratégia de pesquisa social qualitativa, o estudo

de caso, de acordo com Yin (2003a, p. 2) "*vem do desejo de entender complexos fenômenos sociais", pois, "o método de estudo de caso permite ao investigador reter as características holísticas e significativas da vida real desses eventos*".

O método de observação participante foi bastante utilizado quando esta pesquisa procurou construir espaço empírico. Esse método qualitativo auxilia o pesquisador a entender o grupo, o pensamento, os sentimentos e as interações das pessoas (LICHTERMAN, 2002), principalmente quando utilizado em conjunto com o trabalho descritivo.

Ao realizar o estágio de doutorado sanduíche foi possível participar de eventos organizadospela *Coalition of Immokalee Workers* e que ofereceram suprimentos fundamentais para o resultado do trabalho. A riqueza de conviver lado a lado com o objeto, ou como procuramos chamar, os sujeitos deste trabalho, contrasta com a preocupação em manter a imparcialidade. Malinowski (1976)trabalhou essa problemática ainda nos anos de 1920. Sabemos que a imparcialidade total na observação participante é algo pouco ou jamais experimentado, tendo em vista que o observador carrega consigo pré-julgamentos que influenciam seu pensamento, entretanto o observador deve tomar alguns cuidados para não contaminar a coleta de dados com sua interpretação e opinião (MARTINS, 2008).

Com base nas lições apreendidas pelos estudiosos e a interpretação dos fatos que ocorreram no período de pesquisa de campo, buscamos filtrar o máximo possível de parcialidade e obter material que se relacionassem com nossos estudos teóricos. Assim, a utilização do método de triangulação[5] buscouutilizar diferentes modelos de pesquisa qualitativa dentro das ciências sociais com o interesse em aprofundar a argumentação através da coleta de dados sobre o mesmo fenômeno (JICK, 1979, p. 602 apud KHOLBACHER, 2006, s/n).

Concordamos com Kholbacher (2006) que todos os métodos apresentam pontos positivos e pontos negativos em sua abordagem, deste modo, a premissa de que a fraqueza de

[5]Segundo Yin (2005), o método de triangulação aplicado ao estudo de caso apresenta a vantagem utilizar múltiplas fontes de evidências para solucionar problemas de pesquisas que ressaltam o "como" e o "porque".

um método será suprida pela abordagem positiva do outro gera uma compensação, um balanço.

CAPÍTULO 1 *¡ Si se puede! Coalition of Immokalee Workers*

Foto 1: Sede da Coalition of Immokalee Workers
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014

Ao longo dos anos vimos a emergência e o desenvolvimento de movimentos sociais, geralmente formados com base naidentidade coletiva de um grupo que busca através da resistência organizada enfrentar as relações de poder existentes na sociedade. É baseado nas premissas destes movimentos de contestação que imigrantes latino-americanos e caribenhos iniciaram na pequena comunidade rural de Immokalee, no sul da Flórida, a *Coalition of Immokalee Workers.*

Para Payne (2003), a definição do termo movimentos sociais, considerando as variadas abordagens existentes e aceitas, refere-se a formas de organização e articulação baseada em um conjunto de interesses e valores comuns, com o objetivo de definir e orientar as formas de atuação social. É a partir destas formas de ação coletiva que os processos frequentemente não institucionalizados de pressão, buscam mudar a ordem social existente, ou pelo menos, parte dela, além disso, influenciam os resultados de processos sociais e políticos ou em ultima instância, decisões institucionais de governos e organismos referentes à definição de políticas públicas.

A comunidade de Immokalee alcançouo imaginário norte-americano por estar localizada próxima à região de Belle Glade, local onde foi filmado o polêmico documentário

Harvest of Shame, do jornalista Edward Murrow[6], exibido por um canal de televisão aberto do país, no dia seguinte ao de Ação de Graças de 1960. O documentário relatou a exploração dos trabalhadores rurais no Sul da Flórida através de uma série de denúncias de abusos e violações legais nos campos, como o não pagamento de horas extras, falta de infraestrutura no trabalho, como água e banheiros e o transporte dos trabalhadores em carretas de caminhões. Três décadas depois, esta região marcada pela crescente produção de frutas e vegetais frescos e pelas constantes ondas de imigração para o trabalho rural tornou-se a sede de uma grande organização social do país.

Fundada em 1993, a *Coalition of Immokalee Workers* (CIW) teve início a partir de um pequeno grupo de trabalhadores imigrantes que passaram a se reunir em uma sala emprestada pela Igreja Católica local. Em comum, possuíam o interesse em compartilhar suas vivências e os problemas que vinham enfrentando na comunidade de Immokalee. Foi no salão da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe que imigrantes mexicanos, guatemaltecos e salvadorenhos deram início àesta importante história de lutas e conquistas de direitos no sul da Flórida.

Os primeiros encontros dos trabalhadores ocorreram ainda no ano de 1992 - antes de sua fundação oficializada - onde os imigrantes já se reuniam para buscarem soluções para os problemas que enfrentavam na lavoura, principalmente relacionados ao pagamento dos salários e condições de trabalho. Com o passar dos anos, o grupo, mais organizado, passou a pensar sobre formas de fortalecer a organização e chamar a atenção da sociedade para o problema que enfrentavam. Hoje, decorridos mais de vinte anos, a Coalizão tem ocupado um lugar de destaque entre os grupos de movimentos sociais que atuam em defesa de trabalhadores rurais do país.

Com o lema *Consciência + Comprometimento = Mudança*, a Coalizão representa hoje algo em torno de 4500 trabalhadores, divididos entre trabalhadores imigrantes e trabalhadores temporários ou sazonais[7].

---

[6]*"Harvest of Shame"* (Colheita da Vergonha) do diretor Edward Murrow é um documentário produzido pela CBS e exibido no dia seguinte a ação de graças, principal feriado dos Estados Unidos. O documentário apresentou as sweatshops nos campos, impactando milhões de cidadãos americanos que não tinham conhecimento da realidade do trabalho nas fazendas de frutas e vegetais no país. O documentário está disponível na íntegra no seguinte endereço: <http://www.npr.org/2014/05/31/317364146/in-confronting-poverty-harvest-of-shame-reaped-praise-and-criticism> .

[7]É importante esclarecer que neste trabalho optamos por tratar todos os que se deslocam de seu país de origem para trabalhar nos Estados Unidos como imigrantes, no sentido de imigrarem, entrarem no país. O modo como estes indivíduos são classificados, no entanto, é diferente. Pela legislação americana, aqueles que

Segundo uma das principais lideranças e fundador do grupo, o mexicano Lucas Benitez, o cumprimento de acordos de responsabilidade social assinados por determinados proprietários das fazendas, onde a Coalizão atua, reflete indiretamente na luta por justiça social em todo o estado da Flórida, e não somente em benefício de seus membros (BACON, 2003). Para além destes quatro mil e quinhentos trabalhadores, outros trinta e três mil trabalhadores rurais acabam sendo beneficiados pela postura atuante da organização.

Todavia, entendemos que a história de luta dos trabalhadores da Coalizão de Immokalee tem seu início antes da própria chegada destes imigrantes aos Estados Unidos. América Latina e Caribe viviam momentos turbulentos e violentos nas décadas de 1980 e 1990, o que motivou o surgimento de movimentos populares, com base na teologia da libertaçãoe organizações de bases religiosas na busca de direitos humanos, que se estendia para além da lente legalista que a dividia entre as categorias econômica, social e política. Guatemala enfrentava uma guerra civil devastadora e El Salvador sustentava um período de grande violência interna, razões que levaram muitos de seus cidadãos a se mudarem, parte destes para os Estados Unidos, futura mão de obra nas lavouras do sul da Flórida.

No dia 29 de Setembro de 1991 no Haiti, o então presidente eleito oito meses antes Jean-Bertrand Aristide foi deposto por um golpe de Estado arquitetado pelo Exército haitiano sob o comando do General Raoul Cédras, o Chefe de Gabinete do Exército Phillipe Biamby e o chefe da Polícia Nacional Michel François. Este movimento criou uma força de repressão contra lideranças comunitárias presentes no país, causando sua expulsão e motivando o trânsito para a região sul estado da Flórida e tal qual salvadorenhos e guatemaltecos, encontraram uma forma de sobrevivência nas lavouras de vegetais[8].

As experiências com movimentos sociais, organizações populares e engajamento político trazidas por muitos destes imigrantes, podem ser consideradas a base desta coalizão. Ainda nos primeiros passos da organização, que levava o nome de *Southwest Florida*

---

entram no país na condição de trabalhador temporário, ou seja, aqueles que são contratados para uma safra na sazonal da lavoura ou uma temporada em uma empresa, não são considerados imigrantes. A permissão de trabalho que lhes é concedida é autoexplicativa: *non-immigrant permission*. Existem também alguns trabalhadores que moram no país, regular ou irregulamente e que podem ser classificados como sazonais ou safristas. Estes, não retornam ao país de origem, mas também não trabalham com um único empregador durante o ano. A característica da sazonalidade da agricultura faz com que o contigente de safristas seja maior do que qualquer outro modo de contratação na agricultura.

[8] Cf: COLLINS, E.Jr.. (1996). "Regime Legitimation in Instances of Coup-Caused Governments-in-Exile: The Cases of Presidents Makarios and Aristide". **Journal of International Law & Practice,** V., 5, N. 2, p. 199.

Farmworker's Project, o grupo criou três comissões que representavam as três maiores comunidades étnicas que trabalhavam nos campos: mexicanos, guatemaltecos, e haitianos.

Para Wood e Mitchell (2007) os trabalhadores imigrantes, mesmo pertencentes a diferentes etnias compartilhavam as preocupações com baixos salários, a violência no local de trabalho, salários frequentemente roubados e a falta de respeito dos empregadores. Carregando a herança dos movimentos de insurreição camponesa, que deram voz às queixas dos trabalhadores empobrecidos e de classes subalternas na América Latina da década de 1960, os imigrantes reagem e essa condição que lhes é colocada e a partir deste conjunto de experiências compartilhadas fundam três diretrizes de ação para o movimento: educação popular, desenvolvimento de lideranças e ações de protesto[9].

- A primeira diretriz tem por base os princípios freirianos de empoderamento e conscientização da condição destes trabalhadores através da educação popular.

- A segundadiretriz se baseia no desenvolvimento de lideranças e é complementadacomas noções de empoderamento coletivo desenvolvidas por Paulo Freire, interessando a continuidade do movimento através de seu fortalecimento.

- A terceira diretriz se relaciona com o movimento em sua prática, através da atuação dos passos anteriores nos protestos e reivindicações.

A Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee se baseia dentro dessas três principais diretrizes. Abordaremos na sequência de forma mais detalhada estes pontos e apresentar essas estratégias de reivindicação realizadas ao longo destes mais de vinte anos da Coalizão.

Uma das primeiras ações de resistência e de organização comunitária ocorreu no ano de 1993, quando os membros da CIW iniciaram uma campanha de arrecadação monetária interna para a compra em grande quantidade de itens básicos de consumo (alimentos, produtos de higiene pessoal,etc.), posteriormente vendidos aos trabalhadores a preços mais acessíveis, de modo que os mesmos não ficassem a mercê dos empórios das fazendas e dos mercados da cidade. Ainda segundo Wood e Mitchell (2007), no final do ano os membros participantes recebiam os dividendos baseados em uma fórmula que consistia em quanto o membro havia colaborado financeiramente e também nas vendas. Após a institucionalização

[9] Estas três diretrizes serão aprofundadas mais a frente nesta tese.

da Coalizão enquanto uma organização sem fins lucrativos, no ano de 1996, este modelo de comércio foi substituído por uma cooperativa, ainda em funcionamento na sede da organização.

Foto 2: Cooperativa de alimentos da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee.
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

Compreendemos que as características das organizações de raízes latino-americanas e caribenhas divergem das tradicionais organizações trabalhistas dos Estados Unidos (como por exemplo, os sindicatos). Os grupos que compõem esse primeiro perfil de organização se voltam para ações coletivas de base, próximas ao modelo de cooperativas. Já o modelo tradicional das organizações trabalhistas, se apresenta de forma mais verticalizada e burocratizada, não permitindo a inserção de trabalhadores indocumentados.

Segundo Asbed (2008, p. 7), estes trabalhadores estavam determinados a encontrar soluções para alguns dos problemas prementes enfrentados pela comunidade de Immokalee,

para tanto decidiram que seria necessário extender sua experiência na organização dos trabalhadores rurais na Flórida. Uma segunda ação deste grupo ocorreu em 1994, com a denúncia de que muitos líderes de turma (*crewleaders*) pagavam menos ou até deixavam de pagar os trabalhadores. Naquele momento, ainda com o nome de *Southwest Florida Farmworker's Project*, a organização conseguiu recuperar mais de cem mil dólares de salários não pagos. O Departamento do Trabalho, Divisão de Salários e Horas, estima que mais de US$ 28 milhões em salários não foram pagos no estado da Flórida[10].

Segundo Hernandez & Stepick (2011), os salários podem e foramroubados de diferentes formas, entre elas através do não pagamento de horas extras, do pagamento abaixo do valor mínimo estipulado pelo governo federal, do trabalho no horário dos intervalos das refeições, da contratação sem registro e controle dehoras de trabalho, da alteraçãodos registros de horas, da dedução ilegal dos valores da folha de pagamento ou simplesmente, do não pagamento dos salários.

Com o apoio de advogados voluntários, o grupo passou a monitorar detalhadamente as folhas de pagamento dos trabalhadores, o que permitiu detectar descontos indevidos e também denunciar os líderes de turma que roubavam os trabalhadores.Atualmente o estado da Flórida conta com um departamento específico para lidar com as denúncias de salários irregulares. A *Coalition of Immokalee Workers* utiliza outros caminhos para fiscalizar o não cumprimento destes acordos, como por exemplo, o *Fair Food Program*, acordo que será analisado adiante.

Mais de um ano se passou quando um dos maiores produtores do país e grande empregador da região, a *Pacif Tomato Growers Inc.*, anunciou que iria diminuir o valor das horas de trabalho dos catadores de tomate em 30%, o que reduziria o valor de US$ 4,25 para US$ 3,85 a hora. Dessa forma, o terceiro movimento de resistência foi organizado, onde seis membros da coalizão entraram em greve de fome. Buscando dar apoio aos catadores de tomate, os trabalhadores da lavoura de citros deixaram de trabalhar por uma semana, resultando em mais de três mil trabalhadores paralisados nos campos do sul da Flórida. A imprensa nacional foi acionada e televisionou toda a ação dos trabalhadores. Como resultado desta mobilização, a *Pacif Tomato Growers* cancelou a redução dos salários e anunciou um reajuste no valor da hora, que passou de US$ 4,25 para US$ 5,25.

[10] Hernandez, C. S., Stepick, C. **Wage Theft: An economic drain on Florida.** Disponível em: < http://caseygrants.org/wp-content/uploads/2012/04/wage_theft.pdf>. Acesso em 22 Set 2014.

Fica claro que esta ação organizada pela Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee foi capaz de estruturar duas importantes estratégias de luta visando pressionar os produtores e ao mesmo tempo receber o apoio da população. Nas manifestações e campanhas que decorreram na década de 1990, podemos notar uma inserção significativamente maior de aliados do grupo, consequência da visibilidade que o grupo passou a ter nas mídias sociais.

Em 1996, a *Coalition of Immokalee Wokers* é institucionalizada. Neste mesmo ano, um episódio de violência marca os campos de tomate. Segundo relatos de entrevista, um jovem de 16 anos, imigrante vindo da Guatemala, foi até a sede da CIW para denunciar uma agressão de seu patrão, motivada por uma pausa para beber água sem permissão. Esse episódio deu origem a outra importante ação de protesto adotada pela Coalizão: A Marcha contra a Violência.Carregando a camisa suja de sangue e gritando "*¡Golpear a uno es golpear a todos!*" (Ferir um é ferir todos), cerca de quinhentos trabalhadores protestaram contra a violência nos campos e deixaram de trabalhar para aquele empregador durante duas semanas.

No ano de 1997, o grupo realiza a primeira denúncia de trabalho escravo na região, que resultou no sentenciamento de 15 anos de prisão para dois empregadores rurais acusados de escravizar e manter em cativeiro 400 trabalhadores (homens e mulheres) nos estados da Flórida e Carolina do Sul. Este primeiro caso de tribunal, U.S.*vs* Flores, se tornou ícone da luta contra escravidão para a Coalizão de Trabalhadores de Immokalee, que deu início a campanha "Dignidade, Diálogo e Salário Decente".

Entre dezembro de 1997 e janeiro de 1998, o grupo realizou uma greve de fome com alguns de seus membros para tentar abrir o diálogo com os produtores. Wood e Mitchell (2011) relatam que na ausência de direito à organização, resta ao grupo o desenvolvimento de outras estratégias de enfrentamento, como a ocorrida em 1999, com a CIW acionando pela primeira veza cadeia de fast-food *Taco Bell Co.*,como uma das responsáveis diretas pelas condições de trabalho no campo. Isso será trabalhado adiante quando trataremos sobre as campanhas realizadas pela organização.

A abordagem inicial dos trabalhadores da Coalizão de Trabalhadores de Immokalee é incentivar o diálogo, esta estratégia vem sendo praticada pelos membros do grupo que buscam estabelecer uma relação afável com os contratantes, evitando os confrontos violentos com a polícia, patrões e trabalhadores que ocorriam nesta região nos anos de 1960[11]. Quando os produtores não se interessam em dialogar sobre o que está ocorrendo nos campos,outras

[11]Cf. **H-2 Worker:** documentário dirigido por Stephanie Black (1990).

abordagens mais ofensivassão utilizadas pela Coalizão, tais como greves, paralizações e marchas.

Neste-breve percurso que apresenta os principais eventos que marcaram a história da *Coalition of Immokalee Workers*, **as marchas** devem constar como uma terceira estratégia do grupo e que passou a ter maior visibilidade nos anos 2000, marcando a expansão do grupo através do apoio de trabalhadores e aliados da causa dos imigrantes.

Em abril de 2001, a Igreja Presbiteriana lança seu apoio oficial à campanha *Fair Food Program*. No mesmo ano, diversas manifestações de apoio continuaram a ocorrer, como no mês de junho quando outra instituição religiosa, a *United Church of Christ* anuncia o primeiro grande boicote de uma organização religiosa à rede *Taco Bell*. Um mês antes a CIW havia lançado um tour nacional para educar os consumidores sobre a luta que ocorria nos campos da Flórida, intitulada, "*Taco BellTour* da Verdade".

No ano de 2003, três membros da CIW receberam o reconhecido prêmio *Robert F. Kennedy International Human Right Award*, pelo trabalho anti-escravidão que o grupo vem realizando. No ano seguinte, a Igreja Presbiteriana chamou sem sucesso a gigante *Yum! Brands* para dialogar com a CIW e a*United Methodist Church* realizaria um boicote gigantesco com mais de oito milhões de membros da igreja se recusando a consumir na *Taco Bell*. Um boicote destas proporções não ocorria desde o emblemático boicote às uvas e à alface, organizado pela United Farm Workers (UFW) de CesarChávez na Califórnia em 1980 (WOOD e MITCHELL, 2011).

As redes de televisão nacionais durante este período, apresentam dezenas de reportagens acompanhando o *tour* e as campanhas de convencimento da CIW para a participação da *Taco Bell*, além das greves de fome e manifestações apoiadas por religiosos e estudantes do país.

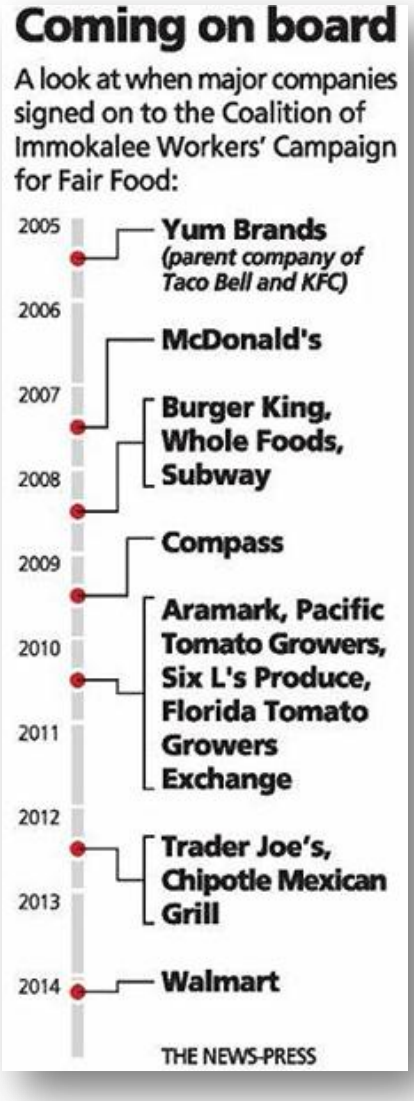
Em 2004, a *Yum! Brands*, companhia proprietária da marca *Taco Bell* envia um cheque de US$ 100.000,00 para a Coalizão, justificando o interesse em participar da campanha um centavo a mais na safra de 2003-2004. A CIW devolveu o cheque e chamou a imprensa para responder à atitude da empresa. Argumentou que a campanha não buscava receber doações aleatórias, o objetivo da campanha era o diálogo com os trabalhadores rurais em busca da garantia de direitos humanos nos campos.

No mês de setembro deste mesmo ano, estudantes da Universidade da Califórnia conseguiram retirar os restaurantes da *Taco Bell* de seus *campings* em apoio ao trabalho desenvolvido pela CIW.

Em Março de 2005, depois de quatro anos de campanhas e diversos protestos, a *Yum! Brands* aceita assinar o acordo com a CIW passando a fazer parte do acordo do *Fair Food Program* e consequentemente, do Código de Conduta que faz parte dele.

Nos anos seguintes, as campanhas buscando arregimentar o maior número de empresas nos acordos continuaram e a Coalizão de Immokalee vem realizandodezenas de acordos como podemos ver na tabela 1.

Tabela 1: Acordos assinados entre as empresas e os*farmers*por ano.



Fonte: New-Press.Com. **Southwest Florida farm workers' struggle paying off Fair Food program provides better pay.** In: http://www.news-press.com/apps/pbcs.dll/article?AID=2014302160050&nclick_check=1

1.1 A política dentro da CIW

O processo eleitoral da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee é realizado anualmente em assembleia geral, envolvendo todos os trabalhadores que participam do grupo. Os candidatos são membros que se destacam pelo seu comprometimento com a luta e por ações positivas dentro da comunidade e que buscam cuidar das atividades diárias da organização. Pudemos verificar que existem três importantes líderes no grupo: Lucas Benitez, Gerardo Reyes eNely Rodriguez. Fora os membros que trabalham na sede da CIW, existem membros que desempenham apoio à organização dos locais onde residem, como por exemplo, Greg Asbed e Steve Hitov, o primeiro como representante e conselheiro da CIW e o segundo, advogado que representa os interesses da Coalizão, inclusive em Washington D.C.

Esta estrutura organizativa adotada pela CIW faz com que exista a busca por equidade nas atividades cotidianas da Coalizão e paridade salarial dos membros, pois, assumir um cargo no na administração não traz retorno financeiro superior ao dos trabalhadores no campo.

A funcionalidade rotativa e de visibilidade pessoal frente ao coletivo adotado por este modelo aumenta a motivação dos trabalhadores e também quocientes afirmativos sobre melhorias na qualidade de vida destes, pois o funcionário é premiado pelo seu esforço na forma de reconhecimento perante sua comunidade e eleva a autoestima que influencia nas motivações políticas das reinvindicações.

É claro que entendemos que o trabalho realizado no escritório da CIW é muito diferente do trabalho na colheita do tomate. Entretanto, nem todos os membros que possuem cargos na sede do grupo deixaram o trabalho no campo. Alguns deles, ainda trabalham na colheita manual dos tomates em regime *part-time,* conciliando as duas atividades e alguns que realizam atividades no escritório ou em outras localidades, nunca trabalharam no campo, são membros aliados do grupo.

1.2 O Papel das Ong’s amigas: trabalhando com, e não para os trabalhadores rurais

Seria impraticável pesquisar a CIW e não dedicar atenção a*Student/Farmworkers Alliance*[12.] Formada predominantemente por jovens estudantes, a organização se estende por uma ampla rede de contatos entre universidades espalhadas por todo o país além de outros grupos de movimentos sociais que trabalham em conjunto, apoiando a SFA, como por exemplo, a Interfaith Worker Justice, CHISPAS, YAYA (*Youth & Young Adult Network of the National Farm Worker Ministry*)[13]. Ainda que maioria, nem todos os que fazem parte da organização são estudantes, o que na realidade caracteriza e os une é o empenho para por fim aos abusos contra os trabalhadores rurais, os imigrantes e outros trabalhadores que sobrevivem com baixíssimos salários e longas jornadas de trabalho.

A insatisfação difundida em diversas esferas do trabalho agrícola nos Estados Unidos, condições de trabalho, moradia, salários, envenenamento por agrotóxico, resultou em um posicionamento de luta pelo fim da servidão moderna nos campos. Com preceitos bem determinados, a SFA resolveu atuar em parceria com a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee, unindo forças e participando ativamente das campanhas por estes realizadas. Atualmente, ocupam uma sala na sede da CIW, onde desenvolvem projetos que dão suporte as reivindicações dos trabalhadores daquela região.

Atuando como um braço da Coalizão os membros da SFA em Immokalee possuem funções bem definidas dentro da organização e trabalham escalados por temas específicos de interesse do grupo. Relatam que o primeiro contato com o grupo de Immokalee se deu na Marcha pela Dignidade, pelo Diálogo e por Salário Justo (*March for Dignity, Dialogue and Fair Wage*) realizada em fevereiro de 2000 e que percorreu duzentas e trinta milhas (equivalente a 368 quilômetros) partindo do Fort Myers e seguindo até Orlando, na Flórida. Entretanto, foi na Marcha pela Justiça aos Trabalhadores rurais (March for Farmworkers Justice) em janeiro de 2001 que o grupo consolidou a parceria com a Coalizão. Amarcha seguiu do Quincy, Fl, até a casa do governador do estado, Jeb Bush[14], na capital Talahassee e contou com a participação de mais de trinta estudantes que angariaram 1500 assinaturas para a petição que foi entregue ao governador.

---

[12] Cf: http://www.sfalliance.org/

[13]Trata-se de uma rede nacional de pessoas que trabalha ativamente para mudar a opressiva condição econômica, política e social dos trabalhadores rurais. O grupo, teve início a partir de uma organização religiosa fundada em 1920 e se autodenomina um *worker center* realizando um trabalho por justiça social. Cf. http://nfwm-yaya.org.

[14]Governador da Flórida entre os anos de 1998 e 2007. Filho do ex-presidente George H. W. Bush (Bush pai, como é conhecido), pertence ao Partido Republicano.

De lá para cá, a SFA tem estado na vanguarda de um movimento de solidariedade com os trabalhadores rurais onde podemos detectar três frentes que definem sua atuação: Educação, Ação e Desenvolvimento de lideranças.

O primeiro, **Educação,** voltado para a sensibilização da luta dos trabalhadores rurais. Os organizadores da SFA promovem o encontro de estudantes e trabalhadores para trocarem conhecimento e experiências. Nestes encontros são oferecidas oficinas sobre direitos dos trabalhadores, visitas e estágios dos estudantes nas comunidades rurais e cursos de formação de lideranças.

O segundo caminho, da **Ação** envereda para o envolvimento nas atividades práticas dentro do movimento. Esses jovens são comprometidos dentro de uma mesma filosofia, que é a busca pelo fim das injustiças sociais que ocorre nos campos e promove uma mudança de cunho social. Desta forma, acreditam que a solidariedade junto aos trabalhadores rurais e a existência de grandes campanhas em torno da conquista de melhores salários e condições de trabalho possam resultar em algo muito mais amplo, como a conquista de direitos humanos fundamentais.

É neste sentido que o terceiro caminho é trilhado. O **desenvolvimento de lideranças** aparece com o objetivo de fortalecer o movimento, através da preparação de novos organizadores. Os membros da SFA promovem cursos e encontros para dialogar com outros jovens, conscientizando-os da necessidade de desenvolver grupos que sejam diretamente envolvidos com suas comunidades e engajados na luta por justiça social.

A função do **organizador** (*organizer*) nestes movimentos não deve ser entendida como uma liderança dentro de uma instituição verticalizada. Verificamos nos relatos de organizadores da CIW bem como da SFA que o papel do organizador é realizar o suporte necessário aos outros participantes do grupo. Cabe a ele fazer a interlocução entre os estudantes, aliados e trabalhadores rurais, sem que sejam por ele demandadas as decisões do movimento. Essa ausência de uma hierarquia vertical permite que o movimento realize seus preceitos de ação, quer sejam, igualdade e busca da conquista de direitos. Membros do grupo há mais tempo e trabalhando diretamente com a comunidadede Immokalee, muitos destes organizadores realizam o papel de tradutor nas reuniões, facilitando o entendimento tanto dos trabalhadores que falam na maioria das vezes, espanhol e os estudantes e aliados que falam inglês.

Não é difícil perceber o peso positivo que a juventude traz ao movimento. Uma jovem recém-formada em comunicação/jornalismo é uma das responsáveis pelas mídias sociais, ou seja, divulgação dos eventos, campanhas, confecção de material, cartilhas, etc. Como interna da SFA e morando em Immokalee, ela aplica ao movimento seus conhecimentos adquiridos na faculdade cursada na Universidade da Flórida. Para a coalizão, o resultado disso é um trabalho de qualidade e por outro lado, a constituição de um currículo forte para quem realiza esse trabalho. Afinal, nos Estados Unidos como em muitos outros países pelo mundo, a participação e o envolvimento dos jovens em movimentos sociais passou a ser um pré-requisito para as empresas que vem buscando cada vez mais profissionais engajados em causas sociais.

Como já mencionado anteriormente, a ***Student/Farmworker Alliance*** é uma rede nacional de estudantes e aliados que mantém uma extensa rede de contatos pelo país. Segundo informações encontradas no site do grupo e relatos orais coletados durante o 10th *Encuentro* – evento anual realizado pela SFA e CIW – os estudantes acreditam que apenas os trabalhadores rurais podem falar por si próprios. Nesse sentido a organização se dedica a trabalhar **com** os trabalhadores rurais para uma mudança, mas não pretendem atuar de forma a suprimir a voz do trabalhador rural. Para eles:

> Os trabalhadores rurais com suas experiências diárias de trabalho no campo estão em melhor condição de construírem um movimento para mudar as condições e os desequilíbrios de poder daqueles campos; assim como nós somos responsáveis por organizar nossas próprias comunidades e eleições para entender – na prática – o papel deles no movimento (*SFA website*, 2014)[15].

Outro ponto de convergência entre estudantes e trabalhadores rurais é o processo de conscientização da produção de alimentos, onde ambos apesar de em diferentes esferas, são usados pelas grandes corporações de produção de alimentos. Segundo eles, tanto os trabalhadores rurais quanto os jovens consumidores são vistos como objetos pela indústria do alimento: *"os trabalhadores rurais são vistos como máquinas que colhem matéria-prima de*

[15]Texto original: *Farmworkers with the daily experience of working in the fields are in the best position to build movements to change the conditions in those fields and larger power imbalances they stem from; as we are responsible for organizing our own communities and constituencies to understand – and act – their role in this movement*. In: <http://sfalliance.org/index.html> Acesso em mar/2013.

*forma barata enquanto os jovens são vistos como bocas obedientes que consomem os produtos rotulados" (*SFA website*).*

Com o argumento de que os jovens têm uma voz poderosa em suas comunidades, tendo sido historicamente o combustível para as grandes mudanças sociais através do mundo, a SFA acredita que trabalhando junto com os trabalhadores rurais serão capazes de mudar a realidade nos campos do país.

De fato, um exemplo emblemático de conquista destes jovens se deu através de uma grande campanha de boicote organizada em todo país e que pressionou, no ano de 2005, a cadeia de fast-food *Taco Bell* a assinar o *Fair Food Program* com a CIW. Os estudantes deixaram de comer no restaurante dentro da universidade e impactaram de forma direta o negócio através da realização de campanhas que alertavam os consumidores (a maioria estudantes) sobre o trabalho na colheita do tomate e a baixa remuneração. Segurando cartazes e repetindo que "A universidade pertence àqueles que nela estudam", lutaram para negociar com a direção o poder de escolher que tipos de empresas alimentícias desejam ter no campus. Creio que aqui é necessário abrir um parêntese para deixar claro, a diferença que existe nas universidades dos Estados Unidos e as universidades brasileiras. No primeiro país, ainda que as mais bem conceituadas universidades sejam públicas, os estudantes pagam mensalidades altíssimas ao longo dos anos da graduação, diferentemente das universidades brasileiras.

Talvez essa seja uma forma de propiciar um diálogo mais direto entre o corpo acadêmico e as direções das universidades. Reitero que isso não retira o pensamento crítico de um grande número de estudantes que está preocupado com a origem dos alimentos e com a cadeia produtiva deste, acreditamosinclusive que esta tenha sido uma inteligente estratégia de utilizar o poder de barganha que se possui dentro das universidades em prol dos trabalhadores rurais.

Desde a Marcha pela Dignidade, Diálogo e Salário Justo, a SFA tem dedicado seus esforços a apoiar a CIW e juntos conseguiram firmar diversos acordos com as cadeias alimentícias do país, como já citado anteriormente, *Taco Bell*, *McDonald's, Subway*, *Burger King*, *Whole Food.*

1.2.1 Campanha "Boot the Braids[16]"

A campanha Boot the Braids surgiu por iniciativa dos membros da SFA em oposição a rede de fast-food Wendy's que vem se recusando a participar do *Fair Food Program*. Representada pelo desenho de uma menina ruiva com tranças a empresa de *fast-food* foi fundada em 1969 e conta com mais de 6500 restaurantes distribuídos nos Estados Unidos e outros quatorze países.

Foto 3: Logotipo da rede de fast-food
Fonte: Site da Rede Wendy's

Foto 4: Protesto em frente ao Wendy's em Naples, FL. 07 Set. 2014
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

[16] "Cortar as tranças".

Os estudantes sabem do papel chave que representam para este tipo de empresa no país e por este motivo buscam se posicionar para pressionar os diretores das Universidades do país a não aceitarem a implementação de novos restaurantes da rede nos campings, argumentando a necessidade das instituições educacionais se manterem dentro um perfil ético, que demonstre a preocupação dos jovens com a forma como o alimento que chega às suas mesas é produzido.

De acordo com Castells (2001, p. 426), os novos movimentos sociais se caracterizam cada vez mais por apresentar formas de organização e intervenção descentralizada e integrada em rede. É interessante ressaltar que este grupo utiliza as redes sociais e outros mecanismos da internet para divulgar as campanhas, formar redes de apoio e também organizar mapas que apontam quais são as universidades que possuem restaurantes da rede e como o estudante que tem interesse em pressionar a administração de seu campus pode organizar campanhas.

Além disso, a possibilidade de se comunicarem de forma rápida, barata e de grande alcance faz, atualmente, da internet o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações e de movimentos sociais (PAYNE, 2000).

Para isso, são oferecidos workshops de organização, onde membros da SFA ensinam como atrair mais membros para a campanha, boicotar os restaurantes e conscientizar os estudantes e a comunidade sobre as condições de vida dos trabalhadores rurais.

A realização de protestos em frente as cadeias de fast-food faz parte das ações do grupo.

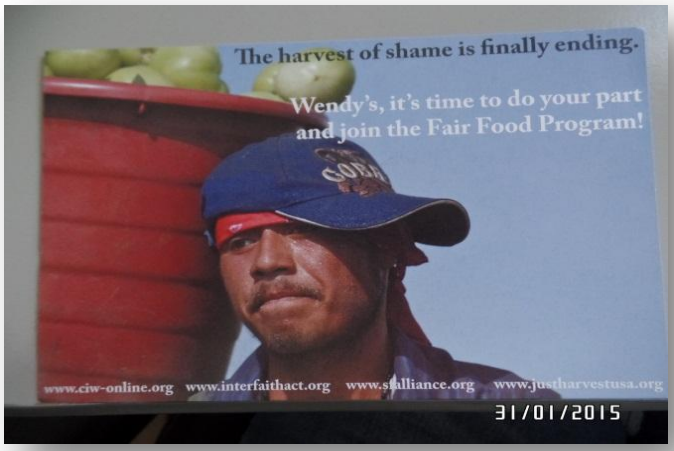
Foto 5: Protesto realizado em frente a rede de fast-food Wendy's na cidade de Naples, FL (07 de setembro de 2014).
Fonte: Arquivo deimagens da autora, 2014.

Até o período de finalização deste trabalho, oporta voz da rede de fast-food Wendy's se negava a dialogar com a Coalizão de Immokalee. Porém, as organizações continuam realizando protestos em frente as sedes do restaurante por todo o país. Além disso, são distribuídos "cartões postais" (foto abaixo) que são enviados para o CEO da empresa, senhor Emil Brolick. Carregando uma mensagem simbólica, estes cartões compõem um conjunto de estratégias que visa pressionar estas empresas a adotarem o Programa de Alimento Justo. Cada pessoa que apoia a assinatura do acordo entre a rede Wendy's e a CIW envia um cartão destes com seu nome.

Segundo os integrantes da CIW e SFA, esta é uma forma da população expressar sua insatisfação com a recusa da empresa em dialogar com os trabalhadores. Diversos materiais, como cartazes, adesivos, bótons, cartas aos dirigentes de empresas, entre outros, estão disponíveis no site da SFA.

Com uma plataforma interativa, é possível enviar ideias para o desenvolvimento de ferramentas e campanhas para organizar as ações e também solicitar apoio do grupo para iniciar as campanhas em andamento em outras universidades ou comunidades

Além disso, o site mapeia os protestos em tempo real, interconecta ações e campanhas, auxilia novos membros, recebe doações e registra a história dos grupos através de arquivos e textos e imagens[17].



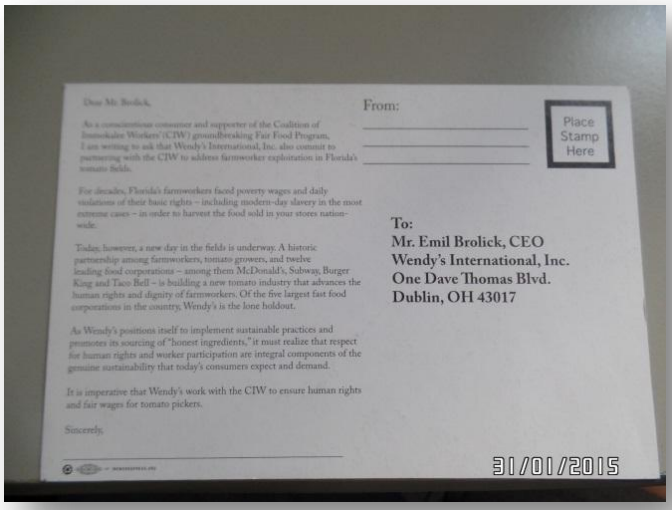


Foto 6: Cartão postal da CIW
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

[17] Para visualização do site, acesse: http://www.sfalliance.org/who-we-are/

Essas organizações sobrevivem à base de doações de pessoas ou de outras organizações que corroboram com os preceitos do grupo. É através desta arrecadação que os jovens membros viajam pelo país divulgando a realidade nos campos.

A campanha **Boot the Braids** é inspirada na primeira grande campanha apoiada pelos estudantes em favor da Coalizao dos Trabalhadores de Immokalee , em 2000. Intitulada "**Boot the Bell**", a campanha reuniu vinte e cinco escolas de ensino médio e universidades para pressionar a rede de fast-food *Taco Bell* a assinar o Fair Food Program com a Coalizão de Immokalee. Este foi o primeiro grande acordo realizado entre os membros da CIW e SFA com uma rede de fast-food.

Foto 7: Protesto "Boot the Braids!"
Fonte: arquivo de imagens da autora, 2014.

1.2.2 Publix, escucha, estamos en la lucha![18]

Paralela a campanha **Boot the Braids,** as organizações realizam uma campanha que visa pressionar a varejista Publix a assinar o *Fair Food Program* (FFP) e seguir o Código de Condutas e Responsabilidade Social desenvolvido pelo grupo.

[18] "Publix, escuta, estamos na luta!"

Ao longo dos anos, como poderemos verificar neste trabalho, a CIW com o apoio de seus aliados, conseguiu realizar mais de doze acordos com varejistas, rede de fast-food e produtores rurais para o pagamento de um centavo a mais para cada libra de tomate colhido, além do cumprimento das cláusulas contratuais descritas no acordo.Segundo membros da CIW a campanha "*one penny more*" já arrecadou mais de US$ 15 milhões de dólares que foram repassados para os trabalhadores, como poderá ser constatado no Fair Food Program.

Foco de protestos e pressão das organizações sociais desde 2009, a rede varejista Publix é a oitava maior corporação privada do país, compradora de um imenso volume de tomates produzidos na região e tendo sido fundada no estado da Flórida, atualmente possui lojas distribuídas pelos estados da Florida, Georgia, Alabama, South Carolina, and Tennessee.

Tal quais os protestos e boicotes realizados nos restaurantes Wendy's, os organizadores também organizam protestos em frente aos supermercados, buscando sempre dialogar com os porta vozes. Com as palavras de ordem "*I belive that we will win!*" (Eu acredito que nós vamos vencer!), os protestos são realizados com o apoio de membros da comunidade religiosa, simpatizantes da causa, estudantes e os trabalhadores rurais.

Foto 8: Protesto realizado em frente à rede varejusta Publix em setembro de 2014.
Fonte: Arquivode imagens da autora, 2014.

1.3 Conhecendo Immokalee, Flórida

> *Immokalee, coração das indústrias agrícolas de tomate e citros da Flórida e, o local onde a CIW nasceu [...] para entender a CIW – o que ela é e o que ela não é – é preciso entender a comunidade de onde ela surgiu (ASBED, 2008, p.5).*[19]

Immokalee é um nome de origem Seminole[20] e significa **minha casa**. Está localizada no Condado de Collier (*Collier County*), a sudoeste do estado da Flórida (mapa 1), próxima à região dos Everglades e a pouco mais de duas horas da cidade de Miami. A região denominada pelo Censo americano como uma área rural não incorporada[21] (*unincorporated area*) foi originalmente povoada por índios Calusa e posteriormente, por tribos Seminole e Mikasuki (WILLIAMS E LORET DE MOLA, 2006).

Mapa 1: Região de Immokalee – Sul da Flórida/EUA.
Fonte: Weather Forecast.com < http://es.weather-forecast.com/locations/Immokalee >

---

[19] *Immokalee, the heart of Florida's tomato and citrus industries, and the place where the CIW was born [...] to understand the CIW – what it is and what it isn't – it is important to understand the community from which it emerged (ASBED, 2008, p. 5).*

[20] População nativa americana originária do estado da Flórida.

[21] *Unincorporated area:* O termo designa uma região que não é governada por uma política local. Faz parte de uma divisão administrativa maior como, por exemplo, um condado ou uma cidade. No caso de Immokalee, o condado que a representa é o Condado de Collier, cuja sede é Naples, localizada a 30 minutos de Immokalee.

Em meados do século XIX tornou-se atrativa pela oferta de trabalho na piscicultura. Contudo, foram entre os anos de 1888 e 1905 que região passou por uma mudança que transformou toda sua estrutura agrícola: a drenagem dos pântanos de Everglades, presente no projeto financiado pela*Internal Improvement Fund*[22]·.Três anos depois, em 1909, dois pântanos já haviam sido drenados e as terras passaram a ser comercializadas.

Segundo Hahamovitch (1997), testes comprovaram que a adição de sulfato de manganês forma uma terra apta ao cultivo de vegetais,permitindoo avanço do desenvolvimento massivo da agricultura, caracterizando a região como um dos mais importantes polos de cultivo de tomate e citros do país[23].

Nos anos de 1930 e 1940, esta região se tornou muito atrativa em virtude de suas condições climáticas, da recente liberação de grandes extensões de terras advindas da drenagem dos pântanos e do massivo investimento em infraestrutura na região[24].

Logo, características essenciais para o desenvolvimento de diversas culturas de trabalho intensivo atraíram o interesse de investidores da regiãoNordeste do país, que passaram a ver Immokalee como uma alternativa aos períodos de inverno e estiagem em seus estados.

De clima predominantemente subtropical, com temperaturas variando entre 12 e 15 graus Celsius no inverno[25], Immokalee estaria apta a produzir uma grande variedade de vegetais frescos, como tomates, laranjas, pepinos e melancias, que poderiam ser vendidos por toda a costa leste [26].

Com o incentivo dado para o desenvolvimento agrícola na região, uma grande onda de imigrantes em busca de trabalho passou a compor a população de Immokalee. De grande relevância na economia daFlórida, Immokalee é responsável por 90% da produção de tomates do estado durante o inverno. Atualmente, 40% da população desta região é composta por imigrantes. Destes, ¾ são de origem hispânica e/ou latina, e em sua maioria trabalham no

[22]Agência do Governo da Flórida criada em 1855 e responsável por supervisionar a gestão, venda e desenvolvimento de terras públicas concedidas ao Estado. In: http://digitalcollections.fiu.edu/iif/about.htm . Acesso em jan. 2014.

[23] BITTMAN, M. The True Cost of Tomatoes.Data: 14 de junho de 2011.

[24]Estima-se que centenas de milhares de acres de terra foram expostas com a drenagem do Everglades e diques e estradas foram construídas (HAHAMOVITCH, 1997, p. 114).

[25] Cf: http://www.weather.com/weather/wxclimatology/monthly/graph/34142 .Acesso em nov./2013.

[26]As questões referentes ao desenvolvimento econômico, pautado primordialmente, no desenvolvimento de grandes empreendimentos agrícolas ao longo do século passado na região sul da Flórida, serão abordadas mais detalhadamente neste trabalho, na seção “Formação da mão-de-obra migrante”.

plantio, no cultivo e na colheita de frutas e vegetais. Na tabela 2, podemos observar alguns dados relevantes sobre a cidade e sua população.

Tabela 2: Dados sobre a cidade de Immokalee, Flórida.

Dados da População	Immokalee CDP	Florida
População, 2010	24,154	18,801,310
Pessoasmenores de 5 anos, porcentagem, 2010	10.7%	5.7%
Pessoas menores de 18 anos, porcentagem, 2010	33.7%	21.3%
Pessoas com 65 anos ou mais, porcentagem, 2010	5.4%	17.3%
Mulheres, porcentagem, 2010	44.7%	51.1%
Brancos, porcentagem, 2010 (a)	43.2%	75.0%
Negros ou Afro-americanos, porcentagem, 2010 (a)	18.9%	16.0%
Nativos Americanos e nativos do Alaska, porcentagem, 2010 (a)	1.0%	0.4%
Asiáticos, porcentagem, 2010 (a)	0.2%	2.4%
Havaianos ou de origem das ilhas do Pacífico, porcentagem, 2010 (a)	0.2%	0.1%
Duas ou mais etnias, porcentagem, 2010	4.1%	2.5%
Hispânicos ou Latinos, porcentagem, 2010 (b)	75.6%	22.5%
Brancos, não hispânicos ou latinos, porcentagem, 2010	4.1%	57.9%
Vivem na mesma casa um ano ou mais, porcentagem, 2009-2013	85.8%	83.7%
Estrangeiros, porcentagem, 2009-2013	38.5%	19.4%
Segundo idioma, porcentagem, 2009-2013	81.3%	27.4%
Adultos com ensino médio ou superior, porcentagem, 2009-2013	35.9%	86.1%
Nível superior ou mais, porcentagem, 2009-2013	3.5%	26.4%
Veteranos do exército, 2009-2013	223	1,569,406
Tempo médio de deslocamento para o trabalho (minutos),trabalhadores com idade acima de 16 anos, 2009-2013	31,6	25,9
Número de habitações, 2010	6,816	8,989,580
Número de pessoas por habitação, 2009-2013	5,26	2,61
Renda per capita anual (US$), 2009-2013	$9,478	$26,236
Renda por residência anual (US$), 2009-2013	$26,399	$46,956
Pessoas abaixo da linha da pobreza, porcentagem, 2009-2013	41.6%	16.3%
Dados geográficos	**Immokalee CDP**	**Florida**
Área total em milhas quadradas, 2010	22,7	53,624.76
Pessoas por milha quadrada, 2010	1,064.0	350,6

(a) Incluídas pessoas que se declararam uma única etnia.
(b) Hispânicos podem ser de diferentes etnias.
Fonte: US Census Bureau State & County QuickFacts. Disponível em:
< http://quickfacts.census.gov/qfd/states/12/1233250.html>

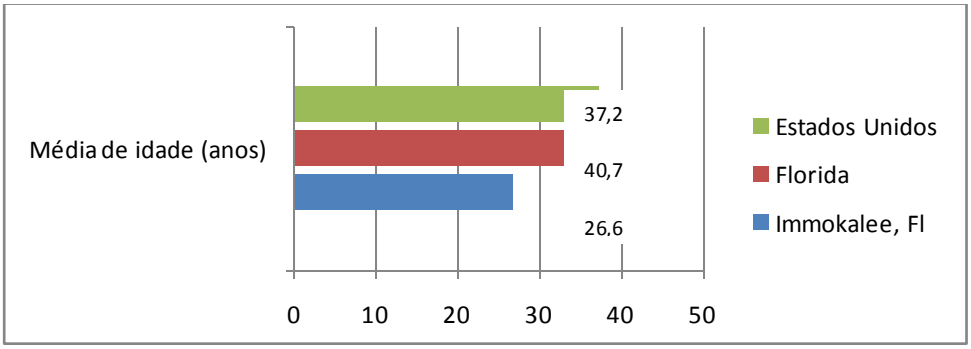
Com uma população aproximada de 24 mil habitantes e predominantemente formada por trabalhadores agrícolas, Immokalee se apresenta como uma região de

graves problemas econômicos e sociais. Além da baixa renda anual equivalente a um terço da renda média do estado eque se manteve inalterada ao longo de 10 anos como verificado na tabela acima, podemos constatar que mais de 40%da populaçãovive abaixo da linha da pobreza, além de apresentar baixos níveis de escolaridade. Pelos dados do Censo é possível perceber que o número médio de pessoas que habitam a mesma residência é o dobro quando comparado com o restante do estado da Flórida.

As habitações e as condições de moradia serão melhores discutidas neste trabalho, contudo, o número de pessoas por habitação na cidade de Immokalee deve ser relacionado ao fato de que os imigrantes que trabalham nas lavouras da região dividem pequenos trailers com até doze companheiros para baratear os gastos com moradia e exatamente por trabalharem na zona rural, dispendem em média meia hora por dia apenas com deslocamento até a lavoura.

Segundo BAGBY (2003), com relação a etnia da população em Immokalee, entre os anos de 1970 e 1998, os caucasianos e afro-americanos diminuíram de 89% para 1%, concomitantemente ao crescimento de hispânicos que eram 7,4% e passaram para 95% da força de trabalho.

Gráfico 1: Dados demográficos de Immokalee



Fonte: USA.com website < http://www.usa.com/immokalee-fl-population-and-races.htm>

Sabendo que esta categoria de trabalho agrícola está entre as que recebem os menores salários nos EUA[27], com alta porcentagem de imigrantes (documentados e

[27] RILEY, N.; JOHNS, D. **Florida's Farmworkers in The Twenty-First Century**, 2003, p. 48.

indocumentados) e com média de idade de 26 anos, concordamos com Asbed (2008) que:

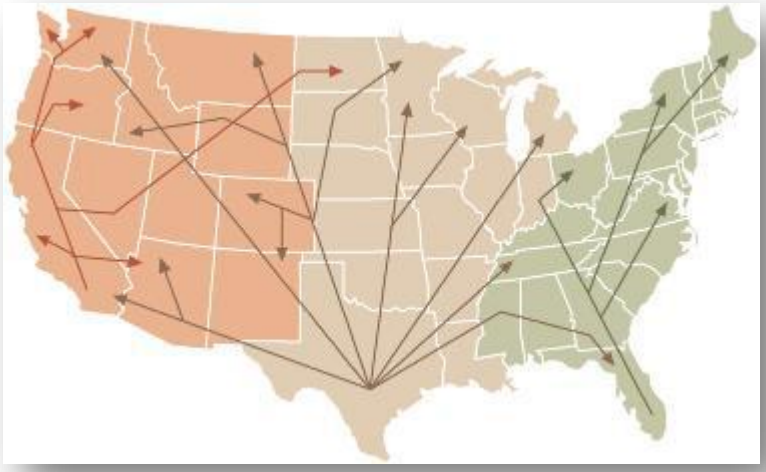
> Immokalee está mais para uma de reserva de trabalhadores do que para uma cidade. Esta é uma área rural onde a população praticamente dobra [...] durante nove meses do ano (entre setembro e junho, período em que a indústria da agricultura necessita de trabalhadores) e se dissipa de junho até agosto, quando a maioria dos trabalhadores rurais migra para estados do norte ao longo da costa para trabalharem nas safras mais curtas. (ASBED, 2008, p. 5, tradução nossa).

Ainda sobre as condições sociais e econômicas desta população, para Williams e Loret de Mola (2006),

> Os trabalhadores rurais migrantes de Immokalee, que compõem parte do fluxo migratório ao longo do corredor oriental, são extremamente vulneráveis em termos sociais e econômicos. Comparado a outros migrantes, eles são os "despossuídos", *los de abajo (os underdogs*), (...). Muitas vezes, separados de suas famílias, eles sofrem mais direta e dramaticamente as consequências de um ambiente hostil, estranho. Submetidos a estas "Múltiplas Marginalidades" eles estão em desvantagem: em primeiro lugar, devido à sua situação irregular, em segundo lugar, por causa do seu capital social, limitado; e em terceiro lugar, porque suas redes sociais ou são inexistentes, incipientes ou existem apenas com indivíduos da mesma situação econômica que eles. Com ganhos médios anuais de aproximadamente US$7500[28], os trabalhadores rurais migrantes têm poucas possibilidades de acumular qualquer tipo de capital, seja ele econômico social ou simbólico, que se encontram disponíveis para outros tipos de migrantes (WILLIAMS e LORET DE MOLA, 2006, s/n).

Segundo Riley e Johns (2003), no verão a cidade fica praticamente vazia, pois a grande maioria dos trabalhadores parte para trabalhar nas culturas de vegetais no Nordeste do país (Nova Jersey, Nova Iorque, Pensilvânia, New England, Ohio, entre outros.) como pode ser visualizado através do Mapa 2.

[28] Esses são valores referentes ao período em que o pesquisador realizou sua pesquisa, no ano de 2006. Como já citado anteriormente neste texto, baseado nos dados do Censo americano, a média salarial per capita anual de cada trabalhador de Immokalee é de US$ 9.478,00 (US Censu Bureau, 2010).



Mapa 2: Estados e Fluxos de Migração
Fonte: The National Center for Farmworker Health (NCFH). Disponível em:
< http://www.ncfh.org/?pid=4&page=3 >

Somado aos problemas discutidos anteriormente, outras graves questões compõem esta comunidade. A *Coalition of Immokalee Workers* e outras organizações não governamentais, como a *Farmworkers Association of Florida* (FWFA) e organizações religiosas buscam combater o trabalho infantil nas lavouras,a contaminação por pesticidas, o assédio sexual, moral e físico, entre outros. Para Cano (2014, p. 4), devido a vários fatores, que incluem o status de indocumentado, muitas famílias migrantes não recebem nenhum benefício social, econômico ou serviço de saúde. O serviço social oferecido em Immokalee é limitado devido ao fato de que o condado de Collier não contribui com nenhuma agência de serviço social, deixando que o subsídio das escolas e clínicas venha exclusivamente através de doações privadas e bonificações do estado da Flórida.

1.4 Estratégias de Representação e Metodologias de Ação

Como pudemos verificar no decorrer deste capítulo, a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee possui uma longa história de luta baseada na experiência de imigrantes em organização de levantes populares na América Latina e Caribe. Podemos apontar nesse

sentido que o movimento se fortalece através de uma metodologia de luta que busca através dos três pilares de organização combater os abusos recorrentes na agricultura da Flórida.

O **primeiro pilar**, inspirado no método freiriano de educação popular, objetiva através de processos contínuos e permanentes de formação transformar a realidade dos trabalhadores através do protagonismo dos sujeitos. Nesse processo, os problemas da comunidade são confrontados de um modo que permite mesmo aos trabalhadores mais reservados, a participação no processo de reflexão[29].

O **desenvolvimento de lideranças** se apresenta como o **segundo pilar** da organização da CIW. Os trabalhadores rurais de Immokalee interessados em aprofundar seus conhecimentos em liderança e novas ferramentas para trabalhar com a comunidade podem participar de cursos intensivos que duram de um a cinco dias. O curso (aberto para todos os membros da Coalizão) é composto de: ensino e exercício prático de organização popular nos movimentos trabalhistas; relações/condições de trabalho e direitos humanos; como planejar e realizar uma reunião comunitária; teatro popular; análise econômica e política; técnicas e produção de vídeo.

A **terceira** linha de ação da Coalizão se baseia nas manifestações públicas e nos protestos. Buscando dar visibilidade ao movimento e mostrar a sociedade as condições de trabalho a que são submetidos, o grupo desenvolveu diversas estratégias. Desde 1995, a CIW vem organizando protestos e campanhas incisivas, dentre eles três greves gerais no campo, uma greve de fome[30] em 1998, que durou trinta dias e envolveu seis trabalhadores e que foi interrompida pela intervenção do Presidente Jimmy Carter, uma marcha de 240 milhas (384 km) que atravessou o sul e o centro do estado da Flórida durante duas semanas, além das diversas campanhas nacionais de boicote a grandes cadeias de fast-food e corporações varejistas.

A realização da marcha pode ser considerada hoje, uma das mais eficientes estratégias de ação da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee, pois se caracteriza enquanto um movimento de grande visibilidade recebendo o apoio de novos aliados. Esta estratégia de

[29]Cf. Asbed (2008) e Instituto Paulo Freire. In: http://www.paulofreire.org/programas-e-projetos/educacao-popular .

[30]É importante ressaltar que a escolha de se realizar uma greve de fome partiu do interesse do grupo em chamar a atenção das autoridades e das instituições políticas no país, pois, greve de fome nos EUA é considerada uma discussão acerca dos Direitos Humanos.

busca por visibilidade permite que, além da cobertura da imprensa em todas as regiões por onde passa, a população participe e seja conscientizada das razões que levam esses trabalhadores a protestar.

Esta estratégia de confrontar publicamenteindústria da agricultura, principalmente, publicizando a imagem ruim da indústria dos alimentos auxiliou para que a Coalizão pudesse receber atenção dos produtores.

Com o fortalecimento da organização e o apoio da sociedade civil através de doações e participações nas campanhas e boicotes, a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee passou a dar atenção para outros problemas enfrentados nos campos do sul da Flórida entre eles, a servidão moderna. Segundo dados fornecidos no site da Coalizão, nos últimos quinze anos, nove grandes processos foram executados contra empresas que mantinham trabalhadores em condições de escravidão nos Estados Unidos, destes, sete ocorreram devido a denúncias realizadas pela Coalizão, o que resultou na libertação de cerca de 1200 trabalhadores apenas no Estado da Flórida.

No ano de 2001, o grupo realizou a primeira campanha nacional de boicote, a gigante do fast-food *Taco Bell*[31]·, compradora de grande parte dos tomates colhidos pelos trabalhadores de Immokalee.

Após quatro anos de campanhas, boicotes, vigílias e marchas, em 2005 a *Taco Bell* finalmente assinou o acordo com a CIW se comprometendo a pagar um centavo a mais de dólar para cada libra de tomate colhido nos campos, buscando assim contribuir com o aumento dos salários dos catadores de tomate e, além disso, se comprometer a trabalhar em conjunto com a Coalizão, conscientizando seus clientes das condições abusivas e precárias pela qual os trabalhadores se submetem para trazer tomates frescos às mesas dos restaurantes.

Essa foi uma conquista de enorme representatividade para a CIW na representação dos trabalhadores, pois até o ano de 2005 nenhum restaurante, rede de supermercados ou cadeia de fast-food tinha assumido quaisquer responsabilidades pelo fato de que seus lucros desempenhavam um papel fundamental na criação e manutenção de tais condições deploráveis de trabalho (FIELD & BELL, 2013, p.75).

[31]A *Taco Bell* é uma cadeia de *fast-food* que pertence a corporação "Yum! Brands, Inc. ou Yum!". Uma empresa com base nos Estados Unidos e que faz parte das 500 maiores fortunas do mundo. A Yum! Opera/licencia a *Taco Bell*, a KFC, a Pizza Hut e os restaurantes Wing Street em todo o mundo. Com sede em Louisville, Kentucky, é a maior empresa de restaurantes de fast-food do mundo em termos de sistema de unidades, mais de 39.000 restaurantes ao redor do mundo em mais de 125 países. Em 2011, a Yum! 'S vendas globais totalizaram mais de EUA $ 12 bilhões.

Os detalhes do acordo podem ser separados em duas grandes categorias: 1) aumento do salário dos trabalhadores rurais e 2) A busca por igualdade de direitos para os trabalhadores rurais. Deste modo, ficou acordado que tanto as lojas da *Taco Bell* que pertencem a Yum Brands Inc, quanto as franquias espalhadas por todo o país deveriam passar a pagar um centavo a mais para cada libra de tomates que comprassem de produtores da Flórida o que inclui tanto as lojas da empresa, que pertencem a Yum Brands Inc. como também as suas franquias, distribuídas por todo o país.

Assim, a CIW através da campanha "*Fair Food*" criou uma comissão de auditoria para acompanhar, monitorar e garantir que esse repasse financeiro seja feito aos trabalhadores. Caso algum produtor infrinja o Código de Conduta assinado com a Coalizão e com as cadeias varejistas e de fast-food, automaticamente perderão os direitos de realizar negócios com a *Taco Bell*.

A *Florida Tomato Growers Exchange* é uma cooperativa agrícola privada, estabelecida na Flórida e que Segundo o Departamento de Agricultura e Serviços ao Consumidor, noventa porcento dos tomates produzidos pelos americanos entre outubro e maio são de responsabilidade desta cooperativa. Esta cooperativa aceitou participar do acordo criado pela CIW para oferecer condições dignas de trabalho e melhorias salariais para os catadores de tomate de Immokalee. O *Fair Food Program* pode ser considerado a principal estratégia de resistência e conquista de direitos dos batalhadores da lavoura de tomate.

Nele, foi possível congregar as soluções para o desenvolvimento de justiça social nos campos, objetivo buscado pelas organizações de defesa dos trabalhadores. O Programa surge como forma de campanha, onde a CIW procura arregimentar aliados e as empresas que pudessem oferecer melhores benefícios nos campos.

Com o apoio de diversas instituições, essa campanha toma fôlego e a partir do primeiro grande acordo ocorrido entre *Taco Bell* e CIW, com a primeira aceitando pagar um centavo a mais por cada libra de tomate colhido, a campanha ganha visibilidade, vindo a se tornar um grande programa de responsabilidade social nos campos do país.

1.4.1 Fair Food Program

O *Fair Food Program* (FFP) surgiu da Campanha *Fair Food* (Campanha Alimento Justo), iniciada pela Coalizão de Immokalee e contou com o apoio de outros diversos membros da sociedade para sua elaboração.

Antes da implementação do programa, segundo membros da CIW (*10th Encuentro*[32], 2014),as condições de higiene eram péssimas nos campos, os banheiros não eram limpos por semanas, eram poucos e ficavam distantes das lavouras, o que atrapalhava o trabalho daqueles que ganham por produção. Não existia o fornecimento de água fresca nem pausa para o descanso. Para eles, em virtude do programa os produtores têm sido obrigados a mudar suas práticas de trabalho, além disso, estão desenvolvendo um importante processo de educação nos campos.

A partir do boicote iniciado em 2001 contra a *Taco Bell*, intitulado "*One penny more*" (Um centavo mais), que propunha o pagamento de um centavo a mais por cada libra (400 gramas) de tomate colhido pelos trabalhadores que fizessem parte do acordo, os trabalhadores conseguiram mostrar aos consumidores em que condições eles se encontravam dentro das fazendas de tomate. Reunidos em frente a grandes cadeias de *fast-food* e varejistas, trabalhadores, estudantes e membros da Coalizão passaram a protestar e pedir a adesão destes gigantes da indústria dos alimentos.

A campanha se expandiu por todo o país, através marchas e protestos, recebendo o apoio de outras organizações, dentre elas podemos citar, a *Student/Farmworker Alliance* e a *Interfaith for Worker Justice*, *Justice Harvest USA*dando origem a criação do *Fair Food Program*.

No mesmo ano, a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee e os produtores de tomate da Flórida, *Florida Tomato GrowersExchange*, assinaram um acordo histórico, que implementou as propostas de reformas no campo em 90% das fazendas produtoras de tomate do estado, atingindo algo em torno de 30 mil hectares de produção e aproximadamente 33 mil trabalhadores do cultivo do tomate.

[32]O *10th Encuentro* foi um evento realizado pela SFA e CIW entre os dias 4 e 7 de setembro de 2014, em Immokalee,Fl.

Visto como um modelo inovador de responsabilidade social, o FFP baseia-se em uma parceria entre trabalhadores rurais, produtores e grandes corporações atacadistas/varejistas do país.

Segundo seus idealizadores, a partir de uma abordagem de cunho sustentável, o FFP apresenta entre seus principais objetivos, a busca por melhores condições de trabalho e vida nos campos de tomate da Flórida[33].

Para isso, o Programa é fundamentado dentre os seguintes princípios e práticas:

1. Melhoria salarial através do pagamento de um centavo a mais por libra de tomate colhido pelos trabalhadores desta região[34].
2. Conformidade com o Código de Conduta elaborado pelos trabalhadores, que inclui dentre outras exigências, tolerância zero para trabalho escravo e assédio/violência sexual;
3. Anuência à realização de palestras e cursos realizados pela CIW nas fazendas, no horário do trabalho, de modo a assegurar que os trabalhadores entendam seus direitos e responsabilidades;
4. A criação de um sistema de serviço de atendimento ao trabalhador, para a realização de possíveis queixas ou outras questões de cunho trabalhista (neste sistema, está incluso um sistema atendimento 24h que liga o trabalhador diretamente ao Fair Food Standard Council (FFSC)[35].
5. A instalação de comitês de segurança e saúde nas fazendas;
6. Auditorias periódicas realizadas pelo FFSC nas fazendas, buscando a conformidade com as premissas do FFP.

Atualmente, o Programa conta com doze grandes cadeias varejistas de alimentos e *fast-food*, entre elas, *Aramark; Bon Appétit Management Co.; Burger King; Chipotle Mexican Grill; Compass Group; McDonald's; Sodexo; Subway; Trader Joe's; Whole Foods Market e Yum Brands.*

---

[33] Cf: http://ciw-online.org/fair-food-program/ .Acesso em maio/2013.
[34] Compreende-se que este seja o princípio da Campanha principal, tendo se tornado o slogan do Programa.
[35] Fair Food Standard Council. In: < http://fairfoodstandards.org/about.html >. Acesso em 21 de julho de 2013.

Além disso, dezenas de*farmers*[36], produtores de tomate do estado, como *Ag-Mart Produce; Alderman Farms; Big Red Tomato Packers; Classie Growers/Falkner Farms; Del Monte Fresh Production; DiMare Homestead (Circle D);DiMare Ruskin (HarDee/Diamond D, Triple D, DiMare Immokalee); Farmhouse Tomatoes; Gargiulo; Gulfstream Tomato Packers (Hagan Farms, MED Farms); Harllee Packing (Palmeto Vegetable Company, South Florida Tomato Growers, Humsader Farms); Lady Moon Farms; Lipman Produce; Pacific Tomato Growers; Taylor & Fulton Packing (Grainger Farms, Utopia Farms); Tomatoes of Ruskin (Artesian Farms, Diehl and Lee Farms, Frank Diehl Farms, TOR Farms); West Coast Tomato/McClure Farms* aceitaram participar do acordo.

Os varejistas ao assinarem o acordo se comprometem a comprar tomates apenas de *farmers* que sejam membros do Programa e se recusam a comercializar com aqueles que não aceitem assinar o acordo ou mesmo com aqueles que deixam de cumprir com as determinações nele contidas.

A partir do sucesso desta primeira grande conquista, o Programa se estendeu a outras demandas, incorporando reivindicações no campo dos direitos humanos, através de campanhas que buscam denunciar condições de escravidão moderna de trabalho, trabalho infantil, violência e abuso sexual.

Este braço da CIW que lida com as denúncias de trabalho escravo e as campanhas que ensinam os trabalhadores a detectarem essa situação, contam com várias outras organizações, instituições federais e estaduais e departamentos para oferecer um monitoramento mais eficaz nos campos. O grupo continua participando de conferências no país e fora, buscando trocar experiências e também denunciar situações que muitas vezes ficam escondidas nos meios das fazendas do país.

Como consequência destes esforços, o grupo com apoio deoutras organizações, fundou o Museu da Escravidão-Moderna na Flórida. O local escolhido é um caminhão de carga equipado como uma réplica dos caminhões envolvidos em uma operação de escravidão moderna (*US v. Navarette*), e possui monitores que relatam a história da escravidão na Flórida. Além disso, pode-se encontrar imagens de trabalhadores que escaparam das operações de trabalho forçado. O caminhão-museu tem percorrido diversos pontos do país,

[36]Optamos em alguns casos por utilizar o termo "farmers" para designar os proprietários de terras que cultivam alimentos no país.

ensinando estudantes e outros públicos interessados sobre o trabalho forçado e a escravidão/servidão moderna no país.

Vários casos foram denunciados na região de Immokalee, alguns contaram com o apoio da CIW, quando algumas das pessoas presas em trailers ou acorrentadas em barracões conseguiram fugir e correr até a sede da CIW.

Em 1997, o caso U.S. *vs* Flores denunciou duas pessoas que mantinham 400 trabalhadores em condições similares a escravidão. Em 1999, o caso US vs Cuello denunciou e sentenciou a 33 meses de prisão o responsável por manter mais de 30 catadores de tomate em dois trailers em Immokalee.

Em Maio de 2000, o Departamento de Justiça (DOJ) processou e sentenciou a três anos de prisão federal um empregador do Sudoeste da Flórida por manter em cativeiro mais de 30 catadores de tomate em dois trailers isolados em uma área pantanosa na região Oeste de Immokalee. Os trabalhadores procuraram ajuda da coalizão e da polícia e a CIW trabalhou com o DOJ para dar continuidade nas investigações.

Ainda nos anos 2000 as descobertas de casos de escravidão denunciadas pela coalizão com o apoio do FBI e do DOJ levaram a primeira legislação anti-escravidão desde 1865, denominada *The Victims of Trafficking and Violence Protection Act*.

Em 2004, Ramiro e Juan Ramos foram condenados a 15 anos de prisão federal cada sob a condenação por escravidão. Tiveram de pagar multa de mais de $ 3 milhões de dólares. Eles tinham uma força de trabalho de mais de 700 trabalhadores rurais nos pomares de citros da Flórida, bem como nos campos da Carolina do Norte, ameaçavam os trabalhadores de morte se eles tentassem fugir, e chicoteavam e os agrediam com armas. O caso foi descoberto pois um trabalhador conseguiu fugir do locale pegar carona em uma estrada. O caso foi levado a julgamento pelo DOJ e teve apoio da CIW na investigação.

Nos últimos quinze anos, a CIW realizou sete denúncias de fazendas que mantinham trabalhadores na condição de escravo e ajudou a libertar cerca de 1200 trabalhadores, dentre eles, imigrantes que chegaram ao país na condição de temporário (visto H-2A)[37].

Premiado por organizações ligadas aos Direitos Humanos e à Organização das Nações Unidas (ONU), o Fair Food Program foi recentemente reconhecido pelo Governo

[37] Cf: http://ciw-online.org/slavery/ .Acesso em abr./2013.

Federal dos Estados Unidos como uma organização que apoia o fim da escravidão nos campos da Flórida[38].

Alguns especialistas em questões sobre o trabalho disseram que o acordo pode ser algo que venha a melhorar condições de trabalho e os salários em vários outros ramos da agricultura e da indústria de alimentos no país[39].

Com base no último relatório de *Fair Food Program*, de novembro de 2014[40], podemos perceber diversos resultados importantes do impacto que este Programa tem tido para os trabalhadores rurais da Flórida e também para os de outros estados do país.

No período de três anos, o acordo trouxe aproximadamente US$ 15 milhões de dólares em prêmios (Fair Food Premium ou como também ficou conhecido 1 centavo a mais) pagos pelos compradores de tomate participantes do programa aos trabalhadores rurais.

Tabela3: Fair Food Premium

Fair Food Premium pago por compradores participantes (em US$)				
2010-2011	2011-2012	2012-2013	2013-2014	Total
5.175.447,00	3.212.904,17	2.989.657,48	3.546.956,77	14.924.965,42

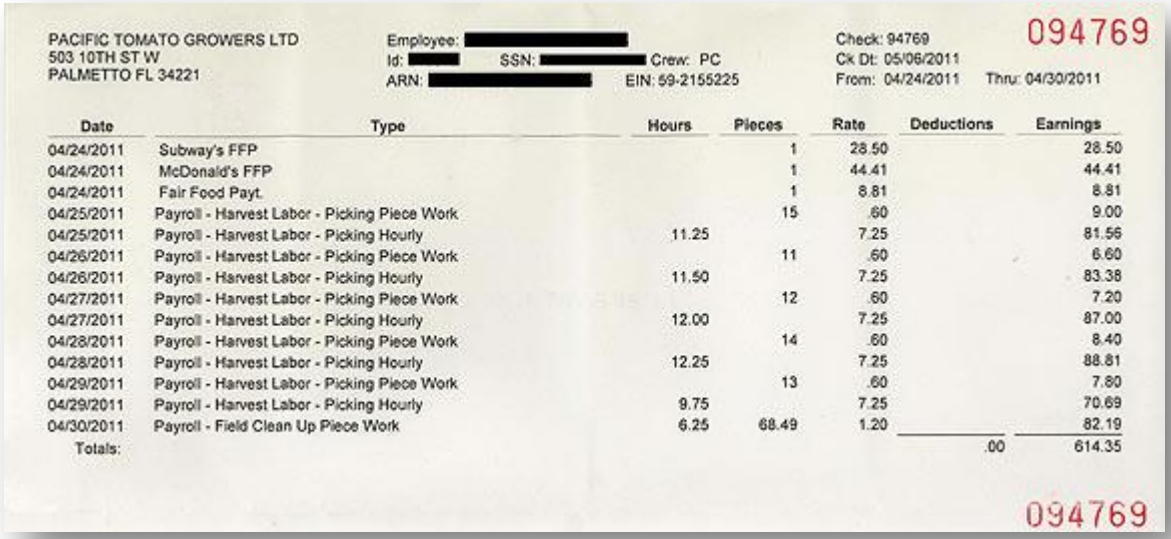
Fonte: Relatorio Fair Food Program – Relatório Anual 2014.

Esse valores são repassados para cada trabalhador na própria folha de pagamento, como pode ser visto na foto9:

[38] Cf: Building Partnerships to Eradicate Modern-Day Slavery. Report of Recommendations to the President. President's Advisory Council on Faith-based and Neighborhood Partnerships. Abril/2013. In: http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/docs/advisory_council_humantrafficking_report.pdf .Acesso em nov/2013.

[39] Cf: "After Long Fight, Farmworkers in Florida Win an Increase in Pay". The New York Times, jan./2011. In: http://www.nytimes.com/2011/01/19/us/19farm.html?adxnnl=1&adxnnlx=1390305733-SHWpBSzzQuTufngPvNxMdA

[40] http://fairfoodstandards.org/reports/14SOTP-Web.pdf



PACIFIC TOMATO GROWERS LTD
503 10TH ST W
PALMETTO FL 34221

Employee: [redacted]
Id: [redacted] SSN: [redacted] Crew: PC
ARN: [redacted] EIN: 59-2155225

Check: 94769 094769
Ck Dt: 05/06/2011
From: 04/24/2011 Thru: 04/30/2011

Date	Type	Hours	Pieces	Rate	Deductions	Earnings
04/24/2011	Subway's FFP		1	28.50		28.50
04/24/2011	McDonald's FFP		1	44.41		44.41
04/24/2011	Fair Food Payt.		1	8.81		8.81
04/25/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Piece Work		15	.60		9.00
04/25/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Hourly	11.25		7.25		81.56
04/26/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Piece Work		11	.60		6.60
04/26/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Hourly	11.50		7.25		83.38
04/27/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Piece Work		12	.60		7.20
04/27/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Hourly	12.00		7.25		87.00
04/28/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Piece Work		14	.60		8.40
04/28/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Hourly	12.25		7.25		88.81
04/29/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Piece Work		13	.60		7.80
04/29/2011	Payroll - Harvest Labor - Picking Hourly	9.75		7.25		70.69
04/30/2011	Payroll - Field Clean Up Piece Work	6.25	68.49	1.20		82.19
Totals:					.00	614.35

094769

Foto 9: Fax Símile do Holerite
Fonte: http://ciw-online.org/blog/2012/02/publix_ethics/

Nesta folha de pagamento, o trabalhador tem discriminado o quanto ele colheu em peças (baldes) e o valor que ele recebe em prêmios por estar trabalhando em uma fazenda produtora que negocia tomates com os compradores participantes do programa.

Com o Programa, os colhedores de tomate recebem entre US$60 e US$80 dólares a mais por semana, um aumento de 20 a 35% no salário.

O sistema de *hot-line*, monitorado pelo *Fair Food Standard Council*, de apoio 24 horas para os trabalhadores que desejam realizar uma reclamação ou denúncia tem funcionado de modo muito eficiente, tendo recebido no ano de 2013 uma denúncia contra uma fazenda produtora de morangos que aplicavam pesticidas sem proteger os funcionários e outra fazenda de tomates no Tennessee que maltratava os funcionários.

Ainda Segundo o relatório, a CIW já ofereceu cursos para mais de 20 mil trabalhadores e atingiu mais de 100 mil com material educativo sobre os direitos e sobre o Programa.

Desde o acordo assinado com a rede Wal-Mart, em janeiro de 2014, responsável pela venda de 20% de todo o tomate fresco comercializado no país, o FFP ganhou maior reconhecimento social. Atualmente, o varejista está propondo que o FFP apresente um programa piloto que leve os cursos e procedimentos de conduta de trabalho decente para outros estados que ele negocia como Georgia, Carolina do Norte e Carolina do Sul, Virginia,

Maryland e Nova Jersey. Existe inclusive, a possibilidade do programa conseguir o acordo de um centavo a mais com os produtores das fazendas de tomate destes estados, mas por hora, este ainda é um planejamtno que está sendo discutido.

Outra importante conquista realizada através do *Fair Food Program* é o fim do excesso de tomates nos baldes, conhecido como*copete*[41], que resultou numa média de aumento de 10% da produção e dos salários destes catadores. Os trabalhadores precisam encher os baldes com os tomates e leva-los até os caminhos para descarregar, entretanto, era comum que os líderes de turma ou contratistas obrigassem o trabalhador a ultrapassar a borda dos baldes, fazendo que este colhesse mais tomates sem ganhar mais. O nome desta ação de ultrapassar a borda dos baldes é *copete*.

Com o Programa, os trabalhadores enchem os baldes até o limite, como pode ser visto nestas fotos:

Foto 10: Baldes de coleta com e sem copete
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

[41]A palavra *copete*pode ser traduzida para o português como topeteou a parte que ultrapassa a borda dos baldes.

Foto 11: Cartazes que lembram ao trabalhador os seus direitos
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

Atualmente, o Programa através de seus organizadores, vem buscando regulamentar os contratantes que ficam responsáveis pelas turmas de trabalhadores das fazendas. Esse é um processo longo e requer um grande empenho para buscar por fim as irregularidades que ocorrem na contratação de líderes de turmas desonestos.

Mas o mais importante com relação a isso é o fato dos produtores que fazem parte do Programa serem obrigados a pagar os funcionários diretamente, e não repassar esses valores aos contratistas. Esse tipo de acordo garante que os produtores participantes são contratantes diretos destes trabalhadores, tendo de assumir todas as responsabilidades sobre eles, inclusive transporte de qualidade e boas condições no campo, como água potável gelada, banheiros próximos e limpos e espaços para refeição.

Na safra de 2013-2014, os auditores do FFP encontraram seis trabalhadores sem carteira assinada em duas fazendas que fazem parte do programa. Ambas foram autuadas e precisaram regularizar a situação dos empregados.

Independente do status de migração deste empregado, as empresas devem oferecer um cartão que serve como uma identidade para este trabalhador. Neste cartão devem conter as horas trabalhadas, registradas pelo relógio de ponto, os dias de trabalho para aquela empresa, entre outras informações referentes ao trabalhador.

Todas essas mudanças com certeza tem alterado o cenário da agricultura e do trabalho nos campos de Immokalee. Desenvolver no trabalhador a confiança em denunciar as práticas irregulares faz com que o sentimento de coação e medo seja, se não excluído, ao menos diminuído neste ambiente.

Em um estado onde as relações entre grandes produtores agrícolase políticos é muito forte, com altas taxas de imigrantes indocumentados e onde aassistência social é baixa, o*Programa Fair Food*, vem em um curto espaço temporal desenvolvendo uma forte identidade coletiva entre os seus envolvidos, criando um sentimento de confiança na organização que os representa e com isso, transformando a realidade nos campos.

1.4.2*Fair Food Standard Council*

O *Fair Food Standard Council* é um terceiro ator que visa monitorar as relações de trabalho no campo e foi criado em 2010. Durante dois anos o FFP funcionou como um programa piloto para que os organizadores pudessem verificar a eficácia do programa na comunidade da Florida. Após o ano de 2011, a CIW e a *Florida Tomato Growers Exchange*(organização responsável por representar 90% dos produtores de tomate da Florida)[42] assinaram um acordo.Segundo seus organizadores, o FFP é o único programa de responsabilidade social na agricultura dos Estados Unidos.

Com a missão de garantir e monitorar o funcionamento do *Fair Food Program*,este Conselho é responsável por auditorias financeiras e inspeções nas fazendas, além de oferecer um serviço de atendimento 24 horas (*hotline*) para receber e investigar possíveis queixas ou quaisquer outras denúncias de irregularidades, e também auxiliar e tirar dúvidas sobre questões referentes ao Programa. Segundo informações obtidas no site do Programa Fair Food,

> A implementação do *Fair Food Program* em 90% das fazendas produtoras ao longo do estado da Flórida, é o reflexo de uma mudança nas relações entre produtores de tomate e trabalhadores agrícolas, com fortes implicações para a produção de frutas e vegetais em toda a costa sudeste e em todo do país. Esta mudança de paradigma do conflito para a cooperação - incluindo o

[42]Os outros 10% de produtores estão vinculados a produção orgânica e pequena produção.

> acordo sobre a proteção aos trabalhadores [...] – é o resultado de anos de organização e trabalho árduo para a implementação detalhada do *Fair Food* (CIW/ Fair Food Program).

Em 2014, foi expedido pelo Fair Food Standard Council, o segundo relatório que descreve todas as cláusulas do Programa, bem como os direitos e deveres de todos os associados e um balanço geral das atividades durante o ano. É importante ressaltar neste contexto que o Conselho Diretor é formado por membros da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee, representada por Nely Rodrigues, Gerardo Reys e Steve Hitov, a vice-presidente do grupo Compass, Cheryl Queen, representante dos varejistas e produtores de tomate da Flórida e outros membros que representam organizações que apoiam o Programa, como Reverendo Noelle Damico, da *National Economic and Social Rights Initiative*[43]e Dr. Patrick Mason, do *Department of Economics,* da Florida State University.

Segundo os relatórios apresentados pela FFSC, o número de consumidores que procuram por produtos produzidos de forma justa vem aumentando no século XXI. Ao vincular essa procura ao *Fair Food Program*, mais compradores de tomate, como varejistas e cadeias de *fast-food*se tornarão parceiros do programa e com isso, mais produtores passarão a adequar suas propriedades com base nas exigências de uma produção justa[44].

1.5 Worker Center e novas formas de representação

A discussão em torno dos movimentos de representação de trabalhadores nos Estados Unidos tem se tornado mais abrangente à medida que se colocam em cheque as instituições tradicionais de representação paralelamente as novas tendências de representação do trabalho, através da formação de organizações comunitárias que buscam preencher as fissuras institucionais e legais que limitam a participação de determinadas categorias de trabalhadores nos modelos tradicionais.

Estudiosos levantam a hipótese do declínio de organizações verticalizadas, profundamente hierarquizadas e burocratizadas em oposição ao aumento de organizações orientadas por modelos mais horizontais, voltadas para a justiça social, através

[43]Organização que luta pelos direitos humanos no país. Cf: http://www.nesri.org/ .
[44]Para acessar o relatório de 2014 do FFP, acesse: http://fairfoodstandards.org/reports/14SOTP-Web.pdf

daconscientização dos seus representados. A mais de um século o sindicato tem experienciado uma queda na filiação de seus membros trabalhadores americanos, onde em 1983, a taxa de sindicalização na indústria privada americana era de 16,8% , em 2000 caiu para 9% e em 2011, baixou para 6,9% (WALSH, 2010; MARCULEWICS, S. e THOMAS, J, 2012).

Os fatores que levam ao declínio da sindicalização em todo o mundo são variados, perpassando por mudanças na própria configuração do trabalho, como os diferentes tipos de contratação (*part-time*, temporário, terceirizado), pela mudança das plantas industriais para outros países, pela contratação de mão de obra imigrante, entre outros[45].

Instituições tradicionais de representação como os sindicatos, não são extensivas aos ilegais. Acreditamos que essas novas organizações de defesa dos direitos dos trabalhadores passaram a trilhar caminhos paralelos e não contrários à essas intituições tradicionais buscando acompanhar as prórprias mudanças ocorridas no mundo do trabalho e no processo de reestruturação produtiva que passou a exigir relações menos formalizadas e mais flexíveis.

É neste cenário que se apresentam de modo muito significativo os *Worker Centers*. Denominados enquanto comunidades de base sem fins lucrativos e de liderança comunitária buscam prover apoio em diversas instâncias para os trabalhadores com baixos salários nos Estados Unidos. De difícil classificação, podemos dizer que os Worker Centers têm algumas características que sugerem a aproximação de uma organização do trabalho, entretanto, outras caracterisiticas como cooperativismo e educação popular sugerem uma aproximação com as tradicionais organizações populares de países da América Latina e Caribe, coincidentemente locais de origem da maioria dos imigrantes que formam muitas destas organizações.

Como cada organização é independente, os caminhos trilhados são diferentes em muitos aspectos, entretanto, Fine (2006, p. 11-13) define algumas características gerais encontradas na grande maioria destas organizações:

[45] Para maior elucidação sobre o tema do declínio do sindicalismo, ver: ***Destino do sindicalismo***, de RODRIGUES, L.M. São Paulo, Edusp, 1999.

- **Organização híbrida** *(Hybrid Organization)*: todos combinam elementos de diferentes tipos de organizações, desde agências de serviço social, passando por organizações fraternas, grupos comunitários e movimentos de organização social.

- **Prestação de serviços** *(Service Provisions)*: os centros oferecem serviços de assistência legal, introduzem os membros nas clínicas que oferecem assistência médica (principalmente no caso de imigrantes), auxiliam na abertura de contas bancárias, etc.

- **Defesa** *(Advocacy)*: centros conduzem pesquisas e realizam exposições sobre as condições de trabalho nas indústrias que pagam baixos salários, realizam*lobby* para novas leis trabalhistas e de migração, trabalham com agências do governo para aumentar o monitoramento nos processos de queixas e violações por empregadores. No geral, trabalham advogando em favor dos membros.

- **Organização** ***(****Organizing)*: segue uma linha de formação educacional para o desenvolvimento social e político dos imigrantes ou outros grupos de representados, através da realização de cursos e o desenvolvimento de lideranças de movimentos populares entre os próprios trabalhadores.

- **Base [sede] local mais do que local de trabalho** *(Place-based rather than work-site based):* os centros procuram sediar sua organização geograficamente estratégica para atrair os moradores daquela região, ou seja, a atração dos membros não vem pelo local de trabalho ou pela ocupação necessariamente, retirando deles o foco em uma única empresa. Os worker centers tem como prioridade conectar o trabalhador com o empregador e negociar com eles os salários e as condições de trabalho, mas esta não é sua finalidade única.

- **Forte identificação étnica e racial** *(Strong ethnic and racial identification):* Etnicidade, mais do que ocupação ou empresa, é o primeiro fator que leva os trabalhadores a procurarem um worker center.

- **Desenvolvimento de Liderança e democracia interna** *(Leadership development and internal democracy):* muitos destes centros dão ênfase para o desenvolvimento de lideranças e a realização de decisões democraticamente. Eles se concentram em colocar processos em andamento para envolver os trabalhadores em uma base contínua e trabalham para desenvolver as habilidades dos líderes de trabalhadores, de modo que eles sejam capazes de participar de forma significativa na orientação das organizações.

- **Educação Popular** (*Popular Education*): os worker centers se identificam profundamente com a filosofia e o ensino do método de "educação libertadora" que foi popularizado por Paulo Freire e desenhado em diversos modelos de educação popular que contribui para os movimentos de libertação da América Latina e o movimento de direitos civis na América. Eles veem educação como algo integral a organização. Workshops, cursos e sessões de treinamento são formuladas para enfatizar o desenvolvimento do pensamento crítico.

- **Pensando globalmente** *(Thinking globally)*: os centros possuem um forte senso de solidariedade comos trabalhadores de outros países e se preocupam em manter um contínuo foco no impacto global de políticas de trabalho e de mercado e a participação em campanhas que unem organizações transnacionais. Inclusive, alguns centros possuem imigrantes com experiência em movimentos populares em seus países e que compartilham das estratégias apreendidas para apoiar as organizações.

- **Uma agenda diversificada** *(A broad agenda)*: enquanto os centros dão ênfase aos problemas relacionados ao trabalho, eles também possuem uma vasta orientaçãoa que responde geralemente, a uma variedade de questões referentes aos afro-americanos, a imigração para os Estados Unidos, além de questões que incluem educação, moradia, acesso a assistência médica e jurídicas.

- **Construindo Coalizões** *(Coalition building)*: centros contróem alianças com instituições religiosas e agências do governo, além de procurarem trabalhar mais próximo com outros worker centers, organizações sem fins lucrativos, organizações

comunitárias, estudantes e grupos de ativistas através da participação em variadas coalizões, sejam elas formalizadas ou não.

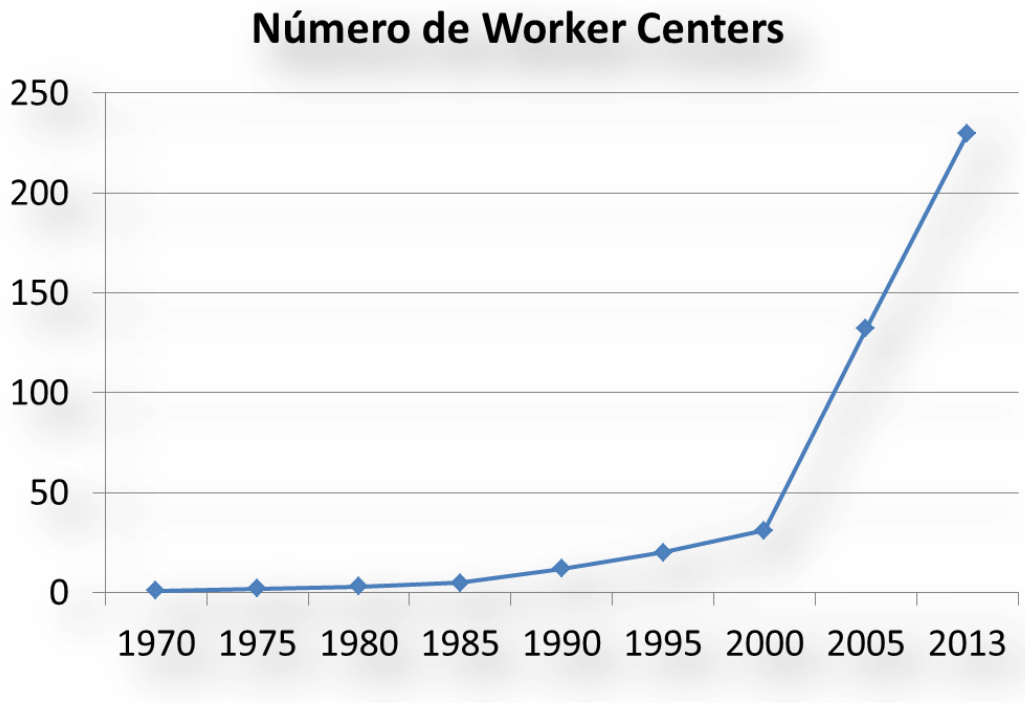
- **Poucos e envolvidos membros** *(Small and involved membership)*: A maioria dos centros vem a filiação como um privilégio que não é automático, mas precisa ser conquistado. Esses centros exigem que os trabalhadores realizem cursos e/ou se envolvam com a organização para que conquiste uma qualificação. Existem muitas ambivalências sobre cobranças de taxas, e ao mesmo tempo que 40% dos centros dizem ter os requisitos necessários, apenas alguns tem planejado sistemas que permitam a estes coletar taxas regularmente.

Os workers centers surgiram no sul do país, nas décadas de 1970 e início de 1980, período de declínio do setor manufatureiro e aumento do trabalho nos serviços nos Estados Unidos. As motivações destas organizações eram variadas, desde combate ao racismo institucionalizado até apoio a trabalhadores imigrantes.

Assim, Fine (2006) determina a existência de três ondas de formação dos worker centers nos Estados Unidos: a primeira teve início no sul do país, com os afro-americanos em resposta a institucionalização do racismo no emprego, o aumento das grandes empresas varejistas e a abstenção do sindicato como veículo de organização; a segunda entre o final da década de 1980 e início dos anos 1990, com a influência de novos grupos de imigrantes latinos vindos de países em guerra, como El Salvador e Guatemala, para trabalharem nas cidades estadunidesnes; e a terceira onda iniciada nos anos 2000 e que se caracteriza principalmente, pela organização de grupos em subúrbios e periferias, áreas rurais e nos estados do sul, graças a concentração de imigrantes mexicanos e da América Central que ocupam as vagas nos setores de serviços e na agricultura (FINE, 2006, p. 9).

O gráfico 2apresenta o crescimento dos workers centers nos EUA durante as três ondas de formação, trabalhadas por Fine (2006, p 10).

Gráfico 2: Número de Worker Centers nos Estados Unidos



Fonte: FINE, J. Worker Centers: Organizing Communities at the edge of the dream. 2006.

Entre os diversos fatores que justificam o crescimento dos worker centers nos Estados Unidos está o aumento da imigração entre os anos de 1990 e 2010, período em que a nação imigrante no país dobrou, com mais da metade passando a viver em quatro estados: Califórnia, Nova Iorque, Texas e Florida. Juntos esses quatro estados concentram a maioria dos worker centers do país, sendo que em 2010 Nova Iorque sediava 23, a Califórnia 29, a Flórida 6 e o Texas 7 (MARCULEWICS E THOMAS, 2012).

Até o ano de 2005, os Worker Centers contabilizavam 137 unidades distribuídas por todo o país, tendo ultrapassado 230 unidades em 2013[46], sendo a grande maioria destas organizações é formada pelos imigrantes(SCHIAVONE, 2008, p. 90).

As unidades operam de forma independente de acordo com a missão que propõem desenvolver no local em que estão instalados podendo variar entre suporte a trabalhadores urbanos, rurais/agrícolas imigrantes, negros, asiáticos ou numa intersecção destas características.

Com a finalidade de amparar os imigrantes recém chegados que possuem a língua como uma barreira, a migração como fator de discriminação e o trabalho informal mal remunerado como primeira oportunidade (SCHIAVONE, 2008), os worker centers buscam dar voz coletiva aos trabalhadores menos amparados pelas leis do país, diferenciam-se do modelo sindical principalmente por buscarem responder a uma gama de outros fatores além da representação no trabalho. Emergindo como componente central da infraestrutura da comunidade imigrante, se apresenta enquanto uma organização que oferece uma combinação de serviços comprometem-se primoridalmente com a missão de ajudar os imigrantes a transitarem pelo mundo do trabalho e também dos direitos legais nos Estados Unidos.

No sentido legal, os worker centers não são obrigados a seguirem as mesmas regulações que regem as organizações de trabalho, como os sindicatos. Com isso, essas organizações (WC) podem fazer uso do boicote secundário, proibido aos sindicatos pela Lei Taft-Hartley, emenda da NLRA, criada em 1947.

Entretanto, algumas organizações fazem uso das provisões da lei para defender os trabalhadores, como por exemplo, a organização OUR Wal-mart que promove as proteções oferecidas pela National Labor Relations Act (NLRA) em seu website, como forma de ensinar os trabalhadores representados que eles têm direito por lei de agir coletivamente em caso de problemas trabalhistas[47].

Para isso, essas organizações precisam se definir e receber certificação de organização do trabalho, caso contrário não poderá participar destas premissas legais. Segundo Marculewics e Thomas (2012), embora o cumprimento dessas leis confira benefícios aos trabalhadores, muitos worker centers são relutantes em se definir como organizações

[46] Cf: NARRO, V. Perspectives: Worker Centers and the AFL-CIO National Convention. **Law at the Margins.**Aug/2013.In: <http://lawatthemargins.com/perspectives-worker-centers-and-the-afl-cio-national-convention/>.

[47]Ver: http://forrespect.org/

trabalhistas, porque tanto a NLRA quanto a LMRDA[48] são entendidas como leis que impedem a organização de determinados grupos de pessoas, como por exemplo imigrantes ou os trabalhadores rurais.

Hyde (2006), quando analisa as organizações alternativas de trabalho (*Alternative Worker Organization* - AWO), assim como Marculewics e Thomas (2012), aponta as vantagens e desvantagens de um worker center ser caracterizado como uma organização trabalhista. Para ele, é complicado definir se uma organização alternativa de trabalhador é ou não uma organização de trabalho. Afirma ainda que para a definição de uma organização trabalhista, a organização precisa necessariamente negociar com os empregadores, caso contrário, não poderia ser denominada como tal.

Isso ocorre porque o U.S. Department of Labor (DOL) através da National Labor Relations Act ou Lei Wagner de 1935 garante o direito dos trabalhadores de se organizarem e negociarem coletivamente (barganha coletiva) com seus empregadores, sem que haja qualquer tipo de retaliação. Essa seria uma vantagem importante para os trabalhadores.

Promulgada pelo Congresso americano em 1935, a lei proíbe que um empregador demita um ou mais funcionários pela participação, organização e apoio a sindicatos. Além disso, estabelece a necessidade de existir um processo denominado **barganha coletiva,** que permite ao empregador e aos empregados uma discussão mais detalhada para a redação das cláusulas do primeiro contrato[49].

No ano de 1935, cerca de três milhões de trabalhadores eram sindicalizados, alcançando no pós Segunda Guerra Mundial, 15 milhões de membros em sindicatos. Durante este período os sindicatos conseguiram aumentos e melhorias nos benefícios trabalhistas, situação que se alterou por completo com o a economia contraída do pós-guerra.

Todavia, a NLRA exclui a cobertura destes direitos aos trabalhadores rurais, colocando-os em uma clara condição de impotência frente às irregularidades trabalhistas ocorridas no campo. Desse modo, amparado por lei, o empregador pode demitir por justa causa qualquer trabalhador rural que venha a participar de organizações sindicais.

---

[48] As leis NLRA e LMDRA serão brevemente descritas nesta pesquisa no ítem Leis do trabalho.

[49] Em pesquisa anterior realizada em parceria com a Profa. Dra. Leila de Menezes Stein foi discutido como se dá este processo de barganha coletiva nos Estados Unidos. Ver: STEIN, L; PERA, G.T. Greve e Complexidade: os dilemas do movimento dos Controladores de Vôo no Brasil (2008 – 2007) In: < http://seer.fclar.unesp.br/index.php/redd/article/viewFile/1077/883> Acesso em 20 dez. 2013.

Segundo Ryon (2002, 140-41), a exclusão dos trabalhadores rurais dos prescritos na NLRA ocorreu devido a forte pressão dos produtores agrícolas que buscavam manter o sistema racial e social no sul do país. Além disso, alguns legisladores de estados predominantemente agrícolas argumentavam que sem as exclusões, os trabalhadores rurais poderiam alcançar um nível de poder de ameaça que tornaria as culturas vulneráveis e consequentemente, gerar um risco na produção e no fornecimento destes alimentos.

> Desde a sua criação, o NLRA excluídos "trabalhadores agrícolas" de direitos de negociação coletiva. Posteriormente, esta categoria foi ampliado para também excluir outros trabalhadores que trabalham em uma fazenda, mesmo se não directamente envolvidas na produção de culturas (por exemplo, os produtos de embalagem numa fazenda). No entanto, existem nove estados em que os trabalhadores agrícolas têm alguns direitos coletivos de negociação (American Rights Network website, 2008).

Atualmente, oito estados do país permitem essa manifestação: Oregon, Kansas, Arizona, Wisconsin, Nova Jersey, Massachusetts, Dakota do Sul e Califórnia, em alguns estados a legislação assiste de forma mais intensiva os trabalhadores rurais pela implementação das eleições sindicais e dos procedimentos de combate às práticas injustas de trabalho.

No caso da *Labor Management Reporting and Disclosure Act* (LMRDA), as provisões da lei de 1959, obrigam as eleições sindicais secretas e periódicas (a cada cinco anos para organizações nacionais e internacionais e a cada três anos para organizações de nível local) com a participação de todos os membros, deveres fiduciários, que podem ser revisadas pelo DOL; os membros são garantidos contra abusos no local de trabalho; a obrigatoriedade de relatórios financeiros anuais reportados ao DOL.

Para Naduris-Weissman (2009), os worker centers optam por não se declararem enquanto organização de trabalho para, entre outras coisas, não precisarem prestar conta aos seus membros, nem seguir todas as premissas eleitorais e de administração que as leis colocam as organizações trabalhistas.

A meta de muitos worker centers é garantir que os empregadores dos seus membros ofereçam proteções aos trabalhadores em conformidade com as leis do trabalho. Isso tem gerado uma grande discussão entre estudiosos das leis do país quando se coloca em questão a definição destas organizações enquanto organizações trabalhistas.

Ainda segundo o pesquisador, é curioso o fato de organizações de base como estas, que visam a defesa dos direitos dos seus representados, em oposição as injustiças sociais, não terem interesse de se adequarem o quanto mais as características legalistas que, para o autor, aproximaria a organização de um modelo idôneo.

Concordamos com Fine (2006) que estas organizações são formadas por objetivos maiores, que buscam representar o membro do grupo não apenas nas relações trabalhistas, mas também em outros quesitos que se estendem até a vida na comunidade.

A definição de organização trabalhista pela LMRDA é bem ampla e por vezes confusa em sua formulação, entretanto, o Congresso define organizações trabalhistas como àquela organização que provê apoio de grupos envolvidos em qualquer tipo de representação de empregados ou acordos de barganha coletiva.

Mesmo seguindo diferentes caminhos dentro da representação no país, tanto organizações trabalhistas, sindicatos tradicionais quanto worker centers possuem objetivo e missão que se cruzam quando o interesse em trazer à tona a busca por justiça social é acionado.

Neste sentido, o apoio da American Federation of Labor and Congress of Industrial Organization (AFL-CIO) à representação de trabalhadores dos serviços se deu pelo perfil de seu novo presidente. Para Stein (2007),

> Nas eleições de 1995 ascenderia uma nova diretoria cujo presidente representava não mais o setor industrial - antigo coração do capitalismo norte americano - mas o setor de serviços através da SEIU - União Internacional dos Empregados nos Serviços. John Sweeney, seu presidente, tem em sua biografia de sindicalista a organização de trabalhadores no setor de serviços, tais como jardineiros chineses em Nova York, empregados domésticos e experiências de trabalho de base. Levaria para o sindicato esta vivência e a replicaria enquanto estratégia central da AFL-CIO (STEIN, 2007, S/N).

Concordamos com Stein (2007) que a trajetória do sindicalista traz para o contexto da central sindical uma aproximação com esses setores em expansão no país. Como muitos destes trabalhadores se encontram impossibilitados de formar sindicatos, recebem o apoio da central. *A AFL-CIO tem formado parcerias com worker centers e outros grupos de*

representação de trabalhadores que não possuem o direito legal a realização de barganha coletiva [50](AFL-CIO website).

Atualmente, os serviços realizados por imigrantes em troca de baixos salários estão em crescimento e ocupam algo em torno de 25% do mercado de trabalho. Preocupada com essa mudança, a AFL-CIO vêm buscando reforçar essa parceria com os worker centers, com o interesse em criar novas oportunidades de integração entre os trabalhadores representados pelos sindicatos formais e as alternative workers organizations (HYDE, 2006).

De acordo com Schiavone (2008) as organizações não tradicionais de trabalho ainda possuem pouco ou quase nenhuma atuação conjunta com os sindicatos. Estima-se que apenas 15% dos worker centers nos Estados Unidos possuíam alianças com os sindicatos e 82% realizavam projetos ocasionais, como apoio em protestos, por exemplo.

1.5.1 Coalition of Immokalee Workers: organização trabalhista ou worker center?

A Seção 2(5) da NRLA define **labor organization**[51] como organização, agência ou comissão de representação de empregados de qualquer natureza em que haja participação dos empregados e que exista com a finalidade total ou parcial de lidar com os empregadores no que se referem a queixas, disputas trabalhistas, salários, horas extras, horas de trabalho e condições de trabalho.

Estes requisitos da lei podem ser encontrados na CIW que:

1) É uma associação;
2) Possui uma estrutura central de lideranças;
3) É isenta de imposto de renda;
4) Organiza reuniões regulares onde dialoga com os produtores e varejistas, ou seja, negocia com o empregador;

[50] AFL-CIO has formed partnerships with worker centers and other groups of working people who do not have the legal right to collective bargaining (AFL-CIO website).

[51] Section 2(5) of NLRA: The term "labor organization" means any organization of any kind, or any agency or employee representation committee or plan, in which employees participate and which exists for the purpose, in whole or in part, of dealing with employers concerning grievances, labor disputes, wages, rates of pay, hours of employment, or conditions of work. http://www.nlrb.gov/resources/national-labor-relations-act

Além disso, Marculewics e Thomas (2012) apontam que a Coalizão se encaixa diretamente com terceira seção da NLRA que define a finalidade da organização como trabalhista, pois lidar com o empregador é uma de suas premissas, conforme evidenciado no Código de Conduta assinado entre os varejistas, produtores e trabalhadores rurais filiados à CIW. Um exemplo desta definição é o acordo realizado entre os membros da CIW e a Florida Tomato Growers Exchange, com o objetivo de negociar os salários, horas e outros termos e condições do emprego. O acordo também prevê a permissão de treinamento no campo para evitar acidentes de trabalho, intoxicação pelo uso errôneo de pesticidas, a resolução de problemas denunciados pelos trabalhadores, entre outros.

Mas ocorre que a CIW não pode ser uma organização de trabalho pois ela representa trabalhadores rurais (*farmworkers*), que perante a NLRA não podem formar nenhum tipo de instituição formal de representação trabalhista.

Contudo, em relação à LMRDA, onde a isenção de trabalhadores rurais da extensão da lei não existe, o grupo seria facilmente encaixado. Ocorre que a Landrum-Griffin Act ou Labor Management Reporting and Disclosure Act de 1959, para Marshall (1989) surgiu com o argumento do governo federal de combater a corrupção dentro dos sindicatos, garantindo que os membros dos sindicatos tivessem seus direitos garantidos[52].

A lei que tem como base o relacionamento entre sindicato e seus membros, visa garantir os direitos dos filiados e proteger os interesses destes através da promoção de processos democráticos dentro da organização. "Nas provisões da lei, o Congresso definiu 'labor organizations' sob a LMRDA como 'uma organização que busca cobrir um grupo engajado em qualquer grau de representação de empregados em administrar acordos de barganha coletiva', sem distinguir entre empregados rurais ou empregados não rurais".

Independente das diretrizes legais que podem ser colocadas à CIW, entendemos que muitas são as dificuldades para a organização deste grupo, entre elas, a sazonalidade, que impede muitos trabalhadores de se envolverem com a causa do grupo; o próprio status de indocumentado, que amedronta muitos trabalhadores a participarem de organizações de representação; a falta de recursos para sustentar a organização (a CIW no caso, tem ganhado notoriedade mundial e hoje sobrevive com doações e premiações); a competição por trabalho

[52]Cf.: A década de 1950 apresentava um alto índice de corrupção dentros dos movimentos sociais, principalmente nos sindicatos do país. Marshall, Leslie. The Right to Democratic Participation in Labor Unions and the Use of the Hobbs Act to Combat Organized Crime, 17 Fordham Urb.L.J. 189 (1989). Available at: http://ir.lawnet.fordham.edu/ulj/vol17/iss2/3

que ocorre dentro do próprio grupo de trabalhadores, que por vezes estão divididos entre temporários e imigrantes moradores da região; as rivalidades étnicas e a própria força política e econômica que a indústria da agricultura exerce nos campos desta região.

Contudo, o pesquisador afirma que os imigrantes, através destes worker centers têm desenvolvido um papel crucial para a revitalização do movimento trabalhista e das organizações de trabalho no país. Ao longo deste trabalho, é possível notar como este worker center tem conseguido vencer algumas destas estruturas até então engessadas na comunidade de Immokalee, através do enfrentamento da indústria agrícola.

Para Fraser (2002), trata-se da busca de uma identidade coletiva, em diferentes esferas. No caso dos trabalhadores rurais, uma forma diferente de lutar não somente por reconhecimento, mas por visibilidade de seus direitos trabalhistas. Não se trata, somente, de reconhecer o trabalhador, em condição desfavorável como temporário e/ou indocumentado, mas sim da forma como seu trabalho é explorado de forma predatória. Não se busca, como na teoria de Fraser analisar nos casos das classes em uma sociedade, de redistribuição de renda e mudanças estruturais profundas, mas sim um mínimo de direitos não assegurado a estes trabalhadores excluídos social e politicamente da estrutura rural estadunidense.

CAPÍTULO 2

Estrutura Agrícola da Flórida

> *Cada laranja, pêssego, tomate ou melancia que compramos foi colhida de forma manual pelos trabalhadores da agricultura. Todo pimentão, maçã, pé de alface ou cacho de uva – brotado da terra, de uma rama ou de um galho de árvore – foi colhido por um trabalhador rural, membro da mais pobre e desprivilegiada classe de trabalhadores da América (ROTHENBERG, 1998, p.1, tradução da autora).*

Os Estados Unidos são o segundo maior produtor de tomate do mundo, a frente da Índia, Turquia e Egito e atrás apenas da China. Há décadas os Estados da Califórnia e da Flórida lideram a produção no país e juntos são responsáveis por 2/3 da produção de tomates em âmbito nacional. Comercialmente os tomates são divididos entre frescos, para venda no varejo, e tomates que abastecem as indústrias de processamento. Esse tipo de produção gera uma receita de mais de dois bilhões de dólares por ano (USDA, 2012)[53].

> Se você já comeu um tomate fresco de um supermercado ou restaurante, as chances de que esses tomates tenham vindo de um dos caminhos que beiram as rodovias, estacionados nas fazendas produtoras de tomate. Embora os tomates sejam cultivados comercialmente em cerca de vinte estados, a Florida sozinha responde por um terço dos tomates frescos produzidos nos Estados Unidos, e de outubro a junho, praticamente todo o mercado de tomates frescos, cultivados no campo no país vêm do S*unshine State*, que envia mais de um bilhão de libras para Estados Unidos, Canadá e outros países a cada ano (ESTABROOK, 2011, p. 14)[54].

[53] Pode-se definir "tomates frescos" como os tomates que são cultivados para serem vendidos ao mercado varejista. Em geral são cultivados e colhidos manualmente, preservando assim a integridade da fruta (ROTHENBERG, 1998, p. 12; USDA, 2012).

[54] Texto original: "*If you have ever eaten a fresh tomato from a grocery store or restaurant, chances are good that you have eaten a tomato much like the ones aboard that truck[54]. Although tomatoes are farmed commercially in about twenty states, Florida alone accounts for one-third of the fresh tomatoes raised in the United States, and from October to June, virtually all the fresh-market, field–grown tomatoes in the country come from the Sunshine State, which ships more than one billion pounds to United States, Canada, and other countries every year" (ESTABROOK, 2011, p. 14).*

Acentuada a partir da década de 1980, a produção de tomates frescos e outros vegetais tiveram seu crescimento acompanhando a tendência mundial do processo de reestruturação produtiva, quando a agricultura nestes dois principais estados já se caracterizava por conter uma produção em larga escala e altamente desenvolvida.

Pode-se destacar neste contexto o grande incentivo ao desenvolvimento tecnológico de equipamentos, o crescente uso de suplementos agrícolas (sementes selecionadas, defensivos e pesticidas), sistemas de armazenamento e conservação dos alimentos e logística, propiciando o transporte deste e de outros produtos perecíveis através de caminhões refrigerados que se deslocavam por grandes distâncias sem afetar a qualidade dos vegetais.

Esse fenômeno gerou uma mudança comportamental e espacial no mercado de alimentos no país. Nota-se neste período a consolidação de grandes fazendas produtoras de alimentos que passam a comercializar seus produtos diretamente com as grandes cadeias de mercados varejistas do país, ofertando produtos de alta qualidade a preços mais baixos. (Harvey, 2002; Oxfam, 2004).

Com o clima e solo privilegiado para a produção agrícola, o estado da Flórida vem ocupando o primeiro lugar neste ramo da produção há décadas, que ocupa uma área de 42 mil hectares de terra e uma produção que gerou no ano de 2004, 15 milhões de toneladas de tomate.

Data ainda do período entre guerras o grande desenvolvimento da agricultura comercial, principalmente, no Sul da Flórida. A drenagem da região pantanosa de Everglades[55], nos anos 1920, trouxe à tona centenas de milhares de acres de terra, que passaram a ser cultivados com uma vasta variedade de culturas, como por exemplo, batatas, tomates, feijões e cana de açúcar, quando os campos no Nordeste do país ainda estavam cobertos de neve.

> *A partir dos anos de 1930, a agricultura no Sul da Flórida se tornou um grande negócio e a safra de inverno no "Sunshine State" atraiu ainda mais trabalhadores migrantes para o campo (HAHAMOVITCH, 1997, p. 114).* [tradução da autora].

[55] *Everglades* é uma região pantanosa subtropical no sul da Flórida e que possui uma área de aproximadamente 6000 km^2.

O estado da Califórnia lidera a produção total de tomates no país, contabilizando 96% de todo o tomate que é processado e transformado em extrato, molho e outros derivados, e complementa os 2/3 de tomates frescos produzidos pela Flórida. Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (2012)[56], atualmente, a Califórnia participa com uma parcela entre 25 a 37% dos tomates frescos produzidos no país. Outros estados em ordem de importância que produzem tomate são a Virgínia, Geórgia, Ohio, Tennessee, Carolina do Norte, Nova Jersey e Michigan, que inclusive recebem o fluxo de imigrantes vindos da Flórida para trabalhar nas suas lavouras.

2.1Como máquinas nos campos: Immokalee, Florida.

Aproximadamente dois milhões de trabalhadores rurais trabalham sem direitos, com baixos salários e em condições sub-humanas nas lavouras dos Estados Unidos (OXFAM, 2002). Buscaremos realizar uma caracterização dos traços desta agricultura na região da Flórida, utilizando de dados de sua história recente.

A cultura do tomate na região de Immokalee, na Flórida é pautada preponderantemente por trabalho manual. Ocorre que a grande produção desta região é direcionada para a venda no varejo, diferentemente dos tomates que são vendidos às indústrias de processamento para a produção de molhos e condimentos, que são colhidos por máquinas.

Segundo Rothenberg (1998, p.13), a industrialização e a sofisticação tecnológica da agricultura moderna têm aumentado a procura por trabalhadores temporários e migrantes sazonais para o trabalho manual nos diferentes períodos de safras do país. Além disso, o baixo custo do trabalho para os empregadores torna inviável o interesse em buscar tecnologias que substituam essa mão de obra barata. Assim, o que se nota é um alto incentivo no desenvolvimento de sementes geneticamente modificadas, controle de irrigação computadorizada, fazendas se transformando em grandes corporações, e a permanência do mesmo modelo de trabalho manual.

[56] Cf: United States Department of Agriculture. In: < http://www.ers.usda.gov/topics/crops/vegetables-pulses/tomatoes.aspx#.UjtB28akpMs > Acesso em ago. 2013.

Para conseguir uma vaga nestas lavouras, o trabalhador - seja ele imigrante trabalhador temporário/sazonal, guestwork (temporário com permissão para trabalho H2A) ou mesmo cidadão americano, em raras ocorrências – geralmente recorre a um contratante, também conhecido como intermediário, contratista ou *crewleader*.

Por intermédio destes agenciadores, os produtores têm a garantia de conseguir mão de obra necessária a suas lavouras. Além disso, os intermediários retiram dos produtores a responsabilidade direta sobre o trabalhador temporário. Neste sentido, pesquisadores como Riley e Jonhns (2003) e Rothemberg, (1998) apontam para a ocorrência de muitos abusos contra os trabalhadores.

No relatório apresentado pela Southern Poverty Law Center, uma organização que visa denunciar irregularidades no campo em defesa dos direitos dos imigrantes, dentre as principais queixas dos trabalhadores estão as péssimas condições de alojamento, a falta de fornecimento de refeições e água nos campos e até a apreensão de passaportes pelos intermediários. Algumas denúncias foram registradas no U. S. Department of Labor dos Estados Unidos e apesar da sua veracidade, os órgãos de inspeção nos campos não as registram, justificando a dificuldade de monitorar a grande quantidade de fazendas no Estado.

Dentre as atividades que os trabalhadores rurais exercem nos campos estão: o preparo do solo para o plantio, o plantio das sementes, o cultivo dos pés de tomate e por fim, a colheita. É neste último processo que se emprega a maioria dos trabalhadores rurais temporários, o que representa em média 60%.

É possível a partir de tais informações e o conhecimento deste processo, compreender que a estrutura de contratação nos campos de tomate desta região se mantém há décadas sem a ocorrência de grandes transformações. Contribui para essa condição a disponibilidade e a facilidade de obtenção de mão-de-obra barata vindas de diversos países da América Latina e Caribe.

A cultura de tomates na Flórida movimenta dezenas de milhares de trabalhadores rurais ao longo do ano no estado. A alta produção do tomate compete apenas com o México e se mantém na primeira posição no mercado em virtude das restrições colocadas pelo NAFTA em 1994.Para Cano (2014, p. 48):

> A indústria da agricultura sobrevive massivamente da mão-de-obra barata de trabalhadores imigrantes indocumentados. Com uma grande população de

> indocumentados e uma agricultura dependente destes, as deportações em Immokalee são quase inexistentes.

Como já analisado anteriormente, a cidade de Immokalee possui grande número de imigrantes que trabalham nas lavouras, configurando um grave quadro de *sweatshops*[57] nos campos.

2.2.1 Rotina de trabalho e formas de assalariamento

A rotina de trabalho tem início às 5 horas da manhã, quando se preparam para o dia de trabalho. Após o café e as atividades em casa, os trabalhadores se deslocam para um estacionamento da cidade para aguardar a chegada dos ônibus que os levarão para a lavoura. Este estacionamento fica no centro da cidade, na Rua Um, onde estrategicamente a Coalizão construiu sua sede.

Foto 12: Estacionamento onde os trabalhadores pegam os ônibus para o trabalho.
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014

[57] Termo que designa qualquer ambiente de trabalho inadequado e/ou perigoso, em que funcionários trabalham por longas horas, recebem baixos salários e ficam expostos a materiais e situações perigosas.

Este local se tornou simbólico para os trabalhadores por representar todo o processo de contratação e pagamento da maioria dos trabalhadores ao longo dos anos na cidade. Ali, os ônibus das fazendas produtoras de tomate estacionam diariamente para buscar os trabalhadores. Segundo um membro da CIW, a qualidade e quantidade de ônibus variam de acordo com o tamanho da empresa. Algumas empresas menores contratam poucos trabalhadores por dia, enquanto outras chegam a levar para seus campos milhares deles.

Por volta das 7h30 da manhã, iniciam suas atividades no campo, colocando lonas embaixo dos pés de tomate e separando os baldes que serão utilizados enquanto aguardam o início da colheita. O pagamento pelo trabalho é calculado por produção. A cada balde de tomate (16 quilos) colhido e depositado nos caminhões, o trabalhador recebe entre quarenta e cinquenta centavos de dólar. Como todo trabalho pago por produção, os colhedores de tomate precisam trabalhar rápido, pois são necessários 138 baldes para que se possa alcançar o piso mínimo salarial(foto 14).

Podemos verificar na fotoabaixo, como funciona o trabalho dos colhedores de tomate em Immokalee, na Flórida. Após colherem os tomates dos pés e colocá-los nos baldes, os trabalhadores se dirigem aos caminhões estacionados alguns metros da lavoura e entregam o balde para os coletores que, após despejarem os baldes nas caixas distribuídas na caçamba, jogam dentro do balde um ticket, que o trabalhador deve guardar para poder acertar com o *crewleader* no final do dia.

Essa forma de pagamento dos trabalhadores se mantem há décadas, tendo sido descrita por Hahamovitch como uma prática comum ainda nos anos de 1950 (HAHAMOVITCH,1997). Apesar de corriqueira, muitos trabalhadores discordam dessa prática. Compreendê-lo é um exercício fácil de pensamento quando retomamos ao número de baldes que cada trabalhador colhe em média por dia: 120. Ou seja, além de se preocuparem em realizar o trabalho de colheita rapidamente, transportar os baldes até o caminhão, precisam prestar atenção para não esquecerem os tickets dentro dos baldes e também tomarem cuidado para não perdê-los.

Foto13: Catadores de tomate em Immokalee, Flórida, sede da Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee.
Fonte: Daily Kos Media. In: http://www.dailykos.com/story/2013/05/06/1207277/-We-Have-a-Dream-Farmworkers-Organize-for-Justice#

No estado da Flórida, o valor mínimo para cada hora trabalhada está estipulado em US$ 8,05[58], supondo que um trabalhador realize jornadas de 8 horas de trabalho diário, ao final do dia, seu rendimento deveria ser de US$68,00.

No caso dos colhedores de tomate de Immokalee que recebem por balde em média US$ 0,50, considerando que a média de produção de cada trabalhador é de 120 baldes por dia (equivalente a quase duas toneladas de tomate, sendo uma média de 1 balde a cada 4 minutos), o valor total a ser recebido no final do dia é de US$ 60 dólares.

Ademais, devemos levar em consideração que o valor pago por balde de tomate varia de acordo com a condição da safra. Se o trabalhador for contratado para a primeira colheita, ele receberá um valor inferior ao trabalhador que for recrutado na segunda colheita, semanas depois. Esse fato se justifica em virtude da maior quantidade de tomates disponíveis para a

[58]Valor reajustado em janeiro de 2015. Cf. : http://www.dol.gov/whd/minwage/america.htm#Florida

colheita, o que consequentemente, faz com que o trabalhador encha os baldes com maior rapidez. Se for a segunda ou até terceira colheita, os pés de tomate estão mais escassos do fruto e demandam mais tempo para o preenchimento do balde, por isso, se paga alguns centavos a mais por balde.

Foto14: Trabalhador da Coalizão dos trabalhadores de Immokalee apresentando o número de baldes necessários para que um colhedor consiga alcançar o salário mínimo diário na lavoura.
Fonte: Ministry with the poor. In: http://www.ministrywith.org/learn/article.html?a=view&id=293. Photo courtesy of AnneMarie Gerhardt.

Esses dados demonstram claramente o quão defasado está o valor do trabalho dos catadores de tomate no estado. Mesmo com a jornada de trabalho de 8 horas diárias, seus rendimentos não alcançam o valor mínimo estipulado pelo Governo Federal dos Estados Unidos[59].

Uma segunda forma de assalariamento nos campos de Immokalee era o sistema "Day and a Dime", onde os catadores de tomate e citros recebiam além do valor referente às horas de trabalho, um acréscimo de dez centavos para cada balde de tomate ou citros colhido no dia. Mas em novembro de 1995, uma grande fazenda produtora de tomates, Pacific Land Co., visando diminuir os gastos com os salários, retirou essa porcentagem dos salários. Este teria

[59]Recentemente, uma organização sem fins lucrativos chamada Parent Earth: Videos about Food for Families, gravou um pequeno documentário que apresenta a forma de trabalho e assalariamento no campo como a CIW realiza a campanha de um centavo a mais para melhor o pagamento destes trabalhadores . In: < http://www.parentearth.com/grow/one-penny- > .

sido o estopim para o início de uma ação de resistência.No mesmo mês, a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee organizou sua primeira grande greve.

Desde então, a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee vem mostrando através de diversas abordagens a necessidade de se reajustar os valores do trabalho. Segundo um estudo realizado por esta Coalizão, o valor pago por balde de tomate colhido é o mesmo de trinta anos atrás, entretanto, para um trabalhador ganhar o equivalente ao salário mínimo de trinta anos atrás, este necessita colher hoje o dobro de tomates que se colhia.

Um trabalhador recebe por dia uma média de US$ 40 dólares. Segundo relatos do documentário*Food Chains*, os ganhos do catador de tomate variam muito de uma semana para outra, quando em uma semana ele pode ganhar US$ 300 e na outra US$ 100 ou US$50, dependendo da sorte de conseguir trabalho todos os dias da semana na lavoura.

A média salarial anual de um trabalhador rural é de US$10.500,00 por ano, o que nos dá uma média de US$ 875,00 dólares por mês. Quando atingido, este salário já tem destino certo, uma parte vai para o valor abusivo do aluguel, outra para a compra de alimento, uma terceira parte segue com destino à família do imigrante. Segundo relato de uma trabalhadora, alguns conseguem enviar de US$ 100,00 a US$ 200,00 dólares por mês, o que em alguns casos é a única fonte de sustento dos familiares. Quando sobra algum dinheiro, os trabalhadores solteiros gastam se divertindo nos diversos bares e casas de show que existem na cidade.

Analisando o processo de contratação de trabalhadores no campo, podemos verificar uma gradação referente ao tipo de trabalhador e, consequentemente, a forma de contratação e de salário ao qual este é submetido. Os trabalhadores rurais são os trabalhadores mais pobres dos Estados Unidos, recebendo entre US$ 10.000 e US$ 12.499 dólares por ano[60]. É importante ressaltar que nos Estados Unidos no ano de 2013 foram considerados abaixo da linha da pobreza aqueles que receberam até US$ 11.490 dólares[61]. Todavia, o cálculo dos rendimentos anuais de alguns trabalhadores rurais, principalmente os diaristas, não se apresenta de forma exata. Ocorre que a condição de diarista pode oferecer uma variação de pagamento dependendo da fazenda e das horas em que estes irão trabalhar. Essas

[60] Cf. After Long Fight, Farmworkers in Florida Win an Increase in Pay. The New York Times, jan. 2011. In: < http://www.nytimes.com/2011/01/19/us/19farm.html?_r=0>
[61] Cf.<http://aspe.hhs.gov/poverty/figures-fed-reg.cfm>

características dificultam a formulação de dados estatísticos sobre os ganhos destes trabalhadores.

Muitos dos imigrantes sazonais por não possuírem um trabalho fixo, também não possuem um rendimento exato. A grande maioria que se aventura em outras regiões do país conseguem trabalho como diaristas, e por este motivo, não recebem auxílio para o transporte, moradia e alimentação. Esses gastos são cobertos pelo próprio trabalhador ou no limite, negociados com os agenciadores que cobram um valor sobre todos os rendimentos do trabalhador no período.

A natureza da sazonalidade faz com que esses trabalhadores em geral sejam requisitados para a colheita, e não para o plantio. Com isso, o pagamento realizado se baseia na produção e não nas horas de trabalho. Neste sistema de pagamento, não são contabilizados o tempo dispendido entre o alojamento em que o trabalhador reside temporariamente e o campo. Existem relatos de trabalhadores que viajam cerca de duas horas para chegar às fazendas.

No caso dos trabalhadores temporários, como por exemplo, os trabalhadores sob o visto H-2A possuem um contrato de trabalho com um empregador, o que lhes garante o direito a moradia, alimentação e transporte e em geral seu pagamento é realizado a partir das horas trabalhadas. Quando os produtores precisam de trabalhadores que permaneçam nas fazendas, realizando o preparo da terra para o plantio por um tempo determinado é comum que se contrate os trabalhadores hóspedes ou *guestworkers* através da permissão H-2A.

2.2.2Contratistas e Líderes de turma: interligando as partes

A divisão de tarefas e cargos na indústria agrícola hoje é próxima da divisão de atividades de uma grande indústria urbana quando observamos ossetores dentro das indústrias agrícolas. Encontramos desde o trabalho manual realizado pelos trabalhadores rurais até o processamento e empacotamento final dos tomates dentro das próprias fazendas.Deve-se levar em consideração que o fato das indústrias estarem localizadas em regiões rurais e de produzirem alimentos frescos não muda a característica industrial consolidada ainda nos anos de 1950.

Nestas grandes corporações, comuns na região sul da Flórida, a associação de produtores rurais contrata milhares de trabalhadores durantes as safras do ano. Muitas vezes, estes trabalhadores não têm conhecimento da empresa à qual estão prestando serviços. Esse tipo de relação distanciada entre empregado e empregador acaba se mostrando um empecilho a contestação de trabalhadores que não conseguem acessar seus contratantes para reclamar problemas salariais, de saúde, etc.

Sabemos que o trabalho no campo na Flórida é a porta de entrada para uma massa de imigrantes pobres vindos da América-Latina e Caribe. A própria condição dura do trabalho, os baixos salários e a falta de direitos de organização tornam-se estímulos para que o imigrante procure outras oportunidades de emprego longe das lavouras. Apesar da vasta oferta de mão de obra, nem todos suportam as condições de trabalho no campo que apresenta altas taxas de abandono (*turnover)*.

Além disso, para Burns (1989, p. 34), o trabalho na agricultura exige disposição para o deslocamento à procura das safras. Na medida em que os trabalhadores ficam mais velhos e constituem famílias, esse deslocamento se torna mais trabalhoso, pois é preciso gastar com o transporte de toda a família, fora o trabalho para conseguir escolas, etc.

Dentro deste processo de contratação de trabalhadores, as empresas designam uma pessoa ou uma empresa terceirizada para contratar os trabalhadores, são os contratistas rurais (farm labor contractors). Numa escala de poder dentro desta atividade agrícola, os contratistas poderiam estar classificados como os responsáveis por fornecer trabalhadores rurais para o plantio, colheita e empacotamento de produtos. Eles são responsáveis pelo transporte dos empregados safristas para as fazendas e campos onde os trabalhadores vivem (SLONGWHITE, 2014, p.173). Aos *crewleaders* cabem as funções de supervisionar uma turma de trabalhadores no campo, atuando como um intermediário entre os proprietários das fazendas e os trabalhadores. O crew leader também pode ser o contratante (SLONGWHITE, 2014, p.174).

O U.S. Customs Service define o contratista rural como aquela pessoa que por um determinado valor, emprega trabalhadores para prestação de serviços ligados a qualquer tipo de produção agrícola, sob a direção de uma terceira pessoa. Ou aquele que recruta, solicita, supre ou contrata trabalhadores em nome de um empregador através do fornecimento de alojamento, alimentação ou transporte para os trabalhadores, além de supervisioná-los,

realizar os pagamentos, inspecionar o trabalho, conforme as diretrizes da lei de Proteção ao Migrante e o Trabalhador Temporário da Agricultura[62].

Nem todas as empresas contratam contratistas terceirizados, algumas possuem seu próprio departamento de contratação, que busca os trabalhadores em países como o México, para trabalharem temporariamente nas safras. As empresas que vêm contratando seus trabalhadores de forma direta, como relata Tovar (2013), têm apresentado boas relações de trabalho com seus empregados, seguindo de modo atento às cláusulas contratuais, oferecendo moradias de boa qualidade e alimentação decente. Entretanto, uma diferença importante deve ser destacada quando separamos dois tipos de agenciamento: direto e via empresa/pessoa contratante.

A primeira, em geral, contrata diretamente seus empregados via contratos temporários de trabalho, H2A, que implica na prestação de serviços no campo por um determinado período e obriga o empregador a saldar os gastos com viagens, alimentação e moradia, além do pagamento. Ao final do contrato, este empregador é responsável por encaminhar o contratado para seu país de origem, ou seja, o empregador passa a ter uma relação direta com o empregado.

No segundo caso, quando a companhia contrata uma empresa ou uma pessoa para agenciar os trabalhadores, automaticamente, esta companhia se desvincula da obrigação direta com o trabalhador. O empregador é sempre responsável pela mão de obra contratada, mesmo quando esta mão de obra é empregada via intermediário, mas com esse modelo de contratação, a empresa consegue um número de trabalhadores fechado de forma mais rápida e em alguns casos, pode inclusive se ausentar das irregularidades de contratação utilizando o argumento da contratação terceirizada.

Segundo Goldfarb (1981), os contratistas, em sua maioria, são vistos com maus olhos em decorrência do grande número de casos de exploração e irregularidades, com isso formou-se um imaginário de que todos os contratistas são ruins e que exercem seus negócios com base na exploração dos trabalhadores migrantes.

A profissão de contratista rural é legalizada e para conseguir uma licença o candidato deve aplicar um pedido ao Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, atestando estar apto e em condições de oferecer o serviço de contratação de trabalhadores para uma empresa rural.

[62] Migrant and Seasonal Agricultural Worker Protection Act (MSPA).

A contratação direta da empresa com o trabalhador permite que tanto o empregador quanto o empregado tenham mais controle sobre o processo de contratação. Além disso, ao responder diretamente ao Departamento do Trabalho americano, a empresa se responsabiliza em seguir todas as cláusulas contratuais, do contrário, terá de responder às irregularidades.

Na Flórida, os contratistas trabalham empregando trabalhadores para pequenos e médios produtores. Em todo o estado, o uso prolongado de contratistas para maximizar a renda minimizando o custo dos trabalhadores, transfere os riscos do trabalho agrícola para os trabalhadores, deixando-os à mercê de lesões e, em alguns casos, até mesmo da escravidão (TOVAR, 2014 *apud* LUNA, 1998 e Bowe, 2007).

Para os membros da Coalition of Immokalee Workers o problema maior em relação à contratação reside no monitoramento das atividades no campo, que é de responsabilidade do United States Department Of Labor. Em resposta, o US DOL justifica que a monitoração de todas as fazendas é algo praticamente impossível, ainda que existam grandes esforços para isso.

Os *crewleaders* ou agenciadores de turma estão em uma escala abaixo dos contratistas e segundo as leis federais eles são os responsáveis pelo recrutamento, contratação, transporte, moradia e alimentação dos trabalhadores da agricultura [Farm Labor Contractors – Regional Act of 1963, 7 U.S.C. parag 2042(b)].

Para Griffin (2014)[63] e Goldfarb (1981, p.19), muitos trabalhadores dependem dos *crewleaders* para conseguir trabalho. É comum um líder de turma iniciar suas atividades nesse ramo dando apoio a um grupo pequeno de familiares e amigos imigrantes, assumindo a responsabilidade por estes frente ao patrão.

É fácil perceber que os agenciadores possuem um papel importantíssimo no mercado agrícola e na contratação de trabalhadores migrantes. De modo complementar, os crewleaders ou líderes de turma também exercem uma importante função na agricultura dos Estados Unidos.

Os líderes de turma são responsáveis por trazer e controlar a mão de obra migrante para os campos. Um líder de turma (*crewleader)* pode ser um trabalhador rural que leva os outros trabalhadores rurais para diferentes locais de trabalho e é pago por este serviço pelos produtores; pode ser um empregado de uma grande corporação ou um indivíduo que não tem

[63] Griffin, R. **My daddy went blind in the fields.** In: SLONGWHITE, D. F. Op. cit.

vínculos nem com os produtores nem com os trabalhadores, mas que é contratado para realizar esse trabalho.

Ainda para Goldfarb (1981), o líder de turma é essencialmente, um indivíduo intermediário entre os trabalhadores migrantes rurais e seus empregadores, tendo como atividade principal, movimentar o mercado da agricultura através da conexão de pessoas que precisam trabalhar e empresas que precisam de trabalhadores.

Tal qual o contratista, o líder de turma também deve ser registrado e fazer parte de um cadastro que identifique sua trajetória de contratação. Todavia, ainda se encontram muitos agenciadores irregulares, que operam livremente violando as regulações do governo, trazendo trabalhadores irregulares para os campos, são os chamados coiotes.

Como o líder de turma é o responsável pelo repasse do pagamento ao trabalhador, ocorre muitas vezes neste processo o desvio de dinheiro ou como os membros da CIW preferem chamar, o roubo de salários. Em 1976, Dunbar e Kravitz (1976), descreveram o modo de funcionamento deste desvio:

> Em 1974, o líder de uma turma de 20 trabalhadores, recebia US$ 30 dólares diários do empregador para, simplesmente, trazer os trabalhadores para o campo. Se este mesmo líder supervisionasse o trabalho nos campos, ele poderia ganhar vinte e cinco dólares por dia. Ele deveria pagar para o catador, algo em torno de 0,90 centavos de dólar para cada caixa de tomates colhida. Ele poderia pagar em torno de 0,40 centavos de dólar para cada caixa colhida e então o líder receberia livre 0,50 centavos por caixa. Em um dia bom, uma turma de 20 trabalhadores pode colher em torno de 1000 caixas de tomate. Cada trabalhador poderia ganhar uma média de US$ 20 dólares e o líder da turma colocaria no bolso algo em torno de US$ 500 dólares. O líder também é responsável pelo transporte e pela assistência médica. É claro, dias bom não são frequentes, nem para os líderes nem para os catadores; eles ocorrem apenas quando a plantação está madura e o ciclo está completo (Dunbar e Kravitz, 1976, p. 36, tradução da autora).

Como já discutimos anteriormente, existe uma diferença entre ser um migrante sazonal e ser um trabalhador rural temporário. Segundo o HUD/US[64] em geral o trabalhador migrante/sazonal irá mudar seu local de residência durante as safras. Já o trabalhador temporário permanecerá na mesma localidade, embora possa se deslocar entre diferentes

[64] U.S. Department of Housing and Urban Develpment. In: < http://portal.hud.gov/hudportal/HUD?SRC=/STATES/FLORIDA/WORKING/FARMWORKER/COMMONQUESTIONS >. Acesso em jul/2013.

empregadores numa determinada área geográfica e trabalhar em diferentes culturas durante a estação (HUD/US, 2013).

Segundo dados do relatório Oxfam (2004), o aumento da precariedade dos empregados rurais tem se apresentado de outras formas. Os trabalhadores acompanham a oferta de trabalhos temporários, pois este tem sido um dispositivo utilizado pelos empregadores para reduzirem os custos com o trabalhador, bem como, para escaparem de muitas disposições das leis trabalhistas no país.

> Emprego temporário ou sazonal também significa aumento do fluxo migratório; durante as safras de 1997-98, de todos os trabalhadores das plantações, 56% imigrantes; em comparação com apenas 32% no período de 1989-90. Hoje, as famílias de trabalhadores rurais são mais separadas do que no passado. O uso de contratantes de trabalho agrícola, conhecidos por suas práticas abusivas, também está crescendo (OxFam, 2004, p. 3) [*tradução da autora*].

A prática de terceirizar a contratação de trabalhadores rurais vem aumentando a cada ano. Este cenário de fragilidade em que se encontram atualmente os trabalhadores rurais no estado da Flórida se deve a uma sucessão de fatores históricos que alteraram profundamente a conformação econômica e social do estado nas primeiras décadas do século XX. O desenvolvimento da agricultura de mercado em larga escala pode ser considerado o personagem principal deste período, na medida em que se apoiou na supressão dos pequenos produtores rurais e paralelamente, na utilização da oferta de mão de obra barata que emergiu neste período de depressão e de controle internacional da produção agrícola nos países fora do eixo dos "economicamente desenvolvidos" (via acordos de comércio – NAFTA).

Esta deterioração ocorre em partes porque a categoria é historicamente excluída das leis do trabalho, como será tratado no capítulo "Leis que regem o trabalho". Ainda hoje, os trabalhadores são banidos dos direitos e das proteções necessárias para se organizarem e participarem de sindicatos. Além disso, não possuem o direito de receberem hora extra e muitas vezes, quando contratados por produtores rurais de menor escala, recebem menos que o valor mínimo estabelecido pela hora de trabalho.

Em termos de comparação ressaltam-se as políticas sociais desenvolvidas no estado da Califórnia, que está na vanguarda dos outros estados do país, apresentando uma legislação que está mudando o processo de representação e proteção aos trabalhadores rurais.

Segue-se uma breve explicação que retoma a história das regiões para a compreensão da posição diferenciada da Flórida frente à Califórnia.

Com o aumento dos preços dos produtos agrícolas no período da Primeira Guerra Mundial, os produtores rurais foram encorajados pelo Governo Federal a aumentar a produção e investir em suplementos, maquinários, fertilizantes, veículos motorizados e equipamentos agrícolas que pudessem acelerar o processo de produção e de distribuição dos produtos.

O investimento realizado neste período, segundo Hahamovitch (1997, p.224), no ano de 1911 existiam apenas 4.000 tratores movidos à gasolina nos Estados Unidos, frente aos 242.000 no final da Primeira Guerra. Nos esforços para acelerar a produção, os produtores também dobraram o uso de fertilizantes à base de nitrogênio e triplicaram o uso da cal no solo.

Com o final da Primeira Guerra em 1918, os preços começam a cair drasticamente, atingindo principalmente os produtores rurais que haviam adquirido dívidas enormes com o governo federal. Para os produtores rurais americanos esse foi o início da Grande Depressão. Os estados da Geórgia e todos os outros que faziam parte do cinturão do algodão tiveram um duplo golpe. Além da queda dos preços, uma infestação de pragas destruiu as lavouras, alterando profundamente a economia (HAHAMOVITCH, 1998).

Essa sucessão de fatores históricos deu início a uma significativa alteração no fluxo de migração de trabalhadores, que passaram a se deslocar das fazendas da região do "cinturão do algodão" em busca de trabalho nas promissoras fazendas do Sul da Flórida, ao invés de migrarem como de costume para os estados do norte, como por exemplo, Nova Jersey onde o cultivo das batatas no final do século XIX e início do século XX pagavam melhor do que no Sul da Flórida.

Com a oferta de mão de obra barata oriunda dos estados mais atingidos pelo Pós-guerra e a oportuna drenagem dos pântanos na região de Everglades em 1920, o estado da Flórida deu início ao desenvolvimento da agricultura em larga escala. Nos anos de 1930, a agricultura no Sul da Flórida já havia se tornado um grande negócio e o inverno de clima tropical era o período ideal para o plantio de vegetais, atividade que necessitava de um grande número de trabalhadores. Para Hahamovitch (1997):

> Enquanto a drenagem do Everglades tornou possível o sucesso da agricultura comercial, o fluxo de trabalhadores migrantes negros e pobres, vindos da Geórgia, fez da agricultura no Sul da Flórida um negócio lucrativo em pleno período da Grande Depressão (HAHAMOVITCH, 1997, p. 114).

Com a vantagem de cultivar vegetais no inverno, o aumento da demanda dos produtos para os mercados dos estados do Nordeste forçaram os produtores do sul da Flórida a construírem seus próprios armazéns de empacotamento e processamento de alimentos, buscando desta forma fugirem das pesadas taxas de processamento, congelamento e transporte que pagavam para um único intermediário na época: Fort Lauderdale, região estratégica no estado da Flórida, localizada no litoral do Oceano Atlântico e que possui um grande porto que permite a comercialização com os estados do Nordeste do país. Pode-se dizer que este processo originou uma separação entre a pequena e média produção agrícola e a formação de grandes complexos agroindustriais naquela região (commodities), pois os produtores que não possuíam nada além das lavouras gastavam cerca de 50% de seus possíveis lucros no processamento e transporte terceirizado. Assim, os pequenos produtores, proprietários ou arrendatários de terras foram pressionados a deixar o mercado de hortifrúti para os grandes produtores, que através da produção em larga escala conseguiam vender para os consumidores do Norte a preços menores e quantidades cada vez maiores.

Na base desta grande pirâmide, em meio a todas essas transformações, se encontram os trabalhadores assalariados rurais, então alvos dos produtores rurais impelidos a pressionar os custos do trabalho para baixo.

> A consolidação de uma agricultura em larga escala na Flórida significou que a grande maioria dos trabalhadores imigrantes passou a trabalhar para uma pequena minoria de produtores. Tendo resolvido os problemas de processamento e envio [...] os grandes produtores estavam livres para dedicar-se as reduções dos custos do trabalho. Essa se mostrou uma tarefa muito simples (Hahamovitch, 1997, p. 102)[65]

[65] The consolidation of Florida agriculture into large states meant that the best majority of migrant farmworkers worked for tiny minority of growers. Having conquered the problems of processing and shipping

Os imigrantes vindos das Bahamas ocupavam a maioria dos postos de trabalho, alcançando uma média de 6000 trabalhadores por ano (BAGBY, 2003), dividindo os postos de trabalho com os negros americanos vindos das regiões mais pobres dos Estados Unidos e, em decorrência da grande depressão, também com muitos brancos pobres que perderam suas fazendas no estado da Geórgia, por exemplo. Podiam assim, os produtores rurais reduzirem os salários a serem pagos pelo trabalho. Com isso, as altas dos preços dos fertilizantes, sementes e produtos poderiam ser compensadas com a queda no valor do trabalho dos trabalhadores rurais.

Nos anos de 1940, segundo a Florida Industrial Commission, entre 40.000 e 60.000 trabalhadores migrantes chegaram ao Estado, se espalhando ao longo de toda a costa.Desta grande massa de trabalhadores, poucos eram os que tinham acesso aos benefícios sociais pagos pelo estado, que tinha como premissa a exclusão de qualquer benefício para aqueles trabalhadores que não possuíssem pelo menos um ano de residência na Flórida. Neste intervalo estrategicamente escolhido, ainda se detalhava que pelo menos seis meses deveriam ser em um mesmo condado e dessa forma boa parte desses imigrantes, que possuíam vínculos temporários de trabalho, e que se deslocavam frequentemente entre diversas cidades para prestarem serviços na condição de diaristas, ficavam fora da rede de benefícios.

Até os anos de 1930 a região de Collier County, onde se localiza Immokalee, possuía um baixo desenvolvimento da produção comercial dos tomates pela ausência de rodovias que levassem sua produção para os mercados do Nordeste do país. Com a construção destas rodovias houve um crescimento na lavoura do tomate que hoje representa 45% de todos os vegetais produzidos na região Sudoeste da Flórida (ROKA & COOK, 1998).

Deve-se mencionar que o trabalho que realizam os obriga ao contato diário com toxinas químicas, como pesticidas utilizados para o controle de pragas e que dão margem a diversos problemas de saúde, como intoxicação, diarréia, dores de cabeça e em alguns casos, levam à morte (RILEY, N; JOHNS, D; 2003).

Sem direito a esses benefícios sociais e trabalhando como diaristas nas fazendas, os migrantes tiveram que desenvolver uma forma de locomoção que os permitisse viajar para

---

[...] large growers were free to put their energies into restraining the cost of labor. This proved to be a much simpler task (HAHAMOVITCH, 1997, p. 122).

outros locais em busca de trabalho na baixa temporada do Estado da Flórida. Foi neste contexto que os agenciadores (*crewleaders*) passaram a ter maior importância, organizando grupos de trabalhadores e levando-os para outros estados que procuravam trabalhadores experientes para suas lavouras, como Nova Jersey, Connecticut e Nova Iorque. Os agenciadores aproveitaram o endividamento dos pequenos produtores no auge da depressão (década de 1930) e compraram deles carros e caminhonetes para transportar estes trabalhadores, desenhando assim um fluxo de migração que partia do Sul da Flórida e seguia até o estado de Nova Jersey.

A região central do estado de Nova Jersey[66] neste período era responsável por três quartos de toda a produção de batatas do Estado, sendo parte desta produção mecanizada e o restante dependente do trabalho manual.

Mais uma vez, essa oportunidade de mão de obra barata favorecia os produtores de Nova Jersey que utilizavam o trabalho migrante para concorrer com as oportunidades de emprego dos cidadãos locais, que evidentemente, desenvolveram certa animosidade à presença dos trabalhadores migrantes negros do Sul. Com isso, o acirramento das condições precárias de trabalho passa a ser um fator preponderante na cadeia de produção de alimentos. As fazendas que se mantiveram até o presente operam em grande escala na costa do Atlântico, buscando fornecer produtos frescos a nível nacional ao longo de todo o ano.

Ainda sobre o fortalecimento dos crewleaders, desde 1963 esses agenciadores são obrigados a se registrarem no United States Department of Labor (DOL). Segundo Rothenberg (1998, p.95), até o ano de 1998, existiam mais de 16 mil agenciadores de trabalhadores rurais no país. O valor referente ao pagamento do agenciador corresponde a um quarto do total dos rendimentos do trabalhador. Por este motivo, muitos trabalhadores optam por procurar trabalho através do que Portes (1995; 2008) denomina enquanto redes de migração.

A partir deste dado, apontamos para mais uma forma de subalternidade destes trabalhadores, que mesmo sem o pagamento de taxas para o agenciador recebem salários próximos aos da linha da pobreza. Com o pagamento destas taxas, estes trabalhadores certamente entrarão nesta faixa marginal da economia.

Além disso, todo o desenvolvimento agrícola no estado da Flórida não se deu sem a presença de grandes mercados varejistas. Essas grandes corporações são responsáveis pela

[66] Região também conhecida como os "três M" – Middlesex, Mercer e Monmouth (HAHAMOVITCH, 1997).

compra de cerca de 20% de todos os alimentos produzidos no país. Dentre estes grandes grupos, podemos citar a *Wal-Mart Stores Incorporated* e a *Yum Brands Incorporated*, grupo do qual fazem parte as cadeias de fast-food *Pizza Hut*, *KFC* e *Taco Bell*, entre outras.

Esses grupos se utilizam do poder de compra no mercado para negociar o preço dos alimentos no país. No caso da Flórida, uma das justificativas dos produtores quando questionados pelos baixos valores pagos aos catadores de tomate é a de que devido ao grande poder de compra, essas corporações varejistas jogam para baixo o preço da mercadoria, e por isso os produtores não conseguem aumentar o valor pago aos trabalhadores. Nos últimos vinte anos, segundo o relatório Oxfam (2004, p. 2), os valores pagos aos produtores de tomate diminuíram 15%. Na contramão destas grandes corporações se encontram os pequenos produtores rurais, que pressionados pelos grandes varejistas e incapazes de competir com eles, acabam abandonando a pequena produção e vendendo ou arrendando as terras para grandes produtores.

Neste cenário de concorrência na produção e comercialização de alimentos, outra ameaça aos produtores rurais se apresenta através da presença principal do México, país que produz tomates a custos baixíssimos devido à mão de obra barata e o clima propício para este tipo de produção durante todo o ano (Oxfam, 2004).

Ainda segundo Relatório Oxfam (2004, p. 2), os baixos custos da produção de alimentos frescos no México, incluindo os custos do trabalho, propiciam uma forte concorrência à produção de alimentos no sul da Flórida. Entretanto, os produtos mexicanos se tornam menos atrativos pelos custos de transporte e principalmente pelo controle dos valores de importação e exportação realizados pelos Estados Unidos.

CAPÍTULO 3

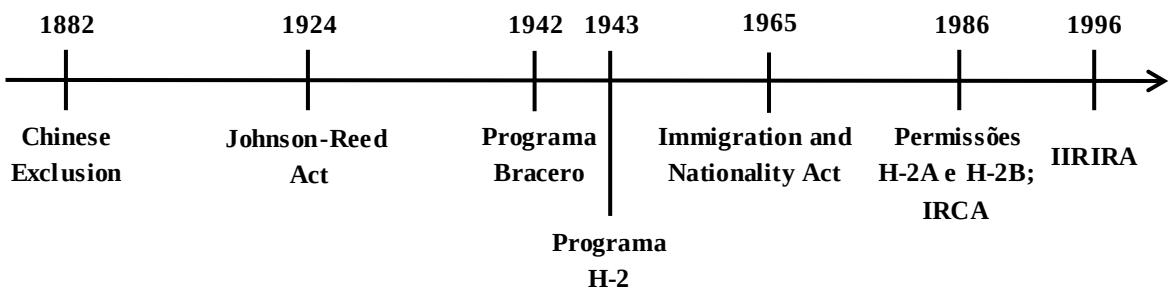
Programas de Recrutamento de Trabalhadores nos Estados Unidos

A migração para os Estados Unidos compõe um dos vários cenários dos fluxos migratórios contemporâneos. Estudiosos deste fenômeno, como Massey e Durand (2003), Portes (1995), Portes e DeWind (2008), Ngai (2003), Molina (2013), Ness (2001), Zolberg (2008) entre outros, têm buscado através de diferentes abordagens conceituais compreenderem as razões e as características deste fenômeno no país. Neste capítulo apresentaremos uma síntese destes estudos, buscando correlacioná-los com o objeto de estudo desta pesquisa, a formação da uma coalizão de trabalhadores rurais imigrantes na região de Immokalee, no estado da Flórida.

Ademais, ainda neste capítulo, optamos por abordar as circunstâncias dos fluxos migratórios ocorridos nos Estados Unidos em três diferentes períodos históricos. O primeiro, que abrange o período entre 1882 e 1923, com a aprovação do Congresso às primeiras leis restritivas a imigração no país. O segundo, de 1924 com a criação da Lei Johnson-Reed de Imigração até 1965, e que envolve a criação do Programa Bracero em 1942. O terceiro, que data de 1943, com a criação da permissão temporária de trabalho H-2, visando substituir o Programa Bracero, e que foi posteriormente reorganizada em H-2A para trabalhadores da agricultura e H-2B para trabalhadores não agrícolas, como parte das políticas de reforma das leis de imigração vigentes até os dias atuais.

Por fim, serão apresentadas duas importantes leis de reforma da imigração, a *Immigration Reform and Control Act* de 1986 e a *Illegal Immigration Reform and Immigration Responsability Act* de 1996, que tiveram impactos na economia do país.

Cronologia de leis e permissões de trabalho



A justificativa para essa linha cronológica nesta pesquisa é pela importância da criação de leis que legitimam o trabalho imigrante e temporário rural no país. No mais, torna-se possível com base no contexto histórico-político do país, verificar a aplicabilidade do mercado de trabalho imigrante para as áreas rurais do país.

Com isso, poderemos observar como alguns fluxos imigratórios presentes em diferentes períodos da história decorrem de aspectos cruciais de políticas de Estado, acarretando importantes transformações no âmbito econômico e social dos Estados Unidos. Entendemos que o trânsito internacional de pessoas se dá por uma gama de características, nas quais as questões políticas são uma parte delas, todavia, buscaremos apresentar principalmente, o caminho que vai ao encontro das políticas de estado, tendo em vista que nos períodos supracitados tais fluxos sofreram forte influência das políticas de estado[67].

3.1 Estudos sobre migração nos Estados Unidos

A migração é parte de um processo que exige estudos interdisciplinares, abordando por diferentes pontos de vista seus aspectos político, econômico e humano (anexo 1). Conforme Heisler (2008), as pesquisas sobre migração internacional tem se apoiado, principalmente, sobre duas linhas de pensamento: a primeira, que busca questionar os motivos da migração e o modo como ela se sustenta, e a segunda que busca entender o que acontece com os imigrantes nas sociedades que os recebe, ambas dando enfoque para as consequências sociais, econômicas e políticas deste fenômeno[68].

Esta pesquisa dará maior enfoque a esta segunda linha de pensamento, tendo em vista que ela nos apresenta maiores possibilidades para analisar o nosso objeto de estudo. Sabendo-se que o estudo sobre imigração tornou-se anos 1980[69] mais uma vez uma questão premente em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, o que exigiu que as teorias até então formuladas passassem a ser revisitadas.

---

[67] Cf. Pesquisadores como Ness (2001); Limoncic (2009) e Fine (2006) realizam um importante trabalho, dando maior enfoque as políticas de estado nos Estados Unidos.

[68] Cf. No entendimento de Castles e Muller, 2003, vivemos na "era da migração".

[69] Consideramos que a década de 1980 é reconhecida historicamente como o período em que o processo de Globalização se concretiza no mundo e em decorrência deste, o aumento da mobilidade e do capital na sociedade (Harvey, 2002; Patarra, 2006).

Entendemos que o processo de Globalização apresentou uma nova divisão internacional do trabalho, onde através de uma produção flexível, reestruturada e operada a baixos custos de mão-de-obra, passa a dinamizar a mobilidade do capital e também a mobilidade humana, que passa transpor as fronteiras dos Estados-Nação em busca de oportunidades econômicas.

Ainda nos anos de 1920 e 1930, os teóricos da Escola de Chicago apresentaram de forma inaugural estudos sobre a migração urbana e suas possíveis consequências na sociedade americana. Através da elaboração de pesquisas teóricas e etnográficas sobre este fenômeno, foi possível repensar o processo migratório por outros aspectos ainda não abordados na literatura.

Deste processo, se engendrou o conceito de "assimilação", sustentado por seguidores da Escola até os anos de 1960 e que apresentava a sociedade Americana enquanto uma entidade homogênea, que se comportava como uma esponja absorvente das diferentes culturas/religiões que ali se encontravam. Contudo, tal perspectiva se mostrou incapaz de explicar o ressurgimento da etnicidade e da persistência da desigualdade e dos conflitos raciais no país (HEISLER, 2008).

No entanto, alguns teóricos como Sassen (1988) e Portes (1995) combatem esse argumento, apresentando novas perspectivas para os estudos da migração. Segundo Portes (1995), a migração é um processo altamente seletivo, no qual determinadas áreas urbanas e comunidades rurais se tornam fontes do movimento, enquanto outras áreas de estrutura socioeconômica similares, não são participantes do processo[70].

Nesse sentido, Portes (1995) propõe uma alternativa sociológica à teoria neoclássica, operando-a em dois níveis: um primeiro macroestrutural, onde se consideram as diferenças entre nações como fontes de migrantes e; microestrutural, que focaliza as diferenças entre comunidades da mesma nação.

Desse modo, alguns padrões de migração internacional tendem a refletir com notável precisão um passado de ações hegemônicas de forças globais, entre estes, os fluxos imigratórios que consolidaram as atuais comunidades latinas nos Estados Unidos.

[70]Embora sejam muitas as questões que envolvem imigrantes e sua adaptação no país receptor, as questões cultural e étnica devem receber bastante atenção nesta pesquisa. Teóricos como Portes (2007) com o conceito de aculturação dissonante e consonante; Lamphere (2010) com os conceitos de assimilação, construção e manutenção da identidade e da diferença e Hirschman (2007) que busca compreender qual o papel da religião na adaptação do imigrante, serão trabalhados nesta pesquisa.

Para tanto, novos modelos mais estruturados variantes entre si, passaram a mudar o foco de estudos do próprio imigrante e direcioná-lo mais para os processos de interação entre as estruturas das sociedades hospedeiras e nas instituições e características dos recém-chegados e desta forma, ainda segundo Heisler (2005), buscou-se moldar o corpo da sociedade Americana que os teóricos da Escola de Chicago colocavam enquanto amorfo, apontando que a esponja absorvente é estruturada e que a estrutura por si só é sujeito da mudança e que leva em consideração a existência de variáveis estruturais e econômicas, como a presença de mercados de trabalho, estruturas de classe, desigualdade e conflito étnicos, capital social e humano e redes e organizações de trabalho.

Com isso, a perspectiva funcionalista dominante da teoria de assimilação segue sendo sobreposta por uma teoria do conflito e de estudo de realidades empíricas que justificavam a persistência das desigualdades e conflitos étnicos e raciais, que se apresentam através da coexistência de diversos modelos que projetam e explicam uma variedade de resultados e condições.

A segunda corrente de pensamento abordada nesta pesquisa se refere à definição de comunidades étnicas enquanto identificadas na nova literatura não mais como um processo existente necessário para o eventual processo de assimilação, mas sim, como um modo distinto de incorporação dos imigrantes na sociedade americana. (PORTES, 1995; HEISLER, 2008).

A nova economia da migração busca através do conceito de ação racional weberiano[71] a compreensão do processo migratório atual. Devido à cooperação de grupos humanos (famílias, igrejas e associações), os indivíduos adquirem um quadro de privilégios e obrigações que simultaneamente amplia e restringe as possibilidades de cada um. As vantagens proporcionadas pela intensa utilização desses laços sociais no contexto migratório influenciam de tal modo as opções do migrante que os fatores estritamente econômicos e individuais deixam de ser exclusivos na explicação do fenômeno. Ou seja, a migração é definida como um processo criador das redes sociais porque desenvolve uma densa gama de contatos entre locais de origem e de destino.

71 Formulação clássica de Max Weber, onde a ação racional é socialmente orientada, no sentido que considera o comportamento dos outros.

Como bem ressaltaram Sasaki e Assis (2000), teóricos como Massey (1997) apontam para os limites das proposições neoclássicas. Para ele, a unidade de análise não seria o indivíduo autônomo, mas sim as famílias, domicílios ou outras unidades de produção e consumo culturalmente definidas; o diferencial de renda não é uma condição necessária para ocorrer a migração internacional, uma vez que podem contar com incentivos para diversificar os riscos através das redes sociais; a migração internacional, emprego e produção local não são mutuamente possibilidades exclusivas; as políticas governamentais ocasionam mudanças econômicas que afetam a distribuição de renda podendo influenciar a migração internacional independente de seus efeitos sobre a renda. (SASAKI E ASSIS, 2000, p. 07).

Ainda em concordância com a teoria de Massey (1997), podemos citar Tilly (1990), que enfatiza como migração se dá por razões outras que não os incentivos econômicos, como por exemplo, para se juntar à família ou mesmo para preencher expectativas normais de jovens trabalhadores.

Esses indivíduos transmitem informações sobre locais de destino e fontes de assistência para o ajuste inicial do migrante; são as redes sociais, que se distinguem sob dois aspectos: 1) o grau de influência que o migrante mantém na sua comunidade de origem e; 2) quão definitivo é o caráter do seu movimento, ou seja, se esses imigrantes migram e permanecem no local de destino ou se buscam um espaço no mercado de trabalho temporário e após um período marcado de tempo retornam ao país de origem.

Tais aspectos demonstram que a migração não é um movimento desorientado de pessoas carentes, mas sim uma ação baseada em reflexão, para aliviar as pressões socioeconômicas nos vários estágios do ciclo vital. Essas redes, segundo Boyd (1989), tem como base a família, que passa a exercer o papel de agentes socializadores do migrante.

Ainda que a teoria neoclássica e a nova economia da migração conduzam a conclusões divergentes relacionadas a origem e a natureza da migração internacional, ambas são essencialmente modelos de tomadas de decisão em escala microestrutural.

Distanciando-se destes modelos de decisão baseados na ação racional, a teoria dos mercados laborais segmentados, descarta as decisões tomadas pelos indivíduos e grupos familiares e coloca que a migração internacional ocorre por demanda de força de trabalho intrínseca às sociedades industriais modernas (DURAND E MASSEY, 2003, p.17).

Para estes autores, Michael Piore [72] é um dos principais propagadores deste ponto de vista teórico. Segundo ele, a imigração internacional é o produto de uma permanente demanda de trabalho inerente à estrutura econômica das nações desenvolvidas. Assim, a imigração internacional obedece a fatores de atração exercidos pelos países receptores (que possuem necessidade crônica de mão-de-obra barata), reproduzindo a oposição clássica entre capital e trabalho.

É importante ressaltar que a teoria dos mercados laborais segmentados não afirma e nem nega que os atores tomem decisões racionais a partir de interesses pessoais, como colocam os modelos microeconômicos.

Originalmente abordada pelo teórico Pierre Bourdieu (1986), e posteriormente introduzida nas teorias migratórias pelo economista Glenn Loury[73], a teoria do capital social se caracteriza pela soma dos recursos reais ou virtuais que correspondem a um indivíduo ou grupo em virtude de seu pertencimento a uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuo.

Uma das características fundamentais da conceituação do capital social é sua conversão, que pode ser compreendida em outras formas de capitais, principalmente o capital econômico. Esse processo pode decorrer, por exemplo, através da melhoria de condições sócio-econômicas de um indivíduo no país de destino através da sua inserção em um grupo previamente estruturado. Com isso, a possibilidade desse indivíduo encontrar um trabalho através dessas redes sociais possibilita a conversão do capital social em econômico.

Neste cenário, as redes migratórias podem ser entendidas como forma de capital social, onde a existência de laços interpessoais conecta os futuros migrantes com grupos de imigrantes que os antecederam, permitindo-lhes o apoio na travessia, na chegada e na adaptação ao país de destino.

Assim, concordamos com Figueiredo (2005) que,

> A explicação para as migrações económicas internacionais não se resume às causas apresentadas pelos neoclássicos. Os fluxos seguem, geralmente, padrões de laços históricos previamente existentes e são consequência de um processo mais amplo de integração social, política e econômica no mundo. Os seus fatores explicativos foram enriquecidos com contributos teóricos surgidos, entretanto, como a nova economia das migrações, a

72PIORE, M. *apud* DURAND e MASSEY, 2003.
73GLENN LOURY *apud* DURAND E MASSEY (2003).

> teoria do mercado de trabalho dual e a teoria dos sistemas-mundo, entre outros (FIGUEIREDO, 2005, p. 105).

Dessa forma, não se trata somente de oportunidades de emprego, mas também de uma construção histórica sobre esses trânsitos migratórios. Podemos compreender a partir destes estudos que a atuação política em determinados períodos é o grande fomentador deste processo, permitindo quando necessário à entrada de trabalhadores e bloqueando as fronteiras nacionais quando a demanda de mão de obra está suprida. Nos dois momentos, o que se pode notar é a invisibilidade deste indivíduo pela sociedade norte-americana, quer seja atuando nas lavouras ou nos serviços urbanos que estes desempenham diariamente.

Concordamos com Ness (2011), que os estudos sobre migração fazem parte de uma ampla discussão sobre a tensão histórica existente entre Estado Nação, cidadão e capital. Para este pesquisador, a oferta de mão-de-obra migrante em oposição a classe trabalhadora cidadã, permite ao capital a formação de um exército de reserva de trabalhadores, que tende a baixar os custos do trabalho ao mesmo tempo em que mina os esforços dos trabalhadores por melhores condições de trabalho[74].

Tendo em vista que a criação de leis e normas de regulamentação do trabalho e da migração no país possuem papéis fundamentais para esta pesquisa, apresentaremos a seguir o histórico de algumas das principais leis que envolvem o trabalho e a imigração país.

3.2 Imigração e Trabalho nos Estados Unidos

Entre os anos de 1800 e 1925, mais de 45 milhões de pessoas deixaram a Europa em busca de uma nova vida nas Américas e na Oceania, sendo os Estados Unidos o destino de cerca de sessenta por cento destes imigrantes. (DURAND E MASSEY, 2003). Para muitos neste período, a Lei de Naturalização abriu as fronteiras do país e permitiu a naturalização de "brancos europeus livres".

[74]Ness (2011), em seu livro "Guest Workers and Resistance to U.S. Corporate Despotism", nos apresenta uma importante reflexão sobre os caminhos da migração para os Estados Unidos, onde a partir da formação de grandes exércitos de reserva de trabalhadores, em alguns períodos nos permite compreender o fluxo migratório enquanto um processo institucional e determinado pelas políticas de estado dos Estados Unidos.

O aumento dos fluxos imigratórios de estrangeiros vindos da Ásia e da Europa para o país resultou em diversas tentativas de conter a imigração. No ano de 1870, os chineses totalizavam 8,6% da população da Califórnia e constituíam 25% da força de trabalho.

Na tentativa de restringir o número de trabalhadores asiáticos no país, em 1875 foi assinada a Page Act, considerada a primeira lei restritiva de Imigração Federal no país e que proibia a entrada de imigrantes considerados indesejáveis. A lei recebeu o nome de seu criador, Horace F. Page, um republicano que buscava "acabar com o perigo do trabalho chinês barato e com a imoralidade das mulheres chinesas[75]". A Page Act reforçou sua restrição com a imposição de uma multa de US $ 2.000 e pena de prisão para qualquer pessoa que fosse pega tentando trazer um chinês, japonês ou qualquer outro cidadão asiático para os Estados Unidos.

Em 1882, ocorreu o que Ngai (2008) chamou de a primeira grande tentativa de regular ou deter o fluxo desses trabalhadores asiáticos, com o Congresso aprovando o Exclusian Chinese Act, uma lei federal que proibia a entrada e a contratação de um grupo étnico para o trabalho no país.

Entre os anos de 1908 e 1920, em média, dois a três mil imigrantes eram deportados anualmente pelo Serviço de Imigração Nacional. Podemos dizer que o Congresso e o Serviço Nacional de Imigração conceberam e executaram a deportação como um acessório ao processo de exclusão; uma correção à admissão não apropriada de estrangeiros nos anos anteriores.

Na década de 1920, o crescimento dos problemas sociais no país, o aumento da pobreza, a formação de comunidades étnicas pobres, desencadeou um sentimento xenófobo acirrado ainda mais pelo então sentimento nacionalista do período pós 1ª Guerra Mundial.

Com as restrições legais a entrada dos chineses no país, milhares de trabalhadores mexicanos começaram a chegar aos Estados Unidos e ocupar os postos de trabalho vagos, principalmente na mineração, na agricultura em desenvolvimento e na construção de rodovias.

A segunda grande tentativa de controlar a massiva entrada de imigrantes no país ocorreu em 1924, a Johnson-Reed Act, uma lei que pela primeira vez apresentava restrições numéricas a todo tipo de imigração. Outras leis precedentes a John-Reed Act (1924) já

[75]Cf: George Anthony Peffer, "Forbidden Families: Emigration Experiences of Chinese Women Under the Page Law, 1875-1882," Journal of American Ethnic History 6.1. pp 28-46, p.28.1 986.

estavam em vigor nos Estados Unidos, mas ainda não existia no país uma Lei Federal que exigia a remoção dos que conseguissem entrar de forma ilegal no país.

A lei limitou a 150 mil por ano a entrada de imigrantes e passou a determinar cotas para alguns países (NGAI, 2008). Neste mesmo período (4 de março de 1929), o Congresso legislou um mecanismo oficial de repressão contra a entrada ilegal: a Border Patrol, uma agência de policiamento fronteiriço que passou a atuar nas fronteiras do país. Componente central da política nacionalista dos tempos da guerra e do pós-guerra, a restrição à imigração marcou a consolidação do sistema internacional de nação-estado, baseado na soberania com fronteiras mais controladas.

Neste contexto, diversas contradições passaram a fazer parte da conjuntura do país, gerando mais ênfase no controle das fronteiras e transformando os imigrantes mexicanos em imigrantes ilegais icônicos. A inspeção desses imigrantes passou a envolver um procedimento degradante de banho, *despiolhização*, inspeção médica e, interrogatório.

O Serviço Nacional de Imigração contratou antigos cowboys e pequenos proprietários de terra como primeiros guardas da Patrulha das Fronteiras (muitos destes, jovens, com experiência militar e alguns associados ao Kukluxklan). O trabalho da Patrulha de Fronteira tomou um caráter de caça e prisão destes imigrantes ilegais, embora oficialmente estivessem encarregados de vigiar, zelar pelas leis civis e penais. (NGAI, 2008). Existia nesse período uma Patrulha treinada para lidar com os cidadãos anglo-saxões, turistas de alta classe do Canadá e proprietários de ranchos, e imigrantes recém-chegados da Europa e outra Patrulha mais truculenta, que agia na região da fronteira Sudoeste.

Os mexicanos se tornaram tão associados à imigração ilegal porque ao contrário dos europeus, não estavam sujeitos a cotas numéricas e, ao contrário dos asiáticos, não eram excluídos como racialmente inelegíveis para a cidadania. Somado a isso, com a diminuição do número de imigrantes europeus nos anos da Primeira Guerra, criou-se uma grande demanda de mão-de-obra mexicana para o trabalho. Com a Grande Depressão de 1929, os trabalhadores mexicanos passaram a ser uma ameaça aos trabalhadores norte-americanos e mais de 500 mil destes foram deportados[76].

Nas décadas de 1920 e 1930, eram considerados ilegais aqueles que cruzavam a fronteira sem autorização, que permaneciam no país além do tempo estipulado pelo visto e

76 Cf. "Close to Slavery: Guestworker Programs in the United States. In: < www.splcenter.org >. Acesso em: março de 2012.

aqueles que estavam no país legalmente, mas que cometiam algum tipo de transgressão sujeita a pena.

Concordamos com Ngai (2008) e Fine (2006), que no contexto da Lei de Imigração, privilegiou-se a territorialidade e o controle das fronteiras, operando políticas de cotas que buscaram reduzir drasticamente a entrada de imigrantes no país, principalmente de chineses, atraídos pela febre do ouro na Califórnia e pelas oportunidades de emprego nas ferrovias. A criação das cotas de entrada de estrangeiros no país teve como base de cálculo o censo de 1890, período em que se estima a entrada de mais de 300 mil chineses no país.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, uma nova onda de escassez de mão-de-obra se instaura nos Estados Unidos e os trabalhadores mexicanos são novamente chamados para preencherem estas vagas.

3.1 Programa Bracero

Ao refletir à luz do processo migratório ocorrido nos Estados Unidos durante o século XX torna-se impossível não mencionar e dedicar esforços para a compreensão de um programa específico de recrutamento de trabalhadores imigrantes mexicanos para preenchimento de vagas de baixa qualificação: o Programa Bracero.

O Programa Bracero ainda hoje é considerado o maior Programa de recrutamento de mão de obra imigrante da história dos Estados Unidos. Desde sua criação até seu encerramento, calcula-se que mais de quatro milhões e meio de imigrantes tenham feito parte deste programa. Dividido em dois períodos, de 1917 a 1921 e de 1942 a 1964, este programa de contratação de trabalhadores estrangeiros temporários levanta muitas discussões acerca dos seus objetivos e desmembramentos.

Com a Revolução Mexicana em 1910 e a expulsão de camponeses e indígenas de suas terras, uma parcela de pessoas experientes em trabalho no campo ficou sem perspectivas de trabalho no México. Com o início da Primeira Guerra Mundial, ocorre uma escassez de mão de obra na agricultura americana e o primeiro Programa Bracero (Trabalho Manual) é criado em 1917 a mando dos grandes produtores rurais e industriários dos EUA. O programa permitiu que mais de setenta mil mexicanos entrassem no país para trabalhar temporariamente na colheita de algodão e beterraba para a produção de açúcar, além de ocuparem funções

braçais nas indústrias de maquinários, com a condição de retornarem a seu país de origem no final do contrato,

Assim, o governo dos Estados Unidos sob o comando do presidente reeleito Woodrow Wilson e o presidente do México, Venustiano Carranza, assinaram um acordo bilateral de recrutamento de mexicanos para trabalharem nas fazendas dos Estados Unidos como uma política de emergência neste período de guerra (*Wartime Emergencies*). Esta primeira fase do Programa chegou ao fim em 1921, quando o governo do México rompeu o acordo argumentando que os trabalhadores gastavam boa parte de seus rendimentos nos armazéns das propriedades rurais, não sendo possível poupar ou enviar remessas de dinheiro para suas famílias, condição essencial para a sustentação do programa do lado do México.

Com o fim do acordo, muitos trabalhadores optaram por ficar no país para buscar trabalho em outros ramos, como por exemplo, na construção de rodovias eoutros se viram obrigados a ficar, já que o empregador não quis pagar sua viagem de volta ao México.

Neste período da Grande Depressão, os Estados Unidos passavam por diferentes leis de restrição a imigração, leis que determinavam cotas para a entrada desde europeus e asiáticos até os próprios mexicanos, que passaram a ser vistos como uma ameaça ao emprego dos trabalhadores estadunidenses. Auxiliando a repressão e o policiamento no país foi criada a Patrulha da Fronteira, em 1924, como uma organização de policiamento que visava oprimir a entrada de imigrantes ilegais pela fronteira do México com o país.

Segundo Cano (2014), com a Grande Depressão e o fortalecimento das fronteiras via a Patrulha, os imigrantes passaram a serem vistos como ameaça ao emprego dos americanos e entre 1929 e 1944 cerca de dois milhões de pessoas de origem mexicana (legais ou ilegais) foram deportadas e 400.000 forçadas a deixar o país.

Contudo, os proprietários de grandes propriedades rurais da Califórnia, continuavam a pressionar o governo estadunidense a incentivar a imigração mexicana, argumentando que os trabalhadores “normais” rejeitavam os empregos temporários na agricultura. Em 1926, o porta voz da Câmera do Comércio americano argumentou para o Congresso que eles assim como os outros americanos, não estavam animados em construir a Califórnia ou qualquer outra região sobre a fundação mexicana, entretanto, esta não era uma opção a partir do momento em que em nenhuma região dom país se encontrava mão de obra para isso. O departamento da Agricultura declarou então que a agricultura “especializada” da Califórnia

requeria um tipo de trabalhador apto a enfrentar condições duras de trabalho manual, submetidos a altas temperaturas, períodos de seca e isolamento (MARTIN, 2003).

Podemos considerar que este período foi marcado por um processo de incentivo legal da imigração de mexicanos via possibilidade de empregos nas fazendas da Califórnia, mas também, como um período que incentivou a imigração ilegal dos mexicanos que ou já haviam estado no país e retornaram forçosamente ao México ou já haviam desenvolvido a ideia de seriam aceitos de qualquer forma pelos produtores rurais.

Em meio à segunda Guerra Mundial, no ano de 1942, volta o interesse dos produtores de uva da Califórnia em contratar trabalhadores mexicanos a baixo custo para a colheita do outono, calculando que seriam necessários entre 40 e 100 mil trabalhadores. Três anos antes, em 1939 o romancista John Steinbeck lançara o livro "As vinhas da ira", relatando a saga de uma família americana expulsa pela seca dos campos de algodão em Oklahoma e que sai em busca da sobrevivência como bóias-frias nas plantações de frutas do Vale de Salinas na Califórnia. Neste contexto, a ambiguidade entre a alegação de falta de mão de obra americana para o trabalho agrícola e a velha obsessão dos agricultores para o fornecimento de um excedente de trabalhadores divide opiniões (MARTIN, 2003; PAYNE, 2003).

O governo do México liderado por Manuel Ávila Camacho relembra as irregularidades e os problemas ocorridos no primeiro Programa Bracero e coloca algumas exigências contratuais antes de firmar o acordo com Roosevelt.

Por consequência, o governo americano aceita tutelar os contratos dos trabalhadores mexicanos com os fazendeiros, obrigando-os a pagar suas passagens desde o local do recrutamento até o local de trabalho e se comprometendo a nivelar os salários dos braceros com o dos trabalhadores rurais americanos.

Em agosto de 1942, os governos de México e Estados Unidos assinam um novo acordo de trabalhadores temporários com o mesmo nome do anterior: Programa Bracero. Calcula-se que entre seu ano de início até seu final, em 1964, mais de 4,5 milhões de mexicanos tenham sido admitidos nas fazendas americanas. Esses trabalhadores vinham para o país e se estabeleciam nas fazendas através de contratos de até um ano. Com o fim dos contratos, era necessário retornar ao México e realizar um novo processo de contratação. Nestas condições, devemos considerar que de todo este contingente de imigrantes, muitos optavam por permanecer ilegalmente no país e buscar outros postos de trabalho ao longo das safras.

Muitos dos candidatos a uma vaga no Programa seguiam de diversas regiões do México até o norte e se instalavam em cidades como Ciudad Juarez para poderem atravessar para El Paso, no Texas. Esse grande deslocamento de pessoas vindas do sul para o norte alterava inclusive a própria economia das cidades fronteiriças, que não estavam preparadas para receber tantas pessoas.

Apesar de tutelado pelo estado americano através do Departamento do Trabalho, os contratos dos braceros eram controlados por associações de produtores rurais e pela "Agência Rural" (Farm Bureau), que possuía contratantes (labor contractors) que fechavam os acordos com os imigrantes. Para Cano (2014) e Payne (2003), esses contratantes frequentemente tiravam vantagem dos imigrantes no momento da assinatura dos contratos, que eram redigidos em inglês. Assim, os imigrantes não sabiam corretamente quais eram seus direitos nem os exatos termos de contratação, como por exemplo a proibição de retornar ao México sem a permissão do contratante e somente em casos de emergência; com a justificativa de proteger a população americana, antes de entrar no país os trabalhadores eram submetidos a uma bateria de exames médicos em massa, onde grupos de vinte homens eram examinados ao mesmo tempo. Nesses exames, os trabalhadores tinham que retirar suas roupas e recebiam jatos de DDT, substância altamente tóxica, utilizada para matar germes e insetos.

Além das humilhações passadas no momento de entrada no país, esses imigrantes também recebiam condições ruins de moradia e alimentação, que gerava altos índices de adoecimento entre os trabalhadores que dormiam amontoados em barracões sem ventilação.

Como o final da Segunda Guerra Mundial, os trabalhadores americanos que saíram para trabalhar nas indústrias bélicas retornaram a seus postos de trabalho e a partir de 1947 o Serviço de Emergência de Trabalhadores Rurais deu início a um período de diminuição de trabalhadores mexicanos e em 1954, no auge do Programa Bracero muitos imigrantes estavam entrando no país, tanto legal quanto ilegalmente.

O Serviço de Imigração e Nacionalização, sob o comando de Joseph Swing criou a "Operação Costas Molhadas" (Wetback Operation), um gigantesco programa de deportação de com o objetivo de deportar imigrantes indocumentados. Esse programa tinha permissão de entrar nas comunidades imigrantes e exigir a apresentação de documentos de qualquer pessoa que pudesse ser estrangeiro. Em meio a essa operação militarizada, em torno de 1,3 milhões de pessoas foram deportadas ou retornaram voluntariamente para o México com medo da violência policial.

Nos anos de 1960, um influxo de imigrantes indocumentados e documentados ainda fazia parte da agricultura do país, resultado obvio do recrutamento de trabalhadores por anos. Entretanto, a invenção da máquina colhedora de algodão naquele período tornou desnecessária uma grande parcela dessa mão de obra, fazendo com que o Programa Bracero viesse a ser extinto em 1964.

Alguns estudiosos acreditam que além da chegada da mecanização, as pressões de organizações de defesa dos Direitos Humanos, Igrejas e sindicatos tenham tido influência para o encerramento do programa, inclusive, a grande campanha iniciada por Cesar Chavez na Califórnia, através da greve dos catadores de uva.

Concordamos com Ness (2011), Ngae (2003) e Martin (2001), que estes programas de recrutamento temporário de trabalhadores, apresentado pelos Estados Unidos como um plano emergencial em períodos de guerra, com a justificativa da escassez de mão de obra são na realidade a realização de uma arquitetura econômico/política que substitui uma mão de obra nativa mais cara, por uma estrangeira, de baixo custo e de grande oferta, onde em períodos determinados, serviram aos interesses do país e quando não se faziam mais necessários, foram rechaçados.

O Congresso em 1964 acabou com o Bracero, mas deixou outra opção para "importar" mão de obra barata, o H-2.

O Programa H-2A foi iniciado durante a segunda guerra e tornou-se codificado na lei de imigraçao de 1954. Durante muitos anos, os principais empregadores eram produtores de maçã da costa leste e produtores de cana de açúcar da Florida que contratavam Caribenhos.

Segundo estudiosos do tema, o programa H-2A tinha disposiçoes muito parecidas com as do Programa Bracero, mas não possuia o acomapanhamento dos governos, o que gerou uma fragilidade ainda maior para os trabalhadores que encontravam condiçoes degradantes dentro do cultivo de cana de açúcar.

Immigration Reform and Control Act (1986) eIllegal Immigration Reform and Immigrant Responsibility Act (1996)

Criada em 1986, a Immigration Reform and Control Act foi a primeira tentativa do governo para buscar solucionar a imigração não-autorizada no país. A lei incluía sanções contra empregadores que contratavam imigrantes indocumentados, reforçava as fronteiras,

mas também buscava expandir programas de legalização para migrantes já presentes no país. O principal objetivo era reduzir e desencorajar a imigração ilegal. Foi através da IRCA que se criaram programas específicos para trabalhadores da agricultura sazonal: *Special Agricultural Workers Program (SAWP).*

Esses programas serviram mais como esperança para os milhares de trabalhadores da agricultura que acreditaram poder um dia se tornar cidadãos americanos, o que não lhes garantia o direito a cidadania. Para Moll (s/d):

> Cerca de 350.000 imigrantes, que moravam ilegalmente nos Estados Unidos durante os últimos 3 anos e tivessem trabalhado na agricultura por, pelo menos, 90 dias em cada um desses anos, requisitarem visto de permanência legal no país. Assim, os imigrantes ilegais que tivessem trabalhado por 90 dias na agricultura no período de maio de 1985 até maio de 1986, momento da votação, também teriam o direito a requisitar a permanência legal no país.

Curioso pensar que o IRCA,ao mesmo tempo em que colocava barreiras à entrada do imigrante indocumentado no país, também apresentou a provisão da lei anti-discriminação, onde o empregador não poderia exigir do empregado um documento específico que comprovasse seu status no país. Com isso, o aumento de documentos falsificados e números sociais roubados geraram diversos problemas para os contratantes.

Segundo a IRCA, os imigrantes que fossem anistiados teriam que ultrapassar um tempo limite de cinco anos para desfrutarem dos direitos políticos e sociais nos EUA. Proibidos de participar de programas sociais e de seguridade do governo federal, estes imigrantes teriam que pagar impostos de modo a garantir seus direitos no futuro.

Alguns estudiosos deste período afirmam que a IRCA foi responsável pelo acirramento de questões xenofóbicas nos Estados Unidos, onde a população americana interpretou a aceitação de uma população de "*aliens"* altamente custosos aos cofres do páis[77]. Neste período, mais de 2,8 milhões de imigrantes foram legalizados, sendo 2,1 milhões destes mexicanos[78].

---

[77]O termo "alien" é pejorativamente relacionado aos estrangeiros que moram e trabalham nos Estados Unidos. A ideia de "estranho" ou "de fora" está diretamente ligado com os alienígenas,numa clara menção conservadora do país que busca estereotipar o morador que não é nascido nos Estados Unidos.

[78]Cf. relatório da OCDE, 2009. Disponível em: http://www.oecd-ilibrary.org/development/perspectivas-economicas-da-america-latina-2010_9789264076495-pt

A *Illegal Immigration Reform and Immigrant Responsibility* Act (IIRIRA) de 1996 surge como outra tentativa de regulamentar a imigração nos EUA, através principalmente do reforço nas fronteiras com o México, com o endurecimento da Patrulha da Fronteira e das agências que emitiam documentos para imigrantes.

A IIRIRA prevê que imigrantes ilegais presentes nos Estados Unidos devem ser deportados do país em função do tempo que está em estadia ilegal. Se o imigrante estiver em situação ilegal em um prazo inferior a um ano, ele será deportado e só terá autorização para requerer novo ingresso após três anos. Se for detido e estiver com um prazo superior a um ano, este só poderá requisitar novo ingresso após 10 anos ausentes dos EUA.

Esta lei foi criada para diminuir (ou simbolizar a diminuição) de ilegais no território norte-americano. Ela acaba justificando a repressão e opressão nestes grupos minoritários, amparando legalmente uma lei xenófoba com apoio da população.

3.2 Cesar Chavez, um símbolo da resistência nos campos da California

A história da representação dos trabalhadores agrícolas pode ser contada através da formação dos sindicatos rurais nos Estados Unidos. Um exemplo emblemático de engajamento e de luta foram Cesar Chaves e sua esposa Dolores Huerta. Ainda hoje são lembrados e respeitados não apenas pelos trabalhadores do campo, mas também pela população e pelas autoridades que reconhecem o modelo de organização do trabalho criado por eles.

Em 31 de março de 1962, César Chavez reuniu trabalhadores rurais, suas esposas e filhos no centro de uma pequena cidade rural no Condado de Delano, CA para protestar contra a proibição da organização dos trabalhadores rurais naquela região. Durante três anos, Cesar Chaves arrecadou fundos que possibilitaram a prestação de serviços para os trabalhadores rurais, além de conseguir que os filhos dos trabalhadores pudessem ser cuidados enquanto estes trabalhavam. Em setembro de 1965, Cesar Chaves passa a apoiar um sindicato filiado a AFL-CIO (Agricultural Workers Organizing Committee) e juntos realizam uma grande greve contra os produtores de uva da região. Chaves buscou atrair o apoio de estudantes, das igrejas, de trabalhadores, ativistas e demais membros da sociedade civil.

A greve deu início a um boicote à compra dos produtos da indústria Schenley, a maior produtora de uva para vinhos da região.

Em março de 1966, o Senador Robert Kennedy apoiou a greve e justificou seu apoio por se tratar de um movimento pacifista que não feria a Constituição Federal. Neste mesmo período, foi organizada uma marcha que partiu do Condado de Delano e se dirigiu até Sacramento, capital do estado da Califórnia, que resultou no primeiro acordo com a indústria Schenley.

Nos anos seguintes, diversos boicotes e greves foram realizados com indústrias produtoras de vegetais no estado da Califórnia, como o lendário acordo com a Coca-Cola Co, grande produtora de citros da região. Em 1972, a AFL-CIO reconheceu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da América (United Farm Workers America – UFW) e o apoio da sociedade civil aumentou.

No ano de 1975, o estado da Califórnia garantiu aos trabalhadores rurais o direito de se organizarem e realizarem eleições com voto secreto, supervisionadas pelo estado e também de realizarem as tão importantes barganhas coletivas[79] com seus empregadores. Com o apoio do Governador Brown, da Califórnia, a UFW ganha espaço na Lei das Relações de Trabalho na Agricultura (National Labor Relations Act).

No ano de 1988, com 61 anos, Cesar Chaves realiza sua última campanha contra o abuso do uso de pesticidas nos campos da Califórnia. Em 23 de abril de 1993, Cesar Chavez morre e em seu lugar, assume a direção do Sindicato o então vice-presidente da organização, Arturo Rodriguez.

A esposa de Chaves, Dolores Huerta recebe em 1994, das mãos do Presidente Bill Clinton a "Medal of Freedom", a mais alta condecoração civil da América.

A UFW continua sua tradição de lutas e mobilizações nos estados da Califórnia, Arizona e Texas, mantendo também uma forte tradição política, apoiando candidatos e participando de campanhas eleitorais.

Na década de 1990, esse sindicato realizou a maior campanha de organização contra a indústria do morango na Califórnia, que resultaram em dois contratos, incluindo a Costal Berry Co., o maior empregador direto de trabalhadores no morango em todo país.

---

[79] Barganhas Coletivas: Consiste na negociação entre um empregador e um grupo de funcionários para determinar as condições do emprego. O resultado do processo de negociação é chamado de acordo coletivo. Muitas vezes os trabalhadores são representados por sindicatos ou outras organizações de trabalho. A negociação é regida por Lei Federal e estatutária de cada Estado.

De acordo com estatísticas do governo, a maioria dos trabalhadores rurais estão em situação irregular e ao longo de um período de três anos a UFW e indústria agrícola dos Estados Unidos negociou um projeto de lei histórico – AgJobs -, com o compromisso da legislação federal seria permitido que os trabalhadores rurais em situação irregular no país pudessem receber o direito legal de permanecer permanentemente nos EUA, continuando a trabalhar na agricultura. Introduzido em 2003, esse acordo ganha amplo apoio bipartidário recebendo apoio de mais de 500 organizações, incluindo sindicatos, empresários, grupos de representantes latinos e igrejas. Em abril de 2005, a *Agricultural Job Opportunities, Benefits and Security Act*[80] of 2007 (AgJobs) torna-se o primeiro grande projeto de reforma de imigração em quase 20 anos.

Com o desenvolvimento das tecnologias e do uso da internet, a UFW passa a solicitar a participação em massa da base da organização sindical, realizando boicotes, campanhas sustentadas por dezenas de milhares de trabalhadores rurais e defensores dos trabalhadores em todo o país. Segundo o site do sindicato, existem hoje cerca de 50 mil membros entre trabalhadores e simpatizantes do movimento.

As lutas desta comunidade de base, que posteriormente veio a se tornar um sindicato, mais do que a conquista por melhores salários, representam a conquista do respeito destes trabalhadores pela comunidade e a conquista da cidadania destes e de seus familiares no país. Além da inserção digna nestes mercados de trabalho. Mudanças referentes às leis de trabalho para os migrantes também são resultados de luta e empenho destas comunidades.

3.3 Guestworker Programs (H-2)

Os Estados Unidos possuem dois programas de recrutamento de trabalhadores não qualificados que podem permanecer no país pelo período de um ano com possibilidade de extensão para outros três anos: H-2A e H-2B. Regulamentado em 1943, o programa permitiu a entrada de milhares de trabalhadores latinos e caribenhos no país, principalmente no estado da Califórnia onde o desenvolvimento da agricultura se dava através de grandes investimentos e no estado da Flórida, onde a indústria de cana de açúcar buscava mão de obra para trabalhar as suas lavouras.

[80] Agricultural Job Opportunities, Benefits and Security Act of 2007, em anexo no final do texto.

Revisado em 1986, como parte daImmigration Reform and Control Act[81], o Programa foi dividido em duas seções: **H-2 A para trabalhadores da agricultura e H-2B para trabalhadores não agrícolas**.

Embora os programas ofereçam diferentes termos e benefícios, ambos ocorrem por iniciativa do empregador que após contratar uma agência/agente de recrutamento[82], recorre ao Departamento do Trabalho (*Department of Labor – DOL*), buscando receber uma permissão para contratar esses trabalhadores por um determinado período de tempo.

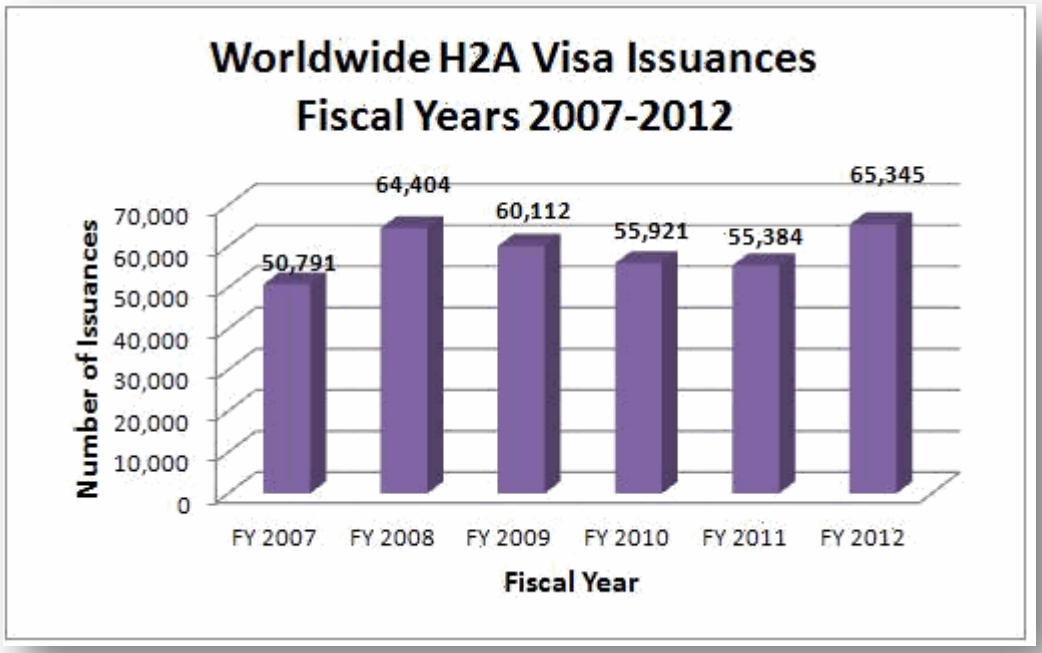
Reconhecido ainda hoje como um dos principais programas de recrutamento de trabalhadores não cidadãos no país, o Programa H-2 opera sobre cotas numéricas de contratação para trabalhadores não-agrícolas e não apresenta restrição numérica para trabalhadores agrícolas. Os gráficos a seguir, representam o número de trabalhadores que entraram no país sob a concessão das permissões H-2A e H-B entre os anos de 2007 a 2012[83].

[81]Segundo Riley e Johns (2003), a Immigration Reform and Control Act foi a reforma mais complete das leis de imigração dos últimos trinta e cinco anos no país (p. 153).

[82]Essas agências devem possuir um registro no Department of Labor, conforme o regulamento da Migrant and Seasonal Agricultural Workers Protection Act.

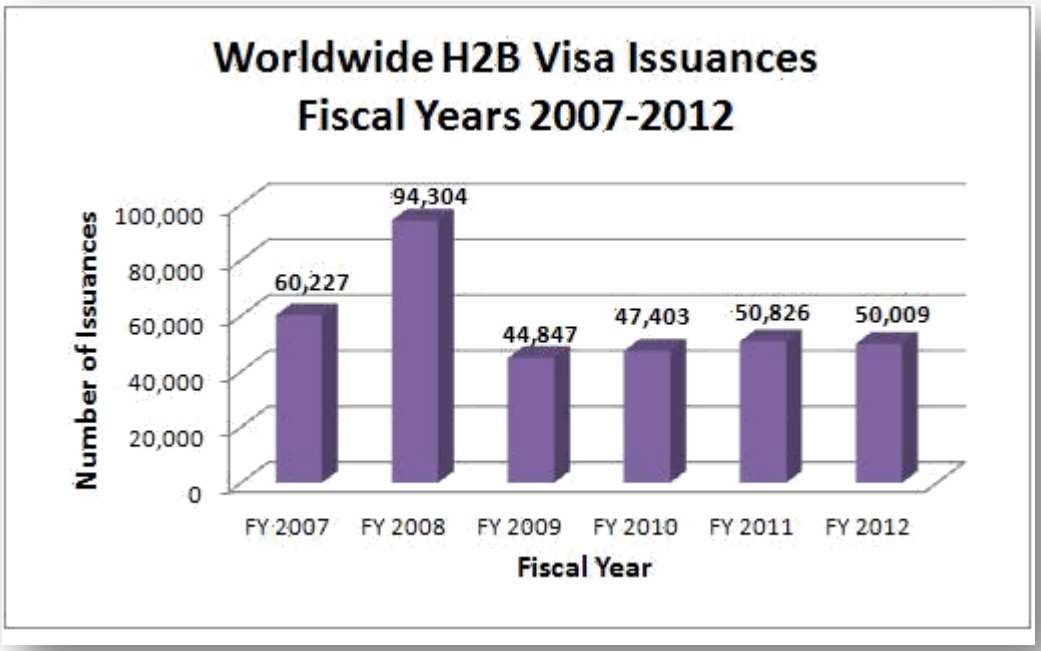
[83]Os dados para formulação destes gráficos podem ser encontrados no United States Department of State Bureau of Consular Affairs, Reporto f the Visa Office. In: http://travel.state.gov/content/visas/english/law-and-policy/statistics/non-immigrant-visas.html .Acesso em ago/2014.

Gráfico 3: Emissões de Vistos H-2A – Anos 2007-2012



Fonte: United States Department of State Bureau of Consular Affairs, Reporto f the Visa Office. In: http://travel.state.gov/content/visas/english/law-and-policy/statistics/non-immigrant-visas.html/ .

Gráfico 4: Emissões de Vistos H-2B – Anos Fiscais de 2007-2012.



Fonte: United States Department of State Bureau of Consular Affairs, Reportof the Visa Office. In: http://travel.state.gov/content/visas/english/law-and-policy/statistics/non-immigrant-visas.html

3.3.1Agricultural Temporary Guestwork Program[84] (H2A)

O estabelecimento do sistema de vistos temporários H no país foi pensado com interesse em controlar as taxas de migração entre os anos de 1980 e 1990. A esta pesquisa, interessa a abordagem do Programa H-2A, pois está relacionada com a contratação de trabalhadores agrícolas. Ainda sobre o Programa H-2A e sua definição, podemos encontrá-la descrita no site do U. S. Department of Labor (DOL).

> O Programa H-2A é autorizado nos termos da Immigration Nationality Act e permite a um empregador dos Estados Unidos da América contratar trabalhadores estrangeiros em caráter temporário para realizar trabalho agrícola, quando não há trabalhadores suficientemente disponíveis no país.

[84] Programa de Trabalho temporário na agricultura.

Assim, qualquer produtor que deseja contratar mão de obra estrangeira deve comprovar que não foi possível contratar trabalhadores americanos para os referidos postos de trabalho. Segundo o Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, o produtor deve tornar público a oferta de vagas pelo período de 60 dias antes de solicitar a contratação de estrangeiros.

No que tange as especificações do H-2A, existem alguns aspectos que são preponderantes:

- A permissão é dada apenas para estrangeiros que exercerão atividades na agricultura e não se estende aos familiares do contratado;

- Caso o trabalhador contratado tenha interesse em trazer a esposa(o) e/ou os filhos menores de 21 anos para morarem com ele no período do contrato, é permitido a emissão de um visto H-4, entretanto, este tipo de visto não permite que essas pessoas possam exercer atividades remuneradas no país.

- O estrangeiro deve possuir um contrato de trabalho com o empregador, onde o tempo de estadia no país seja apresentado, não devendo ultrapassar o período de doze meses;

- o contrato de trabalho deve ter uma cópia redigida na língua natal do trabalhador contratado;

- O trabalhador estrangeiro deve receber pelo menos o valor mínimo da hora de trabalho regulamentada pelo estado;

- o trabalhador tem o direito à moradia de boas condições no período abrangido pelo contrato;

- receber auxílio do empregador em caso de doença ou afastamento no período do contrato;

- ser reembolsado pelo dinheiro gasto com a viagem assim que completar cinquenta por cento do período do contrato;

- ser amparado pelos mesmos benefícios referentes à saúde e segurança dos outros trabalhadores;

- o trabalhador tem o direito de receber ao menos 75% do período do contato.

- receber transporte do trabalho para a residência;

É importante ressaltar que estes trabalhadores não são imigrantes, mas sim, *guestworkers*, ou seja, trabalhadores hóspedes contratados para realizar alguma atividade agrícola por períodos determinados do ano (safras). Assim, estes trabalhadores não são

cobertos pela mesma legislação que os imigrantes, tais como aqueles que possuem *green card* ou visto de residência permanente.

Podemos verificar em Riley e Johns (2003, p. 156) que os defensores dos trabalhadores rurais assalariados vêm o Programa como uma forma de manter um canal aberto para a obtenção de mão de obra barata e abundante. Além disso, existem denúncias formais no U.S. Department of Labor e em outras instituições onde os trabalhadores relatam irregularidades ocorridas desde a chegada ao país até a falta de infraestrutura nos alojamentos, o não cumprimento das horas acordadas em contrato e as péssimas condições de transporte para as lavouras.

Outra importante questão que merece destaque neste modelo de contratação é o caráter fragilizante no qual o trabalhador rural estrangeiro é contratado.Como as prerrogativas da contratação exigem a oferta de moradia para estes imigrantes, os produtores que geralmente, realizam estas contratações viam agentes contratistas ou crewleadres oferecem residências em péssimas condições, como poderá ser visto no último capítulo deste trabalho.

As moradias às vezes são galpões velhos, mal adaptados para a residência destes trabalhadores que ficam restritos a convivência dentro da fazenda durante todo o período da safra.

São eleitos a entrar no país para o trabalho rural, estrangeiros de sessenta e três países diferentes, entretanto, a maior concentração de trabalhadores nessa modalidade de trabalho nos últimos dez anos é de origem mexicana. Com toda certeza, essa maior inserção de mexicanos para o trabalho rural vêm da herança do acordo bilateral entre México e Estados Unidos, o Programa Bracero, que trouxe para o páis milhões de trabalhadores rurais.

Como dados do Department of Labor, apenas no ano de 2013, dos 74.192 vistos de permissão temporária para o trabalho rural, 69.787 são do México. Tomando por base esses números e relacionando o Programa Bracero que esteve em vigor no período anterior a essa permissão H2A, conseguimos compreender que mesmo após o fim deste, o fluxo de trabalho imigrante - reforçado inclusive pelas redes de migração entre pessoas - ainda se mantém de forma atuante.

Os motivos que levam a essa conclusão são muitos, dentre eles o fato de que os imigrantes mexicanos já apresentam uma relação facilitada para acessar os postos de trabalho nos Estados Unidos. Isso não significa que estes imigrantes possuam melhores postos de trabalho, mas sim que as redes são mais antigas, podemos verificar que determinados estados

do México possuem também determinados estados nos Estados Unidos já pré-estabelecidos para a migração.

Um segundo motivo aponta que o fato de possuírem uma rede já consolidada de contratação permite que os imigrantes mexicanos detenham maior conscientização de suas atividades no campo e consequentemente uma relação mais estável de trabalho com o contratante. Dentro do que podemos tratar como uma gradação entre imigrantes de diversos países para o trabalho rural, o imigrante mexicano ocupa a escala mais alta, no limite, mais consciente de seus direitos e fortalecido pelos laços sociais que desenvolveu ao longo da história.

Prova de que a agricultura americana depende desta mão de obra imigrante para se sustentar e se manter competitiva com os mercados globais são os números que comprovam o aumento de 100%da entrada de trabalhadores sob esta permissão no país. Sem limites ou cotas de adesão, em 2013, 99 mil trabalhadores receberam a permissão H2A.

Estudiosos da Southern Poverty Center relatam que diversas denúncias são arquivadas no DOL em virtude do não cumprimento de tempo mínimo de trabalho oferecido pelo empregador (75%). Segundo estes pesquisadores, o imigrante chega ao país sob essa condição contratual e não tem a oferta suficiente de trabalho de seu empregador, obrigando-o a descumprir as leis contratuais e procurar emprego em outros empregadores e atividades.

O transporte, exigência que deve ser cumprida por contrato, nem sempre apresenta as condições ideais para transportar os trabalhadores. Registra-se ainda nos anos 2000, a utilização de ônibus velhos e sem os devidos itens de segurança.

Entre os anos de 2012 e 2013, os estados que tiveram o maior aumento dentro do programa foram: Carolina do Norte (aumento de 109%), Washignton (49%), Califórnia (46%) e Flórida (45%).

É comum os empregadores reclamarem da burocracia que o US DOL apresenta para a contratação de H2A (*Farmworker Justice website*). Entretanto, o U.S. DOL aprova a grande maioria dos pedidos. Apenas no ano de 2013, algo em torno de 96% das aplicações foram aprovadas[85]. Já os defensores dos trabalhadores rurais ressaltam que as proteções dos trabalhadores são as mesmas do Programa Bracero e as violações que ocorriam naquele período também.

[85]U.S. Department of Labor, Officce of Foreign Labor Certification Performance Reports.Disponível em: http://www.foreignlaborcert.doleta.gov/ .

Para Zolberg (2006), os Estados Unidos têm tido episódios extensos de restrição e de abertura à imigração. Segundo o pesquisador, a primeira "era de restrição" começou com a onda de migração de europeus no país pós- I Guerra e durou até a era dos direitos civis, quando a exclusão social de negros foi atacada. O que Zolberg (2006) buscou mostrar foi uma teoria da história da migração fundamentada na história institucional dos EUA, desmistificando o conceito de que os fluxos migratórios ocorreram para os EUA de modo natural, sem intervenção política.

Concordamos com Zolberg (2006) e Limoncic (2009) que nestes períodos de abertura e fechamento de fronteiras, os direitos civis, conquistados no período do New Deal tiveram papel fundamental pra reerguer a estrutura americana, todavia, se apresentou como uma forma de "legalizar" a falta de direitos dos imigrantes.

Neste contexto histórico de construção e impedimento de direitos, Ness ressalta que o aumento dos programas de *guestworkers*, como o H2A, são um componente integral da mudança dramática da divisão mundial do trabalho, onde os empregadores passam a ter uma opção abundante e barata de contratar trabalhadores hóspedes do México e Cribe.

3.4Leis do trabalho

As leis dos Estados Unidos e do estado da Flórida exercem o controle legal dos fluxos migratórios, assim, um apanhado destas importantes leis se faz necessário a medida que estas poderão elucidar nossa hipótese sobre a possibilidade/necessidade de organizações como a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee buscarem se organizar para conquistar direitos com ou sem a participação de algumas destas leis.

A conquista de direitos nos Estados Unidos possui uma longa trajetória, todavia, essa importante trajetória se deu prioritariamente no setor urbano, excluindo os trabalhadores rurais das proteções oferecidas a outros setores da economia (OXFAM, 2004; HAHAMOVITCH, 1997).

Podemos entender destas proteções, o valor mínimo pago por hora de trabalho, o pagamento de horas extra, proteções contra o trabalho infantil, direito a organização de sindicatos, direito a barganhas coletivas e seguro desemprego. Concedidas no período do New

Deal, nos anos de 1930, estas leis mudaram a forma de relacionamento entre os empregadores e os empregados. (LIMONCIC, 2009; OXFAM, 2004).

Ocorreu que o Congresso americano não reconhecia os proprietários de terras que contratavam mão de obra para a lavoura enquanto empregadores no sentido industrial/empresarial. Para Daniel (1981, p. 282) e Sellers (2009), esta foi uma manobra política de interesses para o desenvolvimento agroindustrial no país.

Um segundo ponto importante a ser destacado deste período é a presença de uma grande maioria de trabalhadores negros contratados nas fazendas do país, fato que isolava ainda mais estes trabalhadores do acesso a essas proteções legais. Contudo, se faz importante ressaltar que o New Deal buscou não segregar os negros dos programas sociais financiados com recursos federais. Entretanto, muitos destes programas eram administrados localmente por governos estaduais que acabaram reproduzindo práticas segregacionistas[86].

3.4.1 National Labor Relactions Act (NLRA)

A National Labor Relations Act foi sancionada em 1935 pelo Congresso, com o objetivo de proteger os direitos tanto dos empregados quanto dos empregadores. É a lei que responde as relações de trabalho e os direitos dos trabalhadores, coletivamente. Conhecida como a lei do trabalho, a NLRA se difere das leis de emprego que buscam representar mais as questões relacionadas aos direitos dos empregados de forma individual. O U.S. Department of Labor (DOL) através da National Labor Relations Act garante o direito dos trabalhadores de se organizarem e negociarem coletivamente (barganha coletiva) com seus empregadores, sem que haja qualquer tipo de retaliação. A lei proíbe que um empregador demita um ou mais funcionários pela participação, organização e apoio a sindicatos. Além disso, estabelece a necessidade de existir um processo denominado **barganha coletiva,** que permite ao empregador e aos empregados uma discussão mais detalhada para a redação das cláusulas do primeiro contrato[87].

[86] Como por exemplo, no caso da Social Security Act de 1935, em que mulheres, negros, trabalhadores agrícolas, domésticos e temporários ficaram fora da cobertura dos benefícios sociais.

[87] Em pesquisa anterior realizada em parceria com a Profa. Dra. Leila de Menezes Stein foi discutido como se dá este processo de barganha coletiva nos Estados Unidos. Ver: STEIN, L; PERA, G.T. Greve e Complexidade: os dilemas do movimento dos Controladores de Vôo no Brasil (2008 – 2007) In: < http://seer.fclar.unesp.br/index.php/redd/article/viewFile/1077/883> Acesso em 20 dez. 2013.

3.4.2 Lei Alfredo Bahena

Sancionada em 2004, a lei Alfredo Bahena cobre os mais de 300 mil trabalhadores rurais da agricultura do estado da Flórida. A lei concede aos trabalhadores melhores proteções contra pesticidas e aumenta as penalidades contra produtores que violam as leis trabalhistas no campo. Além disso, o empregador deve informar os trabalhadores sobre os pesticidas agrícolas em uma linguagem compreensível a eles, através de cursos de educação no campo. Além disso, a lei se estende à proteção dos preços dos produtos vendidos nos armazéns das fazendas através da proibição de sobretaxar os preços dos produtosbásicos dos trabalhadores rurais, como água, alimentos e habitação. As multas por irregularidades também aumentaram juntamente com o aumento no grupamento que monitora as irregularidades[88].

Esta lei recebeo nome de um importante trabalhador rural Alfredo Bahena, militante da *Farmworker Association of Florida*, morto em um acidente de carro. Atualmente, pode-se considerar uma das mais importantesleis criadas para trabalhadores rurais nos últimos 25 anos.

3.4.3 The Fair Labor Standards Act (FLSA)

Criada em 1938, a Lei Reguladora do Trabalho (Fair Labor Standard Act) garantiu a muitos trabalhadores um valor mínimo por hora de trabalho, além de estipular que cada hora a mais ultrapassada das 40 horas semanais deveria ser pago o equivalente à uma hora e meia de trabalho.

Em sua primeira formulação, a lei excluía os trabalhadores rurais, situação que foi alterada mais de trinta anos depois, em 1966, quando essa importante garantia para esses trabalhadores foi estendida. Os trabalhadores rurais ainda não possuem o direito ao pagamento diferenciado das horas que ultrapassam às 40 horas semanais. Assim como a

[88] Cf. http://staugustine.com/stories/051504/sta_2328530.shtml

NLRA, a FLSA não obriga pequenas fazendas com até sete empregados por trimestre a pagar o valor mínimo pela hora de trabalho.

3.4.4 Migrant and Seasonal Agricultural Worker Protection Act (AWPA)

Reconhecida como uma das principais leis federais relacionadas ao emprego de trabalhadores rurais, a Migrant and Seasonal Agricultural Worker Act de 1983, fornece proteções relacionadas com o emprego de trabalhadores agrícolas, temporários e sazonais. Embora a lei não conceda aos trabalhadores rurais o direito de participar de sindicatos ou de realizar a barganha coletiva, ela contém algumas proteções importantes.

A *Hour and Wage Division, do Department of Labor* (DOL) administra e executa a lei nos Estados Unidos. Entre as obrigações de cada contratante de trabalho agrícola[89], empregador agrícola e associação agrícola estão:

- Divulgar os termos e condições do emprego para cada trabalhador migrante e sazonal por escrito, no momento da contratação;

- Conscientizar os trabalhadores a respeito do uso de equipamentos de proteção no local do trabalho;

Apresentar a cada trabalhador o comprovante do pagamento, discriminando os rendimentos das horas trabalhadas e as devidas deduções;

- Certificar-se de que a habitação, quando fornecida, esteja em conformidade com as normas federais e estaduais de segurança e saúde;

- Certificar-se que o transporte dos trabalhadores às fazendas seja fornecido e que estes atendam os padrões de segurança;

- Comprometer-se com os termos acordados no contrato com os trabalhadores e,

- Manter um registro das folhas de pagamento de cada empregado por até três anos.

Os trabalhadores agrícolas podem ter mais de um empregador ao mesmo tempo.

[89] Exceto aqueles que são descritos como pequenos produtores rurais e contratam menos de sete trabalhadores por trimestre, como ocorre na Fair Labor Standard Act (OXFAM, 2004; U.S. Department of Labor, 2013).

3.4.5 Occupational Safety and Health Act (OSHA)

Os trabalhadores da agricultura trabalham diariamente em contato com uma grande variedade de defensivos agrícolas que são tóxicos para os seres humanos. Por esta razão a Occupational Safety and Health Act, promulgada em 1970 e administrada pela Occupational Safety and Health Administration, uma divisão do DOL, obriga a utilização de equipamentos para proteger os trabalhadores contra os riscos no local de trabalho (OXFAM, 2004).

Segundo Riley e Johns (2003), fazendas com até 11 funcionários não precisam ser registradas no OSHA. Anualmente, centenas de trabalhadores são envenenados devido ao manuseio incorreto dos pesticidas e da falta de equipamentos de proteção. Os sintomas deste envenenamento podem ser confundidos com um resfriado ou uma gripe seguida de dores de cabeça.

Para evitar irregularidades na aplicação, manuseio e trato com pesticidas, os trabalhadores recebem cursos no local de trabalho. Esses cursos, muitas vezes, são administrados por outros trabalhadores rurais em parceria com engenheiros, biólogos e enfermeiros, que fazem parte de organizações de terceiro setor[90].

Em 1994, o estado da Flórida estabeleceu uma lei em que os empregadores são obrigados a apresentar os riscos de envenenamento aos trabalhadores, além de ensiná-los a manusear de forma correta os pesticidas. Existem dezenas de processos na justiça americana contra produtores rurais. Neles, os trabalhadores ou seus familiares buscam serem ressarcidos pelo desenvolvimento de graves problemas de saúde devido ao manuseio dos pesticidas.

[90]Para conhecer mais sobre as organizações que dão apoio e oferecem cursos aos trabalhadores, visite: http://www.floridafarmworkers.org/

3.5 Taft-Hartley Act ou Labor–Management Relations Act (LMRA)de 1947

Lei Federal dos Estados Unidos, criada em 1947, pelo senador Robert Taft e o deputado Fred A. Hartley Jr, no governo de Truman. A lei, ainda em vigor, busca monitorar as atividades e o poder das organizações trabalhistas com o objetivo de coibir as práticas ilegais dos empregadores no trabalho. No período de sua criação, os líderes de organizações trabalhistas classificaram a lei como “lei do trabalho escravo” como forma de criticar as prerrogativas desta lei que proíbe greves em determinadas situações.

CAPÍTULO 4

Caderno de Campo

Foto 15: *No se puede Encarcelar La inconformidad de un Pueblo* – Sede da CIW
Fonte: Arquivo de Imagens da autora, 2014.

A elaboração desta tese contou com um período de estágio na Universidade da Flórida (UF) situada na cidade de Gainesville, ao norte do estado da Flórida, durante quatro meses. Neste período foi possível realizar além da pesquisa bibliográfica, uma pesquisa empírica na cidade deImmokalee, local onde a Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee atua.

Por este motivo, este capítulo intitulado Cadernos de Campo foi escrito em primeira pessoa. Entendo a importância de relatar as impressões que obtive neste período e que contribuíram para a pesquisa teórica que havia sido elaborada anteriormente.

Morei na cidade de Gainesville, cidade de pouco mais de cento e cinquenta mil habitantes, predominantemente povoada por estudantes universitários (algo em torno de 50 mil) e três mil professores, além de outros moradores que de uma forma ou de outra possuem vínculos com a *University of Florida*. Conhecida como *Swamp*[91], essa região congrega um interessante misto de urbano e rural, onde se pode sair do shopping e em poucos minutos estar

[91]Tradução: Pântano, brejo.

em volta dos famosos *alligators* e outros animais selvagens espalhados pelos muitos parques e beiras de rodovias.

Distante 280 milhas[92] de Gainesville está localizada a cidade de Immokalee. A primeira visita, certamente, não teria sido tão bem sucedida sem a formação prévia de uma importante rede de contatos com pesquisadores vinculados ao *Center for Latin American Studies,* departamento ao qual estive vinculada durante o estágio. Foi no departamento que meu tutor nos Estados Unidos – Dr. Philip Williams – me colocou em contato de Antonio Tóvar, pesquisador mexicano que finalizou recentemente sua tese de doutoramento sobre uma organização de trabalhadores rurais que atua em diversas cidades do estado da Flórida[93].

Antonio Tóvar e eu nos encontramos na quarta-feira, dia 06 de agosto de 2014 em minha sala no Centro de Pesquisa. Como a grande maioria das pessoas que conheci durante o estágio, Antonio se mostrou muito solicito e nossa conversa durou cerca de uma hora e meia. Falamos muito sobre os trabalhadores rurais nos EUA e principalmente na Florida, e também tratamos de assuntos relacionados à *Coalition of Immokalee Workers (CIW).*

No início de nossa conversa, Antonio também me apresentou a organização de trabalhadores rurais que ele apoia, a *"Farmworkers Association of Florida (FWAF)"*, à qual dediquei uma parte deste trabalho para descrever. Tal organização trabalha de forma ampla e busca representar trabalhadores rurais imigrantes ou não, sem que exista restrição de categoria de trabalho, *status* de migração, entre outros.

Foi através de Antônio que conheci outro pesquisador e membro aliado da Farmworker Association of Florida, o chileno Juan Concha. Entrei em contato com Juan para combinarmos nossa ida para Immokalee. Ele para uma reunião com os membros da FWAF e eu para minha primeira visita à CIW.

Das diferentes cores da grama.

Saímos de Gainesville ainda durante a madrugada, a viagem dura em torno de quatro horas e pretendíamos ir e voltar no mesmo dia. Apesar do cansaço, às oito horas de conversa foram fundamentais para esta pesquisa. Ainda que a preparação através de intensas leituras, consulta a legislação dos Estados Unidos e do estado da Flórida, o acesso a relatórios e

[92] Aproximadamente 450 quilômetros.
[93] Farmworkers Association of Florida. Site: http://www.floridafarmworkers.org/

reuniões de orientação, o conteúdo de uma conversa como esta agrega tantos detalhes e tantos "subtítulos" à pesquisa, que considerei essencial relatá-los neste capítulo.

Mais uma vez, apresentei minha pesquisa, comentei com ele sobre o que busco encontrar em Immokalee e como cheguei a este tema, pergunta que respondi diversas vezes no período em que estive nos Estados Unidos. Em contra partida encontrei um pesquisador disposto a me dar uma aula, que começou com a geografia do estado da Flórida e chegou até as organizações de trabalhadores, passando pelos temas de reforma da migração, status de indocumentado e preconceito.

Quando conversávamos sobre as dificuldades dos imigrantes nos Estados Unidos, Juan levantou uma questão complementar, relacionada à mudança de alguns fluxos de migração em virtude da mudança da legislação em alguns estados. Por exemplo, muitos dos imigrantes indocumentados que trabalham durante o inverno na Flórida seguem para o nordeste do país durante o verão. Entretanto, a endurecimento da legislação no estado da Geórgia[94] vem desmantelando estes fluxos migratórios e impedindo que os imigrantes passem pelo estado com medo de serem presos ou deportados.

Grupos como a *Farmworker Association of Florida*, a *Coalition of Immokalee Workers* e outras organizações realizam campanhas para que os imigrantes indocumentados possam ter o direito de tirar carteiras de motorista. Diversas locais aceitam a carteira de motorista como documento de identificação, permitindo que os imigrantes irregulares possam ter maior liberdade ao transitar pelo país. Um forte argumento dos defensores deste direito,é o fato de que os imigrantes, independente de possuírem carteira de motorista vão se locomover de um local a outro de carro, seja à procura de trabalho ou para as atividades rotineiras. Assim, os defensores buscam demonstrar que os riscos de acidentes causados por pessoas que não estão habilitadas a dirigir se tornam maiores a medida que o imigrante não passe por uma aprovação.

Juan me contou a história da drenagem do lago Apopka, que possui uma grande indústria de DDT próximo à sua margem. A indústria despejava produtos químicos no lago e a água era utilizada por diversos moradores da região Registra-se neste período (1965) o nascimento de crianças com deficiências genética decorrentes das substâncias tóxicas depositadas no lago.

[94]Vale destacar que o estado da Geórgia faz fronteira direta com a Flórida, criando uma barreira a esses trabalhadores de mais de 60% da área de saída por terra do estado.

Foto 16: Chegada a Immokalee, Flórida
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

A organização Florida Farmworkers Association of Florida, que Juan Concha apoia, não possui sede na cidade de Immokalee, apenas em outras quatro regiões rurais do estado (Homestead, Apopka, Fellsmere e Pierson) e para a realização das reuniões em Immokalee, os trabalhadores rurais repetem o que acontecia com a CIW no início: emprestam uma sala de uma igreja Luterana da cidade. O local não tem acesso à internet, e quando é necessário, os membros se reúnem em qualquer lugar da cidade que ofereça wi-fi. As opções são escassas e ironicamente, me vi sentada com eles em uma mesa do Mc Donald's, que acaba se tornando uma das poucas alternativas.

Fiquei apenas observando a conversa de Juan com Marco Labra, organizador do grupo em Immokalee. Atualmente, a discussão em pauta na organização está ocorrendo em torno da usurpação dos proprietários de terra na região que alugam terrenos para que se coloquem os vagões/trailers onde os trabalhadores irão morar. Apenas para colocar o vagão no terreno, o proprietário da terra cobra $300 dólares. Em um único terreno, vários trailers são colocados e o proprietário vive com essa renda.

Importante pensar que o valor desse aluguel é passado para os futuros moradores do trailer, que além de terem de pagar pelo espaço no trailer, também pagam pelo aluguel do espaço. No total, esse valor acaba alcançando números que beiram o absurdo quando se pensa que um trabalhador paga em torno de US$ 300 dólares por mês para morar junto com outros dez ou doze trabalhadores rurais.

Chegar a Immokalee é como chegar a alguma região muito pobre do Norte do México ou de outra região pobre de um país da América Latina. Perguntei ao meu companheiro de pesquisa, Rogério, qual era a impressão dele naquele momento: *"Para mim parece que atravessamos a fronteira para o norte do México sem perceber"*.

As condições sanitárias da cidade são preocupantes. Não me refiro apenas ao saneamento, que ao menos na região central possui pavimentação. O que preocupa é a higiene, principalmente nos comércio alimentícios locais. Consequência óbvia da pobreza extrema e de grande deficiência de recursos humanos, os locais são sujos, a comida mal conservada e a presença de urubus, atraídos pelo forte cheiro dos lixos ao redor dos restaurantes, é constante. Acompanhados dos pesquisadores que trabalham diretamente com a população imigrante de Immokalee, fomos tomar o café da manhã em um restaurante chamado *Los Taquitos*, segundo eles, um local confiável para realizar as refeições.

A cidade é preenchida por diversos comércios étnicos, divididos em pequenos restaurantes, bares, boates e casas de câmbio. Apesar de acostumados a receber muitos estudantes e pesquisadores, a população nos vê com olhos desconfiados e também curiosos. Estávamos a pé, caminhando pela cidade e buscando reconhecer o espaço.

De fato, quando se está ao redor do prédio da CIW, o sentimento de segurança é um, quando começamos a caminhar um pouco mais distante deste ambiente, percebemos que passamos a ser seguidos com olhares, palavras ditas em dialeto *creole* ou algum outro tipo de dialeto que não reconhecemos. No espaço de três ou quatro quadras de distância da CIW, o clima de insegurança já aparece. Entendemos que ocupar um espaço desconhecido poderia ser até perigoso, por esse motivo, resolvemos voltar para a CIW.

Foto 17: Sede da CIW
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014

Foi neste momento que visualizamos dois carros chegando, um deles estava uma estudante recém-formada da Univerisdade da Flórida e que está estagiando como interna na Coalizão. Coincidentemente, já havíamos conversado por e-mail, pois ela também é membro da Student Farmworker Alliance, no outro carro estava um dos principais lideres da Coalizão, Lucas Benitez. Fui ao seu encontro e pedi um minuto para me apresentar. Conversamos rapidamente e ficou combinado que ele me concederia uma entrevista provavelmente, após o encontro dos estudantes que ocorreu em Immokalee entre os dias 04 e 07 de setembro de 2014.

Já dentro do prédio da CIW, encontrei com Claudia Saenz, também membro da SFA. Conversamos por um longo período e recebi dela alguns materiais que relatam a história da CIW e da SFA. Pude tirar fotos das paredes que são cobertas de cartazes e frases de incentivo aos trabalhadores. Toda a Coalizão por sinal é um local muito organizado, e ao lado, possui uma pequena cooperativa que vende alimentos com um preço menor aos membros da organização.

Foto 18:*No mas abusos* – Sede da CIW
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

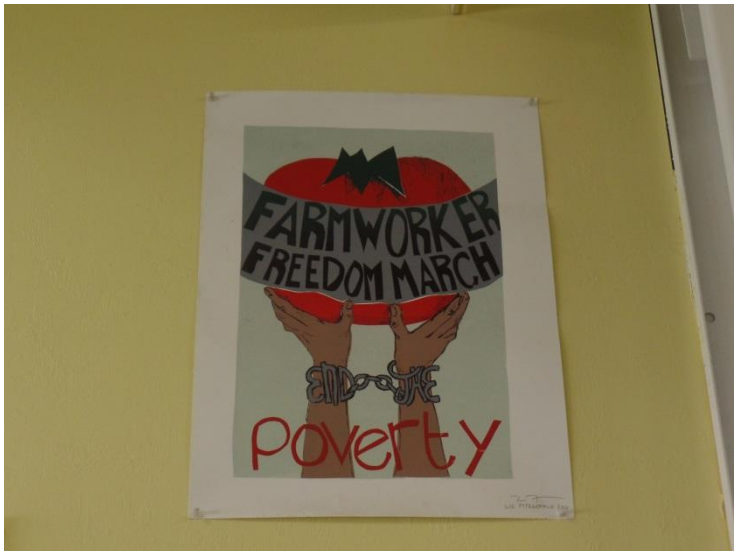


Foto 19: *Farmworker Freedom March* – Sede da CIW
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

Foto 20: Cartaz que apresenta codificação dos envolvidos na produção de tomate
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

Fui convidada para participar do 10º *Encuentro,* um evento anual organizado pela CIW e SFA com aliados para reorganizarem as estratégias de luta e arregimentarem novos membros. Fui orientada que o grupo da CIW estava envolvido em dois grandes eventos, o primeiro, o *Encuentro* e o segundo, o lançamento de um filme que foi gravado em Immokalee e que buscava mostrar a cadeia de produção dos alimentos através da condição do trabalhar no campo e todo o processo produtivo dos tomates que chegam às mesas do consumidor final através dos grandes varejistas do país.

Combinamos que eu participaria na condição de membro aliado, como alguém que está ali para apreender o máximo possível sobre movimentos sociais, sobre a organização e sobre a história destes grupos que buscam mudar a realidade nos campos.

Para isso, não estaria autorizada a realizar nenhuma entrevista. A ideia era de imersão total no grupo sem que outros interesses pudessem atrapalhar. Aceitei de pronto.

A impressão que tive é que estar dentro da Coalizão é como estar dentro de uma caixa, protegida. Sair dos seus arredores necessita de cautela. Estava a pé e precisava encontrar meu colega Juan no Mc Donald's, para isso segui pela rua principal. O sol a pino e a distância de aproximadamente uma milha, dava a sensação de vários kms. Enquanto seguia pela rua, carros velhos passavam e buzinavam, gritavam coisas que não entendia. Encontrei Juan e Adan Labra no restaurante fast-food. Adan é conhecido na comunidade, é membro da

Farmworker Association of Florida e também trabalha como jardineiro, trabalho pesado que exigia horas e horas sob o sol árduo da Flórida.

Conversou com umas mulheres que estavam comendo lanche com seus filhos. Apresentou-me enquanto pesquisadora brasileira interessada em compreender a situação dos trabalhadores rurais naquele local. Elas me cumprimentaram, perguntaram algo sobre o Brasil e voltaram a comer os lanches. Assim como o próprio Adan, elas demonstram muito timidez.

As duas principais campanhas da Farmworker Association of Florida estão vinculadas a conscientização dos trabalhadores rurais sobre o uso de pesticidas na agricultura e a permissão para que os imigrantes possam tirar carteira de motorista. A lei Environment Protection Act de 1986 obriga os contratantes e produtores a comunicar qual o tipo de pesticida está sendo utilizado na lavoura, mas muitos dos trabalhadores não sabem lidar corretamente com ele e acabam sendo intoxicados. Outro seguimento da organização trabalha com cursos sobre sexualidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Immokalee está localizada próxima a regiões riquíssimas do estado da Flórida, como Forth Myers, Cape Coral, Bonita Springs. Ao passarmos por algumas destas ricas cidades, retiro de artistas e empresários do norte do país, a paisagem é belíssima, muitas palmeiras, flores e a grama verde e brilhante. Curioso foi ouvir de nosso colega Adan Labra, que é jardineiro, a história destas robustas palmeiras que não são nativas, apesar da grande quantidade espalhadas por toda a beira da rodovia.

Quanto passei a prestar atenção, pude comprovar que todas eram amparadas por pedaços de pau que ancoravam seu tronco comprido que lutava contra os fortes ventos da região.

Afastando-nos um pouco mais e já há poucas milhas de Immokalee, a paisagem se altera de forma impressionante. A grama rala, quase sem vida, o clima árido, os carros velhos, a presença de trailers e casas elevadas substitui toda a beleza das milhas anteriores.

Essa mudança gradativa das cores da grama foi algo que marcou nosso percurso.

Segunda visita em Immokalee

Fui para Immokalee pela segunda vez no início do mês de setembro para participar do "10º *Encuentro,* 2014", evento organizado pelos membros da Student Farmworkers Alliance (SFA) em parceria com a Coalition of Immokalee Workers (CIW).

Para isso, conversei com uma das lideranças do SFA, Claudia Saenz, que me colocou em contato com estudantes de Nashville, Tennessee, que iriam de carro até Immokalee. Combinamos que eles passariam por Gainesville e me dariam carona.

Em virtude de um imprevisto, os estudantes Tristan e Joe pediram para que eu fosse até Orlando, Fl de ônibus, onde eu pegaria carona com duas organizadoras – Gabi e Heather – de um grupo de defesa de trabalhadores rurais chamado YAYA. Compraram minha passagem até Orlando. Na chegada a Orlando, encontrei Pedro, um mexicano que mora em Sant'Ana na Califórinia e que desenvolve um interessante trabalho em um Centro Cultural que busca manter viva a cultura mexicana. Ele também é membro da SFA e estudou na Universidade da Califórnia.

Gabi e Heather nos pegaram na parada do ônibus e seguimos juntos até Immokalee. A riqueza da conversa de duas horas no carro jamais poderá ser transmitida em palavras, conversamos sobre inúmeras questões referentes à migração, cultura, viagens, etc.

Conversamos sobre a viagem de Pedro a Belize, região localizada na costa nordeste da América Central e com fortes heranças dos Maias. Algo que me marcou muito foi uma observação feita por Pedro de que em Belize ele aprendeu que uma das línguas dos Maias não possuía a conjugação na primeira pessoa do singular (eu), o que demonstra forte relação comunitária do grupo.

Na chegada, nos encontramos na sede da CIW e onde também se localiza o escritório da SFA. Fomos recebidos com festa! Músicas típicas da América Latina. Após, uma apresentação dos membros das organizações e também dos convidados.

Usar uma câmera é sempre algo complicado quando se está fazendo campo. Fico constrangida em intimidar os que estão sendo fotografados e também, pessoalmente, não gosto de perder outras percepções enquanto estou focada em retratar. Por este motivo, optei por não tirar fotos, mas sim gravar alguns áudios com o meu gravador portátil. A questão da compreensão da língua é um grande desafio, pois não compreendo plenamente o inglês nem o

espanhol e ninguém ali falava português. A música alta animava todos e gerava maior dificuldade de compreensão também.

O evento foi muito bem organizado, entretanto, como primeira impressão, não vi muitos trabalhadores participando, mas acredito que o fato de serem 9 horas da noite de uma quinta-feira responda essa minha dúvida.

Como relatei, já havia me comprometido por e-mail a participar do evento não enquanto pesquisadora, mas como alguém que busca apoiar e aprender sobre a realidade dos trabalhadores rurais. Sem a possibilidade de realizar entrevistas formalizadas, busquei me aproximar e conversar o máximo possível com os participantes e gravar as apresentações e palestras em áudio.

Dos mais de cem participantes desse evento, notei que a maioria já se conhecia de outros encontros ou mesmo pelo contato nas marchas e boicotes realizados pelas organizações. Se for possível traçar um perfil dos participantes, acredito que uma parte é descendente de latinos, outra é de jovens cidadãos americanos e uma terceira é de latinos que de forma autorizada ou não migraram para os Estados Unidos com a família. A idade é bem variada, conheci desde jovens estudantes do último ano do High School (ensino médio) até militantes de cinquenta anos de idade, mas no geral, a maioria se encontra numa faixa de 25 anos e é estudante universitário.

O início do 10th*Encuentro*

A apresentação do grupo começou com Gerardo Reyes – uma das lideranças da CIW – e que falou brevemente sobre a história do grupo. Em seguida Neli Rodriguez, outra liderança da CIW, apresentou o grupo de mulheres que busca enfrentar os problemas de assédio e discriminação no campo. Mesmo com os encontros prejudicados pelas longas jornadas de trabalho, estas mulheres procuram se reunir uma vez por semana para discutirem assuntos variados relacionados ao trabalho e a vida das mulheres no campo e na comunidade. Conversam desde a identificação de formas de assédio até formas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e violência doméstica.

Foto 21: Membros da CIW
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

Os membros da SFA apresentam uma lista de regras para uma boa convivência nestes dias de encontro e ressaltaram que se tratava de um evento livre de álcool e drogas.

Após as apresentações dos estudantes e membros da Student Farmworkers Alliance, diversas apresentações musicais ocorreram enquanto o jantar era servido na sala principal da Coalizão. Como relatei, neste dia, consegui conversar com muitos estudantes, mas poucos trabalhadores estavam presentes. Saímos da sede da CIW por volta das onze da noite e seguimos em vans alugadas para a cidade vizinha de Naples, local onde passamos a noite em um salão emprestado pela igreja local.

Segundo dia: o Teatro

O segundo dia de encontro foi iniciado com uma peça de teatro. O objetivo da peça é ensinar aos trabalhadores os direitos que eles possuem no campo. A peça é inspirada no estilo de teatro do oprimido, desenvolvido pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal nos anos de 1970 e que procurou desenvolver a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do *diálogo*, tal como Paulo Freire pensou a educação.

Sem falas, a peça contou a história dos trabalhadores de Immokalee e das injustiças às quais foram submetidos nos campos durante anos. Todos os personagens envolvidos na cadeia de alimentos estão tipificados: produtor rural, cadeias de fast-food; grandes mercados varejistas, crewleaders, contratistas, trabalhadores rurais e igreja, enquanto membro aliado dos trabalhadores. A representação desta encenação pode ser vista abaixo, na sequência de fotos ilustrando a peça.

Foto 22: Apresentação Teatral
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

É a partir desta tipificação que o grupo busca formar quadros discursivos e artísticos que passam a representar a realidade de modo que os espectadores desenvolvam uma reflexão sobre as próprias vidas.

Para Payne (2000, p. 15), tais formas coletivas de ação têm dado início a busca por uma nova forma de se comunicar, desconstruindo os anos de silêncio, violência e irracionalidade "camufladas" nos códigos de dominação nas comunidades de trabalhadores rurais do sudoeste da Flórida.

As codificações representam a realidade das comunidades de trabalhadores das fazendas. Atuar sobre essa realidade permite encorajar e despertar a reflexão entre trabalhadores e o público em geral. É possível notar que a peça de teatro tenta despertar no público o desenvolvimento de um senso crítico através da construção de uma identidade coletiva.

Este tipo de teatro popular desenvolvido inicialmente no Brasil nas décadas de 60 e 70 é muito difundido no grupo. Nota-se que o estilo estético teatral escolhido pela CIW é o teatro imagem, um dos estilos dentro do método do Teatro do Oprimido.

O teatro imagem serviu para Boal alfabetizar os índios chilenos no período da ditadura. De etnias e dialetos diferentes, o teatro transforma problemas, questões e sentimentos em imagens concretas. Para os membros da CIW, vem ajudando a democratizar as interações sociais na comunidade, disponibilizando espaços sociais onde os trabalhadores rurais podem interagir com pessoas de diferentes características e superar as diferenças que geralmente as separa. Debates públicos têm estimulado o diálogo entre os moradores da comunidade e mobilizado o apoio de diversas organizações (PAYNE, 2000).

Concordo com o relato de Payne (2000) sobre a inserção de novas formas de comunicação para o desenvolvimento do pensamento crítico dos trabalhadores. Foi possível verificar isso durante os dias de imersão junto os estudantes e trabalhadores rurais. No entanto, as condições da cidade, da comunidade de Immokalee ainda estão bem atrasadas quando comparamos às conquistas realizadas dentro das campanhas que o grupo apoia.

Quando questionei os organizadores da CIW sobre as difíceis condições de vida dos moradores da comunidade, recebi a resposta de que a organização escolhe temas para combater e que para que os objetivos sejam alcançados, é preciso manter o foco neste tema, que atualmente, é a luta por melhores condições de trabalho e melhorias salariais no campo.

Relataram o interesse em discutir melhorias nas moradias entre outros temas, mas se deixarem de combater ou diminuírem as campanhas sobre as condições no campo, o trabalho poderia ser todo prejudicado.

A primeira parte da peça conta a história de um trabalhador que foi duramente golpeado por seu *crewleader* por ter parado o trabalho sem pedir permissão para beber água. Na encenação, o produtor rural viu o que aconteceu e não reagiu. Após ser socorrido pelos outros trabalhadores rurais, iniciou-se o primeiro movimento de contestação dos trabalhadores, com os mesmos se reunindo para ir à porta da casa do contratista que era

conhecido por suas atitudes opressivas e violentas, andando armado e coagindo os trabalhadores. Neste movimento, os trabalhadores exigiam o pagamento do salário mínimo e também melhorias dentro do trabalho no campo, como por exemplo, água fresca e pausas remuneradas.

Após o protesto, buscaram o diálogo com as companhias e realizaram uma greve de fome durante 30 dias na primeira sede da coalizão, que era uma sala concedida pela igreja.

Durante a peça, ocorrem pausas em que o líder da Coalizão, Gerardo Reyes, faz pequenas falas de inserção. No momento em que o grupo está encenando o protesto, carregando a camisa do trabalhador suja de sangue, o narrador questiona: Como transformar uma indústria que nos vê como tratores?

Ao longo da encenação, os trabalhadores encontram com uma freira, que representa na peça o importante papel que as diferentes igrejas da comunidade tiveram no apoio ao grupo. Explicam que no início, a igreja os via como "pobres coitados" e ao invés de auxiliá-los na conquista por justiça social, ofereciam doações de comida.

Na sequência, explicam a formação dos acordos entre a Coalizão e os produtores com as cadeias varejistas e redes de fast-food. A campanha "Dez centavos por Justiça" (Dime for Justice) buscou aumentar os salários dos trabalhadores através do aumento do valor do balde de tomate colhido. O grupo não conseguiu que as empresas pagassem dez centavos a mais, mas conseguiu um aumento de cinco centavos.

Após tais manifestações, as companhias que pagam $0.40 centavos de dólar por libra de tomate passaram a pagar entre $ 0.45 e algumas $ 0.50. Essa pode ser considerada uma importante mudança na remuneração dos trabalhadores, mas não se mostrava suficiente para os trabalhadores que continuaram a luta.

Neste período é realizada a primeira grande Marcha dos trabalhadores, que percorreu 234 milhas partindo do Fort Myers e seguindo até Orlando nos anos 2000 e que carregou uma estátua da Liberdade pintada de marrom como referência aos trabalhadores latinos que são classificados como marrons no país. Esta estátua será exposta no Museu do Trabalho em Washington, D.C., que está em construção.

Os donos das fazendas queriam descontar o dia de trabalho dos trabalhadores que não foram para a lavoura para participar da marcha da dignidade. Esta marcha se tornou simbólica pois congregou pela primeira vez aliados à CIW (segundo Gerardo Reyes, "poucos,

mas estavam lá"), inclusive estudantes das universidades que posteriormente vieram a formar o SFA.

O final do teatro apresenta a luta do grupo com as companhias para fazerem parte do acordo e finaliza mostrando que as duas empresas que estão resistindo em assinar o acordo com a CIW são a varejista Publix e a rede de restaurantes Wendy's.

Como relatei anteriormente, ficou claro que o teatro é uma importante estratégia para o desenvolvimento do pensamento crítico dos imigrantes desta comunidade. Segundo alguns trabalhadores com os quais eu tive contato durante este período, as peças de teatro encenadas ao lado da sede da CIW eram noticiadas na rádio e acabavam sendo uma estratégia para trazer os trabalhadores para o grupo.

A exibição de filmes na sede também atraiu muitos trabalhadores, inclusive, Gerardo Reyes, hoje uma das lideranças. Outro veículo de informação que deu voz a comunidade foi a Radio Consciência, que será mencionada em breve.

Visita Guiada pela cidade de Immokalee

Participar do *Encuentro* permitiu participar de uma visita guiada por algumas partes da comunidade de Immokalee. Os membros dividiram a turma em dois grupos e as guias que nos acompanharam era uma trabalhadora rural(Lupe), membro da CIW e uma recém-formada estudante que mora em Immokalee e trabalha na SFA.

Segundo Lupe, antes do acordo do Fair Food Program, os trabalhadores iam para a lavoura e ficavam horas esperando antes de poderem colher os tomates. Isso porque os tomates não podem ser colhidos molhados do orvalho, é preciso que sequem com o sol para depois serem colhidos sem o risco de mofarem no período do transporte.

Nessa época, ela relata que todos os trabalhadores ficavam horas nas fazendas esperando semreceber. Era comum terem que dobrar e guardar as lonas que cobrem a terra durante a noite ou realizarem outras atividades sem que recebessem nada para isso. Após o FFP, os produtores são obrigados a colocar relógio de ponto nas fazendas e os trabalhadores picam cartão a partir do momento que pisam na empresa, recebendo o salário mínimo da hora de trabalho vigente no estado da Florida e depois que começam a catar os tomates, recebendo também por produção.

Essa exigência do relógio de ponto e da obrigatoriedade de se pagarem as horas do trabalhador a partir de sua chegada nas fazendas mudou a organização dos produtores e contratistas. Se antes eles buscavam os trabalhadores no estacionamento central da cidade mesmo antes do amanhecer,hoje o trabalhador pode chegar ao local de trabalho um pouco mais tarde. Após o acordo do Fair Food Program, os trabalhadores conquistaram também o direito a ter água gelada no local de trabalho, banheiros limpos e pausa nas atividades quando a temperatura está muito alta ou quando as chuvas iniciam.

Vale ressaltar que essa mudança se dá para aqueles produtores de tomate que fazem parte do Fair Food Program. Nem todos os trabalhadores que residem em Immokalee são membros da CIW e nem todos os produtores são acordados com o Programa. Para estes que ainda não fazem parte do grupo, os mecanismos de trabalho se mantém os mesmos, ou seja, deixam suas casas ainda de madrugada para pegarem o transporte até as fazendas.

Além dos pais, os filhos também acabam sendo obrigados a entrar nesta rotina de horários. No filme Food Chains, pudemos ver que em alguns casos, os trabalhadores precisam contratar babás para ficarem com as crianças até o horário de entrarem na escola.

Moradias

Antes de detalhar as minhas impressões sobre esse assunto, valem algumas observações sobre a questão habitacional. Existem diferentes tipos de moradias oferecidas a esses trabalhadores, em condições sempre desfavoráveis por causa de sua vulnerabilidade legal. Por uma cláusula trabalhista dos EUA, deve-se oferecer modaria aos trabalhadores temporários, porém isso não especifica qual o tipo de moradia e a qualidade A etnicidade também afeta a disponibilidade de moradia, de redes de trabalho e as relações com os contratantes. Griffith & Kissam (1995, p. 37) classificam diferentes tipos de residências disponíveis a esses trabalhadores:

Os **Laborcamp**são moradias específicas para trabalhadores rurais, são ocupadas sazonalmente e em geral o são, ou de propriedade dos produtores, ou dos contratantes do trabalhador. Em geral, quem mora nestas moradias é trabalhador solteiro, isso porque na maioria dos casos, os inquilinos trabalham para o dono das moradias. Esses **labor camp** são casas ou galpões que foram trransformadas em dormitórios.

A**Privately housing** não são necessariamente de propriedade ou administrada por um *crewleader*. Esse tipo de moradia varia desde casebres até bons trailers. Entretanto, o aluguel tende a ser maior.A **Public housing**- Casas construídas, mantidas e administradas pelo governo local ou regional. Em Immokalee a mais famosa é a Farmworker Village. A**Self-help housing**- moradias conseguidas com o apoio da *Habitat for Humanity*, uma organização que constrói casas para famílias que não conseguiriam financiar uma casa em virtude do valor do salario.[95]

As primeiras impressões que tive sobre as moradias ocorreram na primeira visita à Immokalee. Os trabalhadores migrantes vivem em condições completamente insatisfatórias, muitos destes em condições deploráveis, amontoados em trailers presentes da primeira até a nona rua da cidade de Immokalee.

Os trailers são velhos, mal conservados e tecnicamente inabitáveis. Estabrook (2012, p. 103) descreve estes trailers como um trabalho amador de carpinteiro, com cômodos extras criados com material de baixa qualidade que podem ser vistos na maioria das habitações.

Essas casas suspensas, que ficam ancoradas em mourões, são marcadas pela ferrugem e manchas de bolor. A grande maioria não possui ar condicionado ou qualquer tipo de isolamento. Caso os trabalhadores queiram ar condicionado é preciso pagar uma taxa extra de 10 dólares por trabalhador por semana. Immokalee é mais um dos exemplos onde a concentração de terras e propriedades esta presente nas mãos de poucos. No caso, cerca de 80% desses trailers pertencem a uma família, os Blocker, que controla o valor dos aluguéis em toda a cidade, além de serem donos de três lojas de móveis. Para morar em um destes trailers com dois quartos, o aluguel pode chegar até US$ 3200,00 dólares por mês, pagos em quatro parcelas de US$ 800,00 por semana.

Quando chegam a Immokalee, os imigrantes se reúnem em grupos de até dezesseis trabalhadores para alugar um único trailer. Esse local apertado, inóspito e sem ventilação será o lar destes trabalhadores por no mínimo nove meses no ano.

Não entrei nos trailers, mesmo tendo questionado tal possibilidade. Vimos vários deles por fora e pude observar o interior de alguns através das pequenas janelas. A guia de nosso tour por Immokalee ressaltou que a apesar de estarem vazios em virtude do período do ano, os trabalhadores não se sentem à vontade em mostrar seus "lares". Acredito que ninguém

[95] Griffith, D. Kissam, E. **Working poor: Farmworkers in the United States.** Philadelphia: Temple University Press, 1995.

naquelas condições se sentiria. Entretanto, foi descrito que alguns destes trailers possuem água encanada e esgoto, outros não. Giagnoni (2011, p. 12) descreve condições precárias nestas habitações, onde alguns trailers precisam compartilhar banheiro em condições insalubres, além de alguns trabalhadores dormirem nos estrados das camas ou diretamente no chão sem nenhum colchão, ao custo de US$300,00 por mês para cada pessoa.

Os banheiros são apertados e geralmente divididos com outros quinze moradores, quando não, este número dobra, pois alguns trailers dividem o banheiro com outros que não possuem. Neste cômodo, o que se pode encontrar, quando possui a sorte de ter um banheiro exclusivo no trailer, é um vaso sanitário sem assento, uma pia constantemente suja e um pequeno chuveiro de metal.

A cozinha se resume a uma pia de fórmica e um fogão de quatro bocas, que nem sempre funciona. A sala e os quartos se misturam em um emaranhado de sacos com as roupas dos trabalhadores e colchões e colchonetes. Apesar de todos estes problemas, os proprietários não possuem o interesse de reparar ou reconstruir essas moradias, com a certeza de que sempre haverá demanda no período de safra do tomate.

Foto 23: Trailers de moradia dos trabalhadores rurais em Immokalee.
Fonte: Arquivo da autora

O governo construiu um conjunto de apartamentos, mas os contratos de aluguel devem ser de pelo menos um ano, o que faz com que os trabalhadores não consigam alugar, pois a massiva maioria é trabalhador sazonal e não passa todo o ano no mesmo local. Além disso, o preço do aluguel também é mais alto que o dos trailers, contudo as condições de moradia são superiores. Um apartamento com dois quartos custa cerca de US$ 650 dólares por semanae um de três quartos ultrapassa US$ 750,00. Existe uma limitação ao número de moradores nestas residências, o que impede a super lotação que ocorre nos trailers.

Segundo Juan Concha, membro da organização Farmworkers Association of Florida, existem alguns lugares em que os proprietários da terra chegam a cobrar um aluguel de US$ 700 dólares por mês para permitir que os trailers estacionem em seus terrenos.

A CIW relata que esta é uma grande preocupação do grupo, entretanto, não é o foco da coalizão que tem como principal objetivo as melhorias salariais dos trabalhadores e a conquista de melhores condições de trabalho nos campos. Entendem que se estenderem suas campanhas para outras questões, como por exemplo, a moradia, podem perder o foco das mobilizações e ao final, não conseguirem nenhum tipo de melhoria.

Assédio Sexual e Discriminação nos campos

Tanto a CIW quanto outras organizações que auxiliam os trabalhadores rurais relatam o combate incessante ao assédio sexual e discriminação nos campos. Relatos de

trabalhadoras rurais apontam para a coerção física ou moral de líderes de turmas e colegas de trabalho.

Dentre os requisitos para a inserção no *Fair Food Program* está a tolerância zero para qualquer tipo de abuso sexual nos campos. As mulheres recebem cursos onde aprendem como detectar e denunciar qualquer tentativa de abuso no trabalho e na comunidade e os homens também participa de palestras onde são conscientizados dos seus atos. No último triênio (2011-2014), o FFSC não recebeu nenhuma denúncia desse tipo nas fazendas que fazem parte do programa. Segundo o relatório do FFSC (2014), o monitoramento constante e a oferta de profissionais treinados para trabalhar com esse tipo de situação têm auxiliado para a diminuição de ocorrências nos campos de Immokalee.

Enfrentar a concorrência por uma vaga na lavoura com um homem pode gerar atos discriminatórios. Em muitos casos, o trabalhador, machista, não admite perder uma vaga na lavoura para uma mulher e esse tipo de atitude gera coerção.

Nesse sentido, tanto homens quanto mulheres recebem treinamento no campo de modo a trabalharem sem que haja qualquer forma de assédio ou discriminação.

Saúde

Dentre os inúmeros riscos aos quais os trabalhadores rurais estão sujeitos, a exposição de pesticidas está entre um dos principais. As organizações de defesa dos trabalhadores rurais[96] realizam campanhas para esclarecer a importância de saber lidar com os pesticidas. Este não é o foco da CIW, apesar de realizarem com frequência cursos sobre os riscos de manipular pesticidas de forma incorreta. Estes cursos estão dentro do acordo do Fair Food Program e as oficinas são realizadas no local de trabalho.

Outras organizações que buscam responder por outros trabalhadores rurais, como os catadores de morango, melancia, entre outros, realizam cursos em suas sedes que ensinam desde os sintomas até os primeiros socorros em caso de envenenamento.

Muitos destes trabalhadores são analfabetos ou possuem baixo grau de escolariadade, foi pensando nisso que os grupos desenvolveram uma metodologia que alcance o entendimento destes trabalhadores através da criação das foto-novelas. Nestes livretos distribuídos por uma organização responsável pelo desenvolvimento e monitoramento da

[96] Verificar folder com curso no Anexo.

saúde das mulheres no campo (Rural Women's Health Project), pode-se aprender através de posters, foto-novelas, radio-novelas, revistas, jogos e outros materiais sobre doenças como HIV, Tuberculose, violência doméstica, depressão e outras questões relacionadas a saúde da mulher.

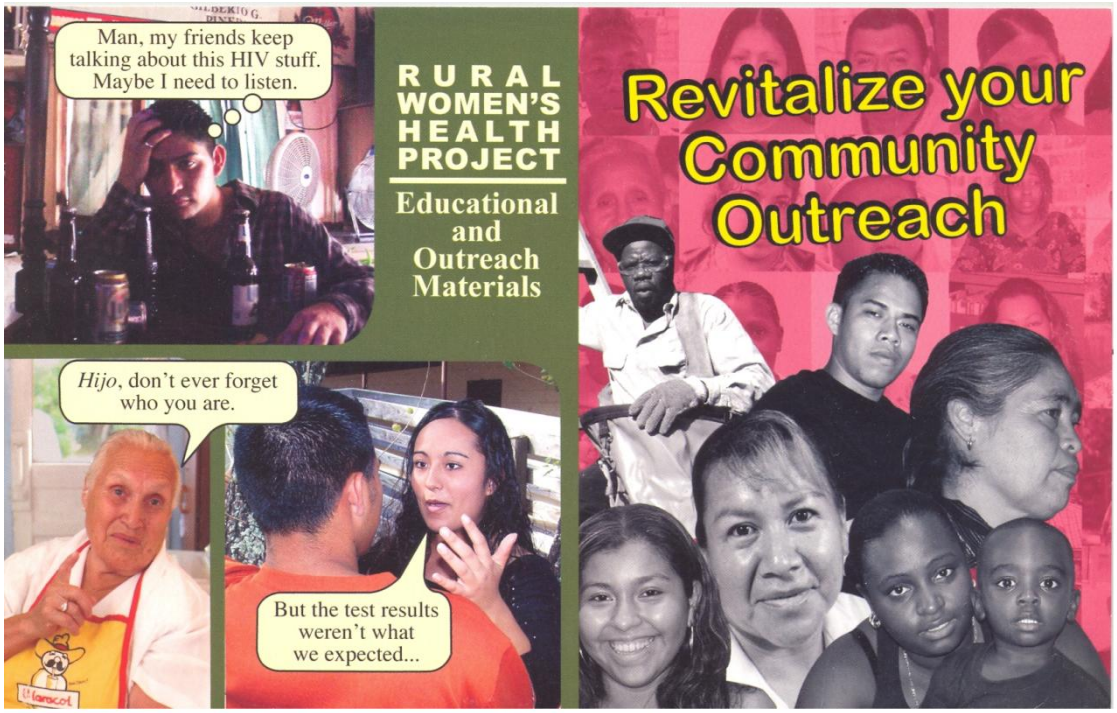


Foto 24: Fotonovelaensina cuidado de saúde e prevenção a doenças
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

Radio Consciência – *La Radio da Coalizion*

A CIW possui uma rádio onde diariamente músicas, notícias dos países dos imigrantes e informes importantes são transmitidos. Existe um espaço na programação onde os moradores da comunidade podem participar.

No ano de 2014, a Coalizão de Immokalee comemorou onze anos da Rádio Consciência – a Rádio da Coalizão. Entendemos que a existência de uma rádio comunitária em uma cidade como Immokalee pode apresentar uma variedade de significados ao trazer para esta população, predominantemente imigrante, uma aproximação com seu país de origem através de músicas, notícias e a própria língua natal.

Sua formação foi apoiada pelo Rádio Projeto Prometheus, uma organização sem fins lucrativos que busca apoiar a formação de rádios comunitárias em todo o país. As rádios comunitárias surgiram de um modelo de resistência às rádios comerciais que visam o lucro a partir de propagandas e programas patrocinados. Com interesse em dar enfoque às reais necessidades das comunidades, essas rádios, ainda que abordando temáticas diversas, surgia com o mesmo intuito, o de contestar o sistema vigente de comunicação em massa (PERUZZO *apud* LOPES, 2005, p. 8).

No caso da Radio Consciência, os membro da CIW relatam que esta serve como uma voz para os trabalhadores, um espaço onde podem transmitir os problemas ou incitar a comunidade a aprender e tomar consciência de seus direitos, não permitindo assim abusos no trabalho.

Para isso, a rádio divulga para toda a comunidade o Código de Conduta que a organização de Immokalee coloca aos empregadores, além de elucidar dúvidas sobre a Campanha de um centavo a mais e as outras campanhas em busca de melhores condições de trabalho nas lavouras do tomate.

Todos os protestos que ocorrem em frente as cadeias de mercados do estado são transmitidos por telefone e divulgados na rádio em tempo real, para que os trabalhadores possam acompanhar as mobilizações. As transmissões são feitas em espanhol e se nota que a CIW tem se esforçado para abranger também os haitianos que hoje fazem parte da comunidade e que falam *creole*.

Food Chains: o Filme

Assistimos a pré-estréia do documentário *Food Chains*. O diretor do filme, Sanjay Rawa, que esteve presente na sede da CIW contou que o filme busca explorar as condições de trabalho dentro do setor agrícola dos Estados Unidos, bem como as práticas prejudiciais que afetam a vida dos milhares de trabalhadores nas fazendas do país.

Neste documentário podemos perceber como a ligação que existe entre os alimentos e a forma como são produzidos. A rede varejista Wal-mart hoje possui lucros anuais superiores ao da Microsoft, alcançando bilhões de dólares por ano.

Dentro deste universo, o filme traz para o espectador a ideia de que as frutas e vegetais percorrem um longo caminho antes de chegar às mesas destes consumidores. Além

da região de Immokalee e da apresentação da CIW no filme, pudemos conhecer o que acontece na outra costa do país, onde a produção de vinhos na região de Napa Valley na Califórnia adota práticas similares, mesmo após o grande movimento de contestação iniciado por Cesar Chavez e Dolores Huerta que deram início a organização de trabalhadores rurais.

Terceiro dia em Immokalee

O terceiro dia foi dedicado às atividades de organização do movimento, com a oferta de mini-cursos e palestras com os membros da CIW.

O Primeiro curso, "Introdução a organização – 101" foi pensado para o desenvolvimento e formação de organizador (*organizer*). Neste workshop foram apresentados detalhes de estratégias de organização dentro dos movimentos sociais. Além disso, buscaram apresentar diferenças entre ativismo "improvisado" e a organização de movimentos com base em recrutamento, agitação (no sentido de mobilização) e construção e consolidação de grupos. De maneira didática, os organizadores do curso passavam a mensagem de que pressionar é sempre uma importante estratégia dentro das organizações.

O Segundo mini-curso, "Por traz das tranças" ensinou estratégias e práticas para pressionar a atual empresa que não faz parte do Fair Food Program, a cadeia de restaurantes Wendy's através de redes sociais como twitter, facebook e outros.

O terceiro mini-curso, "Trazendo dinheiro para o movimento" apresentou formas de arrecadar dinheiro dentro de um movimento de base. O grupo destaca que a organização não pode se envergonhar de ganhar dinheiro, que este é um dos princípios fundamentais para o sucesso de uma organização.

O quarto mini curso ensina como rebater histórias contadas pelas empresas de marketing e pela mídia sobre as empresas que o grupo tem criado pressão. Ocorre que estas empresas utilizam a estratégia de atrair seus clientes atraés de propagandas que contam a trajetória da empresa (*storytelling*), mas, não apresentam (obviamente) o cenário por traz da produção dos alimentos.

Também participei de um curso que direciona os estudantes interessados em desenvolver as campanhas em andamento na organização no campus onde estudam. Para isso, o "futuro organizador" deverá aprender desde técnicas para atrair os estudantes até formnas de arrecadar dinheiro para a organização.

Outro mini-curso que me chamou a atenção foi o que apresentou o uso das mídias sociais como combustível para a construção e fortalecimento dos movimentos sociais. Segundo os palestrantes (que são estudantes e organizadores do movimento em Universidades de Nova Iorque), "a revolução não será 'twittada' mas a mídia social é uma importante ferramenta ao nosso alcance para auxiliar na divulgação das campanhas". Hoje, com o uso de smartphones e acesso à internet 24 horas por dia, o grupo de jovens estudantes ensina como utilizar para a organização do movimento essa ferramenta.

Por fim, o curso "Dos bancos da Igreja para as ruas", o grupo busca apresentar aos cursistas a importância de realizar parcerias com a igreja. Justificam inclusive que a igreja é um importante elemento de ligação da comunidade, onde grupos de pessoas se reúnem com frequência. Além disso, o curso apresenta o papel que a igreja tem tido na organização do Fair Food Program.

A partir da descrição dos cursos oferecidos pela CIW e SFA no encontro anual, é possível perceber o grau de organização que o grupo alcançou ao longo dos anos. Seeegundo Melucci (1994), os novos movimentos sociais são descritos como uma luta pelo controle dos recursos de informação disponíveis. Vemos isso com frequência nos cursos e na organizaão geral dessa grande Coalizão.

Palestra: Do conceito de Solidariedade

Alguns membros da CIW realizaram uma palestra sobre o conceito de Solidariedade e qual o papel deste ato para o grupo até os dias de hoje. Segundo eles, Solidariedade vem do francês, solidarité, de sólido. "*Pode-se dizer que solidariedade é quando me preocupo com a condição do outro sem que eu tenha interesse direto neste outro*" (Gerardo Reyes, 10th Encuentro, 2014). "*No caso da CIW somos apoiados pelos estudantes e os estudantes são ajudados pelos trabalhadores que mostram ao estudante (que é um consumidor) o que ele está consumindo. Porque as corporações só mostram as coisas bonitas*" (Lupe, 10th Encuentro, 2014).

Neli Rodriguez, outra liderança, também chamou a atenção para a diferença que existe entre solidariedade e caridade.

> A caridade não soluciona o problema, apesar de ajudar em muitos casos, afinal alguns trabalhadores nem sempre tem o que comer ou vestir. Mas o que os trabalhadores buscam através da solidariedade é o direito de lutar por seus direitos e melhorias no trabalho e na vida (NELI RODRIGUEZ, 10th Encuentro, 2014).

Como foi encenado na peça de teatro, a Igreja por muitos anos demorou em compreender que os trabalhadores não queriam caridade, mas sim solidariedade. Em geral os padres, bispos, pastores e reverendos doavam comida e roupas e acreditavam que estas ações eram suficientes aos trabalhadores.

Após muitas tentativas da CIW, a Igreja compreendeu que a sede dos trabalhadores era por direitos e não presentes. A perspectiva assistencialista das igrejas, em especial a de orientação católica cristã, sempre esteve voltada ao suporte a pessoas em condições de miséria extrema e falta de respaldo governamental, o que não era o caso dos trabalhadores de Immokalee que, apesar de não possuírem direitos assegurados pela legislação trabalhista dos Estados Unidos, já traziam uma estrutura e uma ideologia organizacional de seus países, raíz primordial da própria coalizão.

Quarto dia: os Protestos

O último dia de encontro foi marcado por dinâmicas e a continuidade do curso, além do protesto marcado para acontecer em frente ao Publix e o restaurante Wendy's, na cidade de Naples.

Marca consolidada da CIW, as ações de protestos e boicotes vêm sendo realizada pelo grupo desde os primeiros anos de sua formação como uma importante estratégia de resistência que visa chamar a atenção dos consumidores para as condições de trabalho e assalariamento no campo.

Dezenas de pessoas se juntaram à essa ação em que participei. Munidos de cartazes, placas, megafone e muita animação, o grupo composto por trabalhadores rurais, crianças, idosos, religiosos e jovens estudantes inicialmente protestaram na frente do mercado Publix e conversavam com os consumidores, informando-os sobre a CIW e o Fair Food Program.

O grupo convida o gerente responsável da rede varejista para conversar, mas a tentativa é em vão. Acredito que esse seja mais um protocolo da organização. Faz anos que o

grupo tenta dialogar com os responsáveis, mas pelo que pude notar, esse diálogo alcançou outro patamar, quando advogados que representam a organização sentam em uma mesa de negociação com as empresas, e a medida que as partes compartilham ganhos comuns, os acordos são fechados.

Com relação aos protestos, entendo que estes tenham uma função objetiva de divulgar a insatisfação tanto do grupo quanto de parte dos consumidores, servindo como o primeiro contato com a campanha.

Saímos da frente do Publix e seguimos pela mesma avenida até o restaurante Wendy's. Como relatado por uma das lideranças, o restaurante havia sido previamente avisado do protesto e estava fechado para o público, funcionando apenas o drive-thru.

Foto 25: Imagens do protesto realizado pela CIW, SFA e organizações amigas, setembro/2014.
Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2014.

O protesto foi coberto por uma rede de televisão nacional. Observando os manifestantes é possível perceber como o grupo se organiza no protesto. Os manifestantes são divididos em dois ou três grupos e cada grupo possui alguns líderes. As pessoas segurando faixas e cartazes traçam um percurso delimitado nas calçadas próximas e gritam frases de contestação. Essa organização dos grupos faz com que o protesto seja mais organizado e se estenda por um espaço maior, ao invés de ficar totalmente concentrado na frente do restaurante, ocupando não apenas a frente do local, mas também espaços adjacentes.

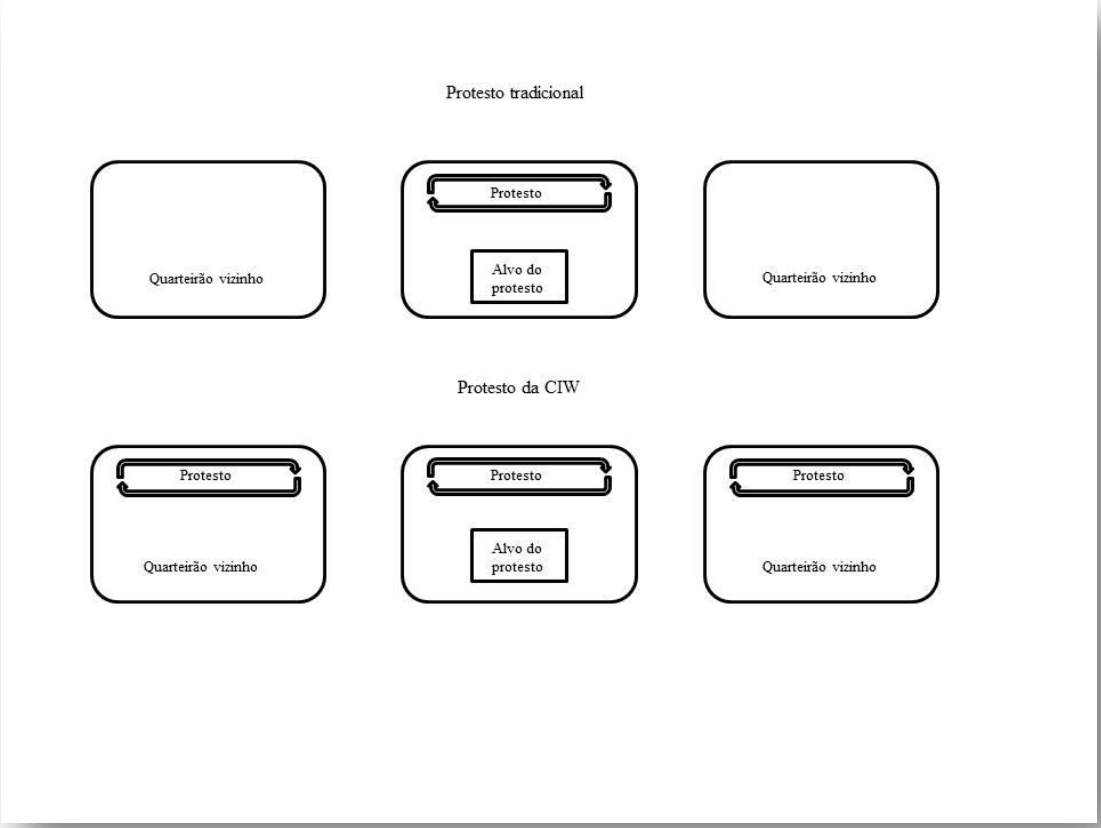


Ilustração 1: Esquema sobre a movimentação dos protestos
Fonte: Elaboração da autora

Após os protestos, seguimos para o local onde ficamos hospedados e realizou-se uma confraternização. Estavam presentes muitos trabalhadores e estudantes. Os baldes, símbolo da luta por melhores salários, foram transformados em bancos. O grupo festejou mais um *Encuentro*com música latina e comida tipicamente mexicana.

Visita a Pierson, Condado de Volusia

Outras duas cidades que congregam muitos trabalhadores imigrantes no campo são Apopka e Pierson. Diferente de Immokalee, estas cidades se destacam pela grande produção de plantas e flores, vendidas para cidades turísticas como Orlando e Miami. Chamado de *nursery*, esta atividade emprega predominantemente mulheres por se tratar de um trabalho deliciado.

Estive em Pierson com um pesquisador da Universidade da Flórida e que realiza um trabalho voluntário de tradutor nos eventos organizados pela FWAF. Naquele momento, o evento organizado era a reunião de alguns candidatos ao cargo de conselheiros do condado (algo próximo a um vereador no Brasil). Estes candidatos foram convidados por Marcos Crisanto, liderança da FWAF em Pierson. Marcos quis aproximar os trabalhadores rurais que moram e trabalham na cidade de Pierson dos candidatos a cargos políticos no condado. Como a maioria destes trabalhadores é imigrante, sendo uma parte deles não autorizados, o inglês é um idioma pouco falado. Foi com esta função que o pesquisador Cristóban realizou as traduções no debate.

O evento que durou em torno de três horas contou com a presença de seis candidatos que falaram sobre seus planos para educação e gerenciamento da cidade. Após a fala de cada um, a sessão de discussão se abriu para o público. O local estava cheio, Marcos Crisanto relatou que não esperava a presença massiva da comunidade.

Perguntavam em espanhol e Cristóbal fazia a tradução. Duas questões me chamaram a atenção, a primeira foi feita por uma trabalhadora imigrante indocumentada que questionou quais seriam as atitudes dos representantes com relação a abordagem da polícia nos dias em que os trabalhadores recebiam seus salários. Segundo ela, é comum ocorrer estas abordagens de policias com pessoas "marrons[97]" no dia do pagamento para solicitar documentos ou quando está de carro, a carteira de motorista. Ficou claro naquele momento que a mulher relatava casos de pagamento de propinas aos policiais que sabiam da fragilidade daqueles trabalhadores e buscavam receber algum dinheiro do pagamento recebido.

Os candidatos fizeram caras surpresas como se aquele fato fosse algo completamente novo e desconhecido. Responderam, coletivamente, que seria necessário um diálogo com a polícia, a punição daqueles que cobram propinas dos moradores da comunidade e um aprofundamento das discussões sobre reforma da imigração no país. Enfim, pouco se nota de diferente nos discursos de candidatos lá ou aqui.

A segunda pergunta que me chamou atenção foi feita por outra trabalhadora rural que questionou a necessidade das escolas públicas oferecerem uniformes para todas as crianças. Os filhos dela reclamam que as outras crianças implicam com eles por não vestirem as roupas de "marca". A mulher concluiu a fala relatando que o salário com colhedora de flores é

[97] Brown: termo que é utilizado frequentemente para definir o imigrante latino ou indiano.

pequeno e que os uniformes ajudariam a diminuir os problemas dela com as crianças que por vezes não querem ir à escola. Os candidatos prometeram uniformes para as crianças.

Conversei com uma trabalhadora imigrante que relatou que elas recebem por produção, e a cada "buquê" colhido, o valor pago é de US$ 0,21 centavos de dólar, sendo necessária a colheita de 37 buquês por hora para alcançar o valor mínimo legal da hora no estado. O movimento repetitivo e a posição para a colheita das flores, ajoelhada, resultam muitas vezes em doenças vinculadas a hipertrofia muscular e dores no corpo. O calor das estufas onde trabalham também é relatado como insuportável. O tratamento destas doenças é de responsabilidade dos contratantes, mas como os imigrantes recebem por produção e não possuem o direito a afastamento remunerado, eles preferem não ir ao médico para não perderem o dia de trabalho.

Nesta visita de um dia a cidade de Pierson, acredito que questões referentes aos problemas reais dos imigrantes no país foram discutidas. A possibilidade de poder participar deste momento foi algo muito importante para este trabalho.

...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação contraditória entre os Estados Unidos e os trabalhadores estrangeiros pode ser analisada desde as primeiras décadas do século XIX, a partir da abertura das fronteiras para a imigração com vistas ao desenvolvimento econômico e a expansão geográfica do país. A construção das legislações, tanto trabalhista quanto migratória, servem como escopo para esta discussão em torno da construção de uma nação economicamente consolidada através dos braços dos imigrantes.

Esta pesquisa buscou responder algumas questões referentes ao surgimento de novas formas de organização e representação de trabalhadores imigrantesrurais nos Estados Unidos. Através do estudo da *Coalition of Immokalee Workers*, pudemos perceber que formas paralelas de representação de trabalhadores vêm se delineando nos Estados Unidos à medida queas organizações tradicionais passam a conviver com o aumento do emprego nos serviços.

A necessidade de suprir esse espaço que acaba por se formar entre representação de trabalho formal e representação de trabalho informal, daqueles que não podem ser inseridos no leque legal do trabalho americano, surge os Worker Centers, organizações sem fins lucrativos que ao longo dos últimos vinte anos têm organizado trabalhadores imigrantes, informais e indocumentados em todo o país.

Oferecendo serviços de consultoria jurídica, assistência médica, ensino da língua e até organização e liderança para movimentos sociais, essas organizações expandem o acesso dos serviços para a própria comunidade, desvinculando o caráter exclusivo do trabalho.

É neste contexto que envolve migração, trabalho e buca por representação, que passamos a estudar a Coaltion of Immokalee Workers, um Worker Center localizado no sudoeste da Flórida e que vem desenvolvendo importantes ações em prol dos trabalhadores imigrantes catadores de tomate.

A Coalizão, formada em 1993, conta com mais de 4500 membros e está conseguindo através de campanhas mudarem a realidade de muitos trabalhadores nos campos. Com o

interesse na construção da Justiça Social, a CIW possui três grandes linhas de ação onde a conscientização e o desenvolvimento do senso crítico são os principais ensinamentos.

O desenvolvimento de uma metodologia de ação, pautada nas teorias freirianos e nos movimentos de insurreição camponesa na América Latina, a organização desenvolve campanhas que buscam aumentar os salários dos trabalhadores imigrantes rurais e também melhor suas condições de vida.

Talvez um ponto que mereça destaque dentro de toda a lógica adotada pela Coalizão dos Trabalhadores de Immokalee, seja a abordagem escolhida como estratégia chave de mudança nos campos. Cientes de que os produtores rurais, tal quais os trabalhadores assalariados, estão sujeitos à sazonalidade das lavouras e com isso, a sazonalidade das contratações, o grupo buscou trazer para o diálogo aqueles que durante o ano todo fazem uso dos tomates, ou seja, os varejistas e restaurantes.

Neste sentido, a cobrança direcionada aos produtores toma corpo no cumprimento dos códigos de conduta e o cumprimento das cláusulas do Fair Food Program, dentro das lavouras. Ao varejista e restaurantes de fast-food, sabidamente detentoresdos maiores lucros dentro deste sistema, cabe o pagamento de um centavo a mais por libra de tomate colhido que resulta no aumento dos salários.

Desse modo, os membros da CIW conseguiram cercar as necessidades sociais e econômicas do grupo num mesmo acordo. Tais práticas responsáveis no campo seguem uma tendência mundial de trabalho decente, muito incentivada pelas novas mídias que rapidamente dissipam a informação no mundo.

Fazer uso destes recursos foi outra importante estratégia da CIW que contou com o apoio dos membros da Student/Farmworker Alliance e outras organizações amigas. Divulgar, denunciar e procurar publicizar as marcas tanto para boas ações quanto para boicotar tem se tornado uma estratégia.

Entendemos que o enfrentamento frente às condições de fragilizade dos trabalhadores é algo difícil e requer grandes esforços. Ainda que a comunidade de Immokalee, Fl continue sofrendo com os abusivos valores dos aluguéis, que as condições de moradia sejam em grande

parte ruins, que a saúde não apresente os melhores índices, é possível verificar que algumas importantes mudanças têm ocorrido naquela região por meio da mobilização dos próprios trabalhadores.

As conqusitas salarias e de bem estar no trabalho através dos acordos entre os trabalhadores, produtores e varejistas faz com que Immokalee hoje seja reconhecida como uma região de forte representação de trabalhadores imigrantes.

A grande central sindical americana, American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO) hoje faz parcerias com worker centers, buscando apoiar as demandas desses trabalhadores e também estar próximo de um modelo que já demonstrou força representativa. Esse cenário acaba por fortalecer os vínculos deste modelo de representação com os então tradicionais modelos, dando início a uma aliança necessária às novas configurações do trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ASBED, Greg. "Coalition of Immokalee Workers: "¡Golpear a Uno Es Golpear a Todos!" Pp. 1-23. In ***Bringing Human Rights Home***, vol. 3, edited by C. Soohoo, C. Albisa, and M. Davis. Santa Barbara: Greenwood Press, 2008.

BACON, D. **Interview with Lucas Benitez of the Coalition of Immokalee Workers. Labor Notes, maio de 2002. In:** <http://www.labornotes.org/2002/05/interview-lucas-benitez-coalition-immokalee-workers > . Acesso em jan/2013.

BAGBY, D. I. **Selective effects of the immigration reform and control act of 1986 on farmworker living and working conditions in the U.S.** Tese de Mestrado, University of Florida, Departamento de Artes, Flórida, 2003. Disponível em: < http://ufdcimages.uflib.ufl.edu/UF/E0/00/12/08/00001/bagby_d.pdf>. Acesso 24 Set. 2014.

BITTMAN, M. The True Cost of Tomatoes. **The New York Times**. Opinator. Data: 14 jun. 2011. In: < http://opinionator.blogs.nytimes.com/2011/06/14/the-true-cost-of-tomatoes/?_r=0&pagewanted=print >

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: **Handbook of theory of research for the Sociology of Education**. New York: Greenword Press, 1986, p. 241-258. Traduzido por Richard Nice.

BOYD, M. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. In: **International Migration Review**, 23(3):638-670, 1989.

BRETTELL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (orgs.). Migration Theory. Talking across Disciplines.In: _____. **Migration Theory. Talking across Disciplines.** New York: Routledge, p. 1-31, 2008.

BURNS, A. F. **Immigration, Ethnicity, and Work in Indiantown, Florida**, Paper No. 8, Center for Latin American Studies and Department of Anthropology, University of Florida, Gainesville, Florida. 1989.

CANO, M.**Immokalee Farm Workers and their Social Crisis in Education and Health**. Dissertação (Departamento de Artes – University of Miami), Coral Gables, Florida. Open Access Theses, 2014.99 p. Disponível em: < http://scholarlyrepository.miami.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1527&context=oa_theses>.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The age of migration.**3rd edition. New York: Guilford Press, 2003.

COLLINS, E. Jr. Regime Legitimation in Instances of Coup-Caused Governments-in-Exile: The Cases of Presidents Makarios and Aristide. **Journal of International Law & Practice,** v.5, n. 2, p. 199, 1996.

DANIEL, C. E. **Bitter Harvest: A history of Califórnia farmworkers, 1870-1941, Ithaca.** New York: Cornell University Press, 1981.

DUNBAR, T; KRAVITZ, L. **Hard Traveling: Migrant Farm Workers in America**. Cambridge: Massachussets: Ballinger, 1976.

DURAND, J; MASSEY, D. **Clandestinos: Migracion Mexico-Estados Unidos en los Albores del siglo XXI.** Universidad Autonoma de Zacatecas: Zacatecas, 2003.

ESTABROOK, B. **Tomatoland.** How Modern Industrial Agriculture Destroyed Our Most Alluring Fruit. Andrews McMeel Publishing: Missouri, 2011.

FRASER, N. A Justiça Social na Globalização: Redistribuição, Reconhecimento e Participação. **Revista Crítica de Ciências Sociais, 63**, out. 2002: 7-20p.

FIELD, T., BELL, B. Harvesting Justice. Transforming Food, Land, and Agricultural Systems in the Americas. Other Worlds. **U.S. Food Sovereignty Alliance**, New York, 2013.

FIGUEIREDO, J.M. **Fluxos migratórios e cooperação para o desenvolvimento - Realidades compatíveis no contexto Europeu?** Tese de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa Instituto Superior de Economia e Gestão, Lisboa, 2005. Disponível em: < http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Teses/3_JMF.pdf > . Acesso em 08 de nov. 2013.

FINE, J. **Workers Centers.** Organizing Communities at the Edge of the Dream. Itahaca, Cornell University Press, 2006.

FUSCO, W. **Redes Sociais de Migração Internacional: O caso de Governador Valadares.** [Dissertação de Mestrado] . IFCH/UNICAMP. Disponível em: < http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_40.pdf> .

GOLDFARB, R. L. **Migrant Farm Workers: A Caste of Despair.**Iowa State Press, 1981.

GUSKIN, E. "Illegal", "undocumented", "unauthorized": News media shift language on immigration. **Pew Research Center**, Fact Tank, jun. 2013. In: < http://www.pewresearch.org/fact-tank/2013/06/17/illegal-undocumented-unauthorized-news-media-shift-language-on-immigration/ > . Acesso em mar. 2014.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 11° Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HAHAMOVITCH, C. **The Fruits of their labor: Atlantic Coast Farmworker and the Making of Migrant Poverty, 1870 – 1945**. University of North Carolina Press, 1997.

HEISLER, B. S. The Sociology of Immigration: From assimilation to segmented assimilation, from the American experience to the global arena. In: BRETTELL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (orgs.). **Migration Theory. Talking across Disciplines**. New York: Routledge, 2008.

HERNANDEZ, C. S., STEPICK, C. **Wage Theft: An economic drain on Florida.** Miami: Florida International University, 2011. Disponível em: < http://caseygrants.org/wp-content/uploads/2012/04/wage_theft.pdf >. Acesso em 22 Set 2014.

HIRSCHMAN, C. The role of religion in the origins and adaptation of immigrant groups in the United States. In: PORTES, A e DeWind, J. (orgs). **Rethinking Migration. New Theoretical and Empirical Perspectives.**New York:Berghahn Books, 2007.

HURD, R. *et al* (Org.) **Organizing to Win. New Research on Union Strategy**. Cornell University Press: Itahaca. USA, 1998.

HURD, R.W. et al(Org.) **Restoring the Promise of American Labor Law.** ILR Press, Cornell University: Itahaca. 1994.

INTERFAITH Action of Southwest Florida (website). In: < http://www.interfaithact.org/membership >

GRIFFITH, D.; KISSAM, E.**;** *et al.***Working Poor: Farmworkers in the United States**.Philadelphia: Temple University Press, 1995.

KOHLBACHER, F. The Use of Qualitative Content Analysis in Case Study Research. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, [S.l.], v. 7, n. 1, jan. 2006. ISSN 1438-5627. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/75/153>. Acesso em Jan/2015.

LAMPHERE, L. Migration, assimilation and the cultural construction of identity: Navajo Perspectives. In: VERTOC, S. (org.) **Antropology of Multiculturalism. New Directions.** Routledge: 2010.

LEWIS, P. **It's all in how you add up tomato pickers' pay.** Naples News. September, 2007. In: < http://www.floridafarmers.org/news/articles/it'sallinhowyouaddup tomatopickers'pay.htm > Acesso em ago. 2013.

LIKE Machine in the Fields: Workers without Rights in American Agriculture. Boston: **Oxfam America**, 70 p,2004.

LICHTERMAN, P. Seeing Structure Happen: Theory Driven Participant Observation. In: **Methods of Social Movement Research**. Edited by B. Klandersmans and S. Staggenborg,. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2002, p. 118-145.

LIMONCIC, F. **Os inventores do New Deal**. Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2009.

McCARTIN, J.A. **Reparing the Crumbing Systems of Collective Bargaining? Trade Unions and Industrial Relations in the USA.**Friedrich Ebert Stigtung, 2014. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/id/11077.pdf> Acesso em mar/2014.

MALINOWSKI, B**. Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Editora Abril Cultural:São Paulo, Col. Os Pensadores. 1976.

MARCULEWICS, S.; THOMAS, J. Labor Organizations by another Name: The Worker Center Movement and its Evolution into Coverage under the NLRA and LMRDA. In: **Labor & Employment Law**. Disponível em: <http://www.fed-soc.org/publications/detail/labor-organizations-by-another-name-the-worker-center-movement-and-its-evolution-into-coverage-under-the-nlra-and-lmrda > . Acesso em mar/2013.

MARKOFF, J. **Waves of Democracy: Social Movements and Political Change.** Thousand Oaks: Pine Forge Press. 1996.

MARSHALL, L. The Right to Democratic Participation in Labor Unions and the Use of the Hobbs Act to Combat Organized Crime, **17 Fordham Urb. L.J. 189** (1989). Disponível em <http://ir.lawnet.fordham.edu/ulj/vol17/iss2/3>. Acesso em março/2015.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação ePesquisa**, São Paulo , v. 30, n. 2, Aug. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Aug. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Editora Atlas,2008.

MELUCCI, A. A Strange Kind of Newness: What's "New" in the New Social Movements? In: LARANA, E; JOHNSTON, H; GUSFIELD, J. R. **New Social Movements**. Temple University Press: Philadelphia. 1995, p. 101-130.

MILKMAN, R. ; VOSS, K. (Orgs.) **Rebuilding Labor. Organizers in the New Union Movement.** Itahaca e Londres: ILR Press Book, Cornell University Press, 2004.

_____. **L.A. Story. Immmigrant Workers and the Future of the U.S. Labor Movement.** New York: Russel Sage Foundation, 2006.

MURRAY, R.E. (Org.). **The Lexicon of Labor.** New York: The New Press, 1998.

MAFFEZZOLLI, E.C.F; BOEHS, C.G.E**. Uma reflexão sobre o estudo de caso como um método de pesquisa. Rev. FAE**, Curitiba, v.11, n.1, p.95-110, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v11_n1/09_Eliane_Carlos.pdf

NARRO, V. Perspectives: Worker Centers and the AFL-CIO National Convention. **Law at the Margins.**. In: < http://lawatthemargins.com/perspectives-worker-centers-and-the-afl-cio-national-convention/ >. Aug/2013

NESS, I. **Guest Workers and Resistance to U.S. Corporate Despotism.**Illinois: University of Illinois Press, 2011.

NGAI, M. **Impossible Subjects: Illegal Aliens and the Making of Modern America.** Princeton University Press, 2005.

_____. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965. **Tempo**, Niterói, v. 13, n. 25,2008 .

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estud. Avançados.** [online], vol.20, n.57, 2006. pp. 7-24. ISSN 0103-4014. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200002 >.

PAYNE, B. **Taking back the reins of identity formation: The evolution of a grassroots organization in a South Florida migrant farm working community**. University of Florida- Tese de Mestrado, 2003.

PEFFER, G.A. Forbidden Families: Emigration Experiences of Chinese Women Under the Page Law, 1875-1882.**Journal of American Ethnic History v. 6,** p.28-46, 1986.

PIÑEIRO, R. C. **Developing the US: Mexico Border Region for a Prosperous and Secure Relationship.** James A. Baker III Institute for Public Policy, Rice University. 14 Abr. 2009. 29 p. Disponível em: < http://www-local.bakerinstitute.org/publications/LAI-pub-BorderSecCruz-041409.pdf >. Acesso em: 14 de Maio de 2012.

PORTES, A. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: PORTES, A. (org..). **The economic sociology of immigration – essays on networks, ethnicity and entrepreneurship.** Russell Sage Foundation: New York, 1995, p. 1-41.

_____. **Migration and Social Change: Some Conceptual Reflections**. Princeton: University Press, Aug. 2008.

_____. ; DEWIND, J. **Rethinking Migration: new theoretical and empirical perspectives**. New York: Berghahn Books, 2008.

RILEY, N.; JOHNS, D. **Florida's Farmworkers in The Twenty-First Century.** Florida: University Press of Florida, 2003. 240 p.

RIOS, K. After Long Fight, Farmworkers in Florida Win an Increase in Pay. **New York Times,** Jan. 18, 2011. Disponível em:
< http://www.nytimes.com/2011/01/19/us/19farm.html?_r=1&>.

RYON,C. H-2A Workers Should Not be Excluded From The Migrant and Seasonal Agricultural Worker Protection Act, 2 U. Md.**L.J. Race Relig. Gender & Class 137,** 2002. Disponível em: http://digitalcommons.law.umaryland.edu/rrgc/vol2/iss1/8 . Acesso em dez/2013.

ROKA, F. **Manual 2009 de los Reglamentos del Empleo que Regulan a los Empleadores y Trabajadores Agrícolas de Florida.**Disponível em :<http://edis.ifas.ufl.edu/fe856>. Acesso em 21 de ago. 2014.

ROKA, F.; COOK, D. **Farmworkers in Southwest Florida.**Gainesville: University of Florida, Institute of Food and Agricultural Sciences. 1998.

ROTHENBERG, D. **With These Hands**: The Hidden World of Migrant Farmworkers Today, Berkeley, CA: University of California Press, 1998.

SALES, T. **Políticas migratórias na America Latina e Brasil.** São Carlos: Edufscar, 2002.

SASAKI, E.M.; ASSIS, G.O. **Teorias das migrações internacionais**. XII Congresso Nacional da ABEP. Caxambu, 2000.

SASSEN, S. **The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow.** Cambridge University Press: New York, 1988.

SCHIAVONE, M. **Unions in Crisis? The future of organized Labor in America.** Westport: Praeger Publisher. 2008.

SELLERS, R. S. Del Pueblo, para el Pueblo. The Coalition of Immokalee Workers and the fight for fair food. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – The University of Texas at Austin. 163 p.

SLONGWHITE, D. F. **Fed up: the high costs of cheap food.** Gainesville: University Press of Florida, 2014.

SENSENBRENNER, J; PORTES, A. Embeddedness and Immigration: Notes on the Social Determinants of Economic Action. **American Journal of Sociology** 98 (6), 1993, p.1320-1350.

SOLIMANO, A.; WATTS, N. **International migration, capital flows and the global economy: a long run view.** Série Macroeconomía del Desarollo. Economic Development Division, Santigo, 2005. Disponível em: < http://www.eclac.org/publicaciones/xml/7/22007/lcl2259i.pdf > Acesso em jun./2013.

STEIN, L. M. **Trabalho Informal e Migrantes nos Estados Unidos.** A nova via de organização sindical**.** Revista Estudos de Sociologia, ano 10, n.17, Departamento de Sociologia, Unesp, Araraquara, 2004.

_____. **Trabalho Informal, Globalização e Sindicatos Norte-americanos Hoje.** Algumas formas de resistência. Revista Interseções de Estudos Interdisciplinares – ano 8, n.1 (2006) – Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/UERJ.

_____. **Precarious Work, Migrants and Resistances: from unions to worker centers, base communities and alliances in the United States.** 2013.

_____.**Mercado de Trabalho Transnacional, Precarização eResistências coletivas nos Estados Unidos nos anos 90.** Ponencia presentada al VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural,Porto de Galinhas, 2010.

STEIN, L. M.; PERA, G.T. **Greve e Complexidade: Dilemas do movimento dos controladores de vôo no Brasil (2006-2007)**.
REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.1, n.1, jul./dez. 2008.

STEIN, L.M;COUTINHO, B.I. **Trabalhadores hóspedes: Herders, Borregueros ou peões nas montanhas rochosas dos Estados Unidos e Canadá**. REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, v. vol.6, p. 1, 2013.

TILLY, C. **Transplanted networks. In: YANS, M. V. Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. Oxford University Press: New York, 1990.

TRAGER, L. (org.). **Migration and Economy. Global and Local Dynamics.** Altamira Press: NY, 2005.

VARGAS, A. 'Illegal' Or Undocumented? Pulitzer Prize Winner Restarts Debate. **Huffington Post,** Jan. 2012. In <http://www.huffingtonpost.com/2012/09/27/jose-antonio-vargas-illegal-undocumented_n_1918631.html> . Acesso em mai. 2014.

WALSH, J. Striking a Delicate Balance: Autonomy, Collectivity, and the Coalition of Immokalee Workers. **Study of Social Problems Annual Meeting**, 2010, Atlanta, GA.

WILLIAMS, P. J.; LORET DE MOLA, P. F. **Looking for Lived Religion in Immokalee, Florida**. Paper presented at the Transnationalism and Religion Conference, Austin, Texas. January, 2006. In: < http://lanic.utexas.edu/project/rla/papers/livedreligion.pdf >. Acesso em : Ago/2013.

WILLIAMS, P. J; STEINGENGA, T. J.; VASQUEZ, M. A. (org.). **A place to be Brazilian, Guatemalan, and Mexican Immigrants in Florida's New Destinations.** Rutgers University Press: New Brunswick, Nova Jersey e London. 2009, 238 p.

WOOD, K; MITCHELL, K. **Farmworker Justice: Select Tools for Allies of the Coalition of Immokalee Workers.** Emerson National Hunger Fellows 2006-2007. 2007.

YIN, R. K. **Case Study Research. Design and Methods**. 3° edition. Sage: Thousand Oaks, Califórnia. 2003.

YIN, R. K. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZOLBERG, A. R. A **Natiol By Design. Immigration Policy in the Fashioning of America.** Russel Sage Foundation, 2009.

Sites consultados

AmericaFederation of Labor – Congress of Industrial Organization. Disponível em: < http://www.aflcio.org/ >

American Rights at Work. Disponível em: <http://www.jwj.org/wp-content/uploads/2014/04/havesandhavenots_nlracoverage.pdf >

Agricultural Labor Relations Board. Disponível em: < http://www.alrb.ca.gov/ >

Coalition of Immokalee Workers.Disponível em: < http://www.ciw-online.org/8-stats.html >

ESTADOS UNIDOS. DEPARTMENT OF LABOR. *Work Authorization for Non-U.S. Citizens: Temporary Agricultural Workers (H-2A Visas).* Disponível em:<http://www.dol.gov/compliance/guide/taw.htm >. Acesso em fev/2013.

ESTADOS UNIDOS. DEPARTMENT OF AGRICULTURE, ECONOMIC RESEARCH SERVICE. Disponível em: < www.ers.usda.gov >.

ESTADOS UNIDOS. DEPARTMENT OFAGRICULTURE, ECONOMIC RESEARCH SERVICE. United States. Tomato Statistics, available online: <http://www.ers.usda.gov/topics/crops/vegetables-pulses/tomatoes.aspx>

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture, 1997 Census of Agriculture, Volume I. Disponível em< http://www.agcensus.usda.gov/Publications/1997/ >.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. Economic Research Service. Disponível em: < http://www.ers.usda.gov/topics/farm-economy/farm-labor/background.aspx > Acesso em fev. 2014.

ESTADOS UNIDOS. Department of Housing and Urban Development. Disponível em: < www.hud.gov >.

ESTADOS UNIDOS. Department of State. Disponível em: < www.state.gov >.

ESTADOS UNIDOS. United States Census Bureau. Disponível em: < http://quickfacts.census.gov/qfd/states/12/1233250.html>

Fair Labor Standards Act. Disponível em: < http://www.dol.gov/whd/flsa/index.htm>

Fair Food Standard Council (FFSC). Disponível em: < http://fairfoodstandards.org/about.html >

Immigration Police Center. American Immigration Council. Disponível em: < http://www.immigrationpolicy.org/just-facts/summary-agjobs-agricultural-job-opportunities-benefits-and-security-act-2007 >

Interfaith for Worker Justice. Disponível em: <http://www.iwj.org/>

La Coalición de Trabajadores de Immokalee. Disponível em: < http://www.ciw-online.org/Resources/about/10CIWquienes.pdf >

Mexican Migration Project. Disponível em: < http://mmp.opr.princeton.edu/ >

National Labor Relations Board < http://www.nlrb.gov/ >

National Labor Relations Act. Disponível em: < http://www.nlrb.gov/national-labor-relations-act >

National Center for Farmworkers Health, Inc. Disponível em: < http://www.ncfh.org/ >

Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE. **Perspectivas Econômicas da América Latina 2010**, OECD Publishing, Paris, 2009.Disponível em: http://dx.doi.org/10.1787/9789264076495-pt

Pew Hispanic Center. Disponível em: < http://www.pewhispanic.org >

Parent Earth. Videos about food for families. Disponível em: <http://www.parentearth.com/grow/one-penny-more/ >

RISEP – Research Institute on Social and Economic Policy. Disponível em: < http://www.risep-fiu.org/>

South Poverty Law Center. **Close to Slavery: Guestworker Programs in the United States**. Disponível em: < www.splcenter.org >, 2010. Acesso em mar. de 2012.

Student Farmworker Alliance. In: < http://www.sfalliance.org/history.html >

Weather Forecast.com < http://es.weather-forecast.com/locations/Immokalee >

ANEXOS

Anexo 1

Anexo 1: Teorias migratórias através das disciplinas				
Disciplina	**Questões de pesquisa**	**Níveis/unidades de análises**	**Teorias dominantes**	**Exemplos de hipóteses**
Antropologia	Como os efeitos culturais da migração alteram e afetam as identidades étnicas?	Micro/individual, famílias, grupos	Relacional ou estruturalista e transnacional	Redes sociais ajudam a manter as diferenças culturais
Demografia	Como a migração afeta na mudança da população?	Macro/populações	Racionalismo (tendendo fortemente à Economia)	Migração possui um maior impacto no tamanho, porém um pequeno impacto na estrutura etária
Economia	Como se explica a propensão à migração e seus efeitos?	Micro/individual	Racionalismo: custo-benefício e máxima utilidade comportamental	Incorporação varia com o nível de capital humano dos imigrantes
Geografia	Como se explicam os padrões espaciais da migração?	Macro, médio e micro/individual, famílias e grupos	Relacional, estrutural e transnacional	A incorporação depende das redes étnicas e padrões de moradias
História	Como podemos entender a experiência migratória?	Micro/individual e grupos	Afastar-se da teoria e testar as hipóteses	Não se aplica
Lei	Como a lei influencia na migração?	Macro e micro do sistema político e legal	Institucional e racionalismo (tendendo para todas as ciências sociais)	Direitos para criar estruturas de incentivos para a migração e incorporação
Ciência Política	Porque os Estados possuem dificuldades para controlar a migração?	Macro/sistemas políticos e internacional	Institucionalista e racionalista	Estados são frequentemente capturados por interesses pró-imigrantes
Sociologia	O que explica a incorporação e exclusão?	Macro/grupos étnicos e classe social	Estruturalismo e Institucionalismo	Incorporação varia com o capital social e humano

Fonte: Brettell e Hollifield, 2000. Op.cit.

Anexo 2: Acordo firmado entre Sodexo e CIW

CONTACTS:

Jaya K. Bohlmann
Sodexo, Inc.
301 987 4415
jaya.bohlmann@sodexo.com

Lucas Benitez
Coalition of Immokalee Workers
239-657-8311
lucas@ciw-online.org

Sodexo and Coalition of Immokalee Workers Sign Fair Food Agreement

Foodservice leader, farm worker organization form strategic partnership to improve wages, working conditions in Florida tomato fields

GAITHERSBURG, MD, August 24, 2010 – With consumer demand for sustainable food growing by the day, Sodexo, North America's leading provider of Quality of Daily Life Solutions and the Coalition of Immokalee Workers (CIW), a leading voice for human rights in the U.S. agricultural industry, have joined forces to improve farm worker wages and working conditions in the tomato fields of Florida. The agreement that establishes the new partnership was signed this week and takes effect when the fall harvest begins in Florida.

The agreement puts in place a strict Florida tomato supplier code of conduct - developed and implemented with input from farm workers - that supplements Sodexo's existing supplier code of conduct. Sodexo will also pay a 1.5-cent premium for every pound of Florida tomatoes purchased, with the premium going directly to improving wages for tomato harvesters who are part of Sodexo's supply chain.

Through this agreement, Sodexo, along with other CIW partner companies, will steer its tomato purchases toward those growers who make a genuine effort to meet the specific code of conduct, and away from those growers who are found to continue to be associated with abusive labor practices. In keeping with the Fair Food Program and its zero tolerance policy for forced labor, Sodexo will instruct its suppliers not to knowingly purchase tomatoes for Sodexo from Six L's and any other farmsassociated with the latest slavery prosecution in Florida, until such time as they become participants in the Fair Food Program.

In a parallel process, Sodexo will work to expand the ability of its distributors to report the growers from whom it buys tomatoes. This increased transparency will ensure that more humane agricultural

labor practices are rewarded with increased purchases and will allow for a more accurate measure of the concrete changes in farm labor conditions brought about by the agreement.

“Sodexo is committed to protecting and upholding the rights of all workers, whether employed directly by us or by our business partners and suppliers,” said Arlin Wasserman, Sodexo vice president for sustainability and corporate social responsibility. “Our Supplier Code of Conduct has always emphasized strong practices and policies regarding labor practices and working conditions. We can now strengthen these as they relate to specific concerns facing farm workers in Florida’s tomato growing region, which were brought to our attention by the CIW. We are pleased with the newly adopted Code of Conduct specific to these Florida farm workers.”

For more information about Sodexo’s comprehensive Supplier Code of Conduct, please visit www.sodexousa.com.

“We are happy to be working with an industry leader like Sodexo to advance fundamental human rights in Florida’s fields,” said Lucas Benitez of the CIW. “Social responsibility takes a genuine, sustained engagement with workers and growers on the ground, and a determination to support, with increased business, those growers who agree to comply with the highest standards.”

“Together with Sodexo and our other partners, we are building a system of real accountability, with tangible consequences for growers who fail to protect farm workers’ basic rights,” continued Benitez. “It is our belief that such accountability, with worker input, will be the foundation for lasting improvements in the industry.”

Sodexo in North America

Sodexo, Inc. (www.sodexoUSA.com) leading Quality of Daily Life Solutions company in the U.S., Canada, and Mexico, delivers On Site Service Solutions in Corporate, Education, Health Care, Government, and Remote Site segments, as well as Motivation Solutions such as Esteem Pass. Sodexo, Inc., headquartered in Gaithersburg, Md. funds all administrative costs for the Sodexo Foundation (www.SodexoFoundation.org), an independent charitable organization that, since its founding in 1999, has made more than $13 million in grants to fight hunger in America. Visit the corporate blog at www.sodexoUSA.com/blog.

About Coalition of the Immokalee Workers (CIW)

The CIW (www.ciw-online.org) is a community-based farmworker organization headquartered in Immokalee, Florida, with over 4,000 members. The CIW seeks modern working conditions for farmworkers and promotes their fair treatment in accordance with national and international labor standards. Among its accomplishments, the CIW has aided in the prosecution by the Department of Justice of six slavery operations and the liberation of well over 1,000 workers. The CIW’s Campaign for Fair Food has won unprecedented support for fundamental farm labor reforms from retail food industry leaders, with the goal of enlisting the market power of those companies to demand more humane labor standards from their Florida tomato suppliers.

###